Port
5965
79.3B
CAMILLO CASTELLO BRANCO
OBRAS

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

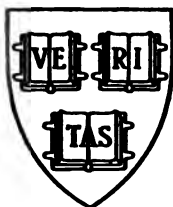
EDIÇÃO POPULAR

LXXVIII

THEATRO

III

VOLUMES PUBLICADOS

Eis os titulos dos ultimos volumes:

N.º 22 — **Agulha em palheiro.**
N.º 23 — **O olho de vidro.**
N.º 24 — **Annos de prosa.**
N.º 25 — **Os brilhantes do brasileiro.**
N.º 26 — **A bruxa do Monte-Cordova.**
N.º 27 — **Carlota Angela.**
N.º 28 — **Quatro horas innocentes.**
N.º 29 — **As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!**
N.º 30 — **A filha do Doutor Negro.**
N.º 31 — **Estrellas propicias.**
N.º 32 — **A filha do regicida.**
N.ºs 33 e 34 — **O demonio do ouro.**
N.º 35 — **O regicida.**
N.º 36 — **A filha do arcediago.**
N.º 37 — **A neta do arcediago.**
N.º 38 — **Delictos da Mocidade.**
N.º 39 — **Onde está a felicidade.**
N.º 40 — **Um homem de brios**
N.º 41 — **Memorias de Guilherme do Amaral.**
N.ºs 42, 43 e 44 — **Mysterios de Lisboa.**
N.ºs 45 e 46 — **Livro negro de padre Diniz.**
N.ºs 47 e 48 — **O judeu.**
N.º 49 — **Duas épocas da vida.**
N.º 50 — **Estrellas funestas.**
N.º 51 — **Lagrimas abençoadas.**
N.º 52 — **Lucta de gigantes.**
N.ºs 53 e 54 — **Memorias do carcere.**
N.º 55 — **Mysterios de Fafe.**
N.º 56 — **Coração, cabeça e estomago.**
N.º 57 — **O que fazem mulheres.**
N.º 58 — **O retrato de Ricardina.**
N.º 59 — **O sangue.**
N.º 60 — **O santo da montanha.**
N.º 61 — **Vingança.**
N.º 62 — **Vinte horas de liteira.**
N.º 63 — **A queda d'um anjo.**
N.º 64 — **Scenas da Foz.**
N.º 65 — **Scenas contemporaneas.**
N.º 66 — **O romance d'um rapaz pobre.**
N.º 67 — **Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.**
N.º 68 — **Noites de Lamego.**
N.º 69 — **Scenas innocentes da comedia humana.**
N.ºs 70 e 71 — **Os Martyres.**
N.º 72 — **Um livro.**
N.º 73 — **A Sereia.**
N.º 74 — **Esboços de apreciações litterarias.**
N.º 75 — **Cousas leves e pesadas.**
N.º 76 — **Theatro: — I Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.**
N.º 77 — **Theatro: — II. Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flores. — Purgatorio e Paraizo.**
N.º 78 — **Theatro: — III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

THEATRO

III

O MORGADO DE FAFE EM LISBOA

Comedia em 2 actos

TERCEIRA EDIÇÃO

O MORGADO DE FAFE AMOROSO

Comedia em 3 actos

SEGUNDA EDIÇÃO

O ULTIMO ACTO

Drama em 1 acto

TERCEIRA EDIÇÃO

ABENÇOADAS LAGRIMAS!

Drama em 3 actos

TERCEIRA EDIÇÃO

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PERSONAGENS

BARÃO DE CASSURRAENS.
BARONEZA DO MESMO TITULO.
D. LEOCADIA, filha do barão.
MORGADO DE FAFE, ANTONIO DOS AMARAES TINOCO.
LUIZ PESSANHA.
FRANCISCO DE PROENÇA.
JOÃO LEITE.
ANTONIO SOARES.
UM JUIZ.
UM ESCRIVÃO.
DAMAS, denominadas 1.ª, 2.ª e 3.ª.

O MORGADO DE FAFE EM LISBOA

ACTO I

Sala ricamente guarnecida. Algumas mezas occupadas por pessoas que jogam

SCENA I

BARÃO *e* BARONEZA DE CASSURRAENS, D. LEOCADIA, AS TRES DAMAS, LUIZ PESSANHA, *e* FRANCISCO DE PROENÇA

(*Ao correr do panno ouvem-se as ultimas notas do* alegro *de uma aria que D. Leocadia canta acompanhando-se ao piano.*)

Vozes, *dos que jogam e dos que estão na frente da scena*

Muito bem! excellentemente! deliciosamente, minha senhora!

Pessanha, *a D. Leocadia que sahe do piano*

Cantou angelicamente, prima Leocadia.

Proença

E o anjo que cantava só podia ser dignamente acompanhado pelo anjo que tocava.

D. Leocadia

Já ouviram cantar os anjos?

Pessanha

Em sonhos, já. Ouvem-se os anjos em sonhos, quando adormecemos com a alma cheia da voz melodiosa da mulher amada.

Baroneza, *á parte*

Que palavreado!

Pessanha

Vossas excellencias, se nunca ouviram em sonhos as harmonias dos anjos, é que ainda não amaram d'aquelle amor que nos repassa a alma das musicas de Amphião e Orpheu.

D. Leocadia, *ironica*

Sublime, magnifico, primo!

1.ª Dama

Os meus anjos cantam muito desafinados.

2.ª Dama

Os meus constipam-se nos gelos da alma.

Baroneza

Isso parece-me esquisito, menina... Torna a dizer, Cassilda.

Proença

Foi uma bella idéa, a de sua sobrinha, senhora baroneza... (*á 3.ª dama*) E os anjos de v. ex.ª?

3.ª Dama

Os meus foram todos escripturados para cantarem no coração da prima Leocadia.

D. Leocadia

Ai! Estás enganada, Carolina... Eu já não creio em anjos... Estou sceptica, estranhamente sceptica.

Pessanha

Sceptica, prima!? Que blasfemia! Isso é desagradecer o raio de graça com que a Providencia lhe alumia o que para outras almas se esconde em trevas.

Baroneza

O' primo Pessanha, não esteja a fazer vaidosas estas meninas.

Pessanha

A vaidade, prima baroneza, é um adorno das almas distinctas, quando se não vangloria em deslumbrar a vaidade alheia.

Baroneza

Assim será; mas eu não gosto de ouvir expressões inconvenientes... Que é estar ahi a fallar em anjos que se constipam, em anjos escripturados?! Forte irreverencia!

D. Leocadia

Não se falla dos anjos do céo, minha mãe, é dos an-

jos dos poetas que descem muitas vezes do céo para o inferno d'este mundo.

As tres damas, *rindo e fallando simultaneamente*

1.ª

E' verdade, prima Leocadia.

2.ª

Os anjos dos poetas são assim.

3.ª

Disseste divinamente, menina.

Baroneza

Crédo! que fallarío as meninas fazem!

Pessanha

E' novidade, prima .. Deixe-as deprimir os poetas, que o incenso não as enjôa.

Baroneza

Olhe, primo, contra os poetas acho eu que tudo o que se diz é pouco, porque os poetas d'agora já nem sequer servem para entreter senhoras n'uma sala. No meu tempo, quando eu era muito menina, sim, aqui ha quinze annos, pouco mais ou menos, os poetas eram uma gente divertida, que alegrava a boa sociedade, glosando motes em decimas e sonetos que todo o mundo entendia. No meu tempo havia em Braga quatro conegos, poetas de mão-cheia. Que poetas aquelles!... Ai! que saudade!... Os d'agora são todos assim pelo gosto de Antonio Soares, que diz uns versos que não fazem

chorar nem rir. E o que mais me espanta e aborrece é estas meninas a dizerem: *muito bem! sublime! bravo!* Como se percebessem os versos melhor do que eu, e...

Pessanha

E que o author... talvez queira dizer, prima.

Baroneza

E os que elle recita ao piano!? Que modas! acompanhar os versos com polkas!

D. Leocadia, *impaciente*

Oh mãe! Olhe que não vá elle entrar e ouvir! Eu acho os versos de Antonio Soares lindissimos, inspirados, ardentes de paixão...

Pessanha, *a meia voz*

Bravo! que enthusiasmo!... (*Alto.*) Deve saber, prima baroneza, que a linguagem do coração tem seu progresso, como linguagem das sciencias. N'uma época sentimental como a nossa, o vocabulario do poeta deve ser d'este mundo o menos possivel.

Baroneza

Olhe, primo Luiz Pessanha, eu como fallo a linguagem d'este mundo, não entendi bem o que me disse, sou franca.

Proença

Modestia, modestia, senhora baroneza...

Baroneza

O que eu quero é que a minha Leocadia seja mais

temperada no fallar, e que estas meninas se pareçam com sua mãe, que Deus haja, que era uma senhora acabada a todos es respeitos.

As tres damas, *simultaneamente*

1.ª

Está cruel, a tia baroneza!

2.ª

Não dèsculpa nada! a gente ha de ser muda!

3.ª

Quer por força que sejamos velhas no alvorecer da vida.

Baroneza

Vejam, vejam que mau costume as meninas teem de chilrearem todas ao mesmo tempo! Hei de ralhar, quando o merecerem, porque as amo. Sua mãe, se fosse viva, havia de dizer-lhes o mesmo.

Barão, *da meza onde joga*

O' Felizarda, o chá demora-se. São sete horas e meia.

Baroneza

Esperavamos o João Leite e o amigo que elle quer apresentar; mas eu dou as ordens. (*Sahe.*)

Pessanha, *despeitado*

Estou maravilhado, prima Leocadia!

D. Leocadia

De quê, primo?

Pessanha, *ironico*

Dos inspirados, lindissimos e ardentes versos de Antonio Soares.

D. Leocadia

Pois não são!? Triste coisa! Porque Antonio Soares não é rico, até o talento lhe querem desdenhar!

SCENA II

OS MESMOS, JOÃO LEITE, BARONEZA, *e o* MORGADO DE FAFE

Baroneza

(*Sahe d'uma porta lateral, quando os recemvindos assomam á porta do fundo*)

Aqui está o senhor João Leite.

D. Leocadia

Que singularidade de homem é aquillo?

Leite, *conduzindo o morgado ao barão, que se levanta*

Sr. barão, eu tenho a honra de apresentar a v. exc.ª o meu particular amigo e um dos mais distinctos e abastados cavalheiros da nossa provincia, o senhor Antonio dos Amaraes Tinoco Albergaria e Valladares, morgado de Fafe.

Barão

Muito fólgo de receber n'esta casa o sr. morgado, e estimarei que a frequente com a familiaridade que torna

precisas e agradaveis as relações. Quando chegou da nossa bella provincia?

Morgado

Cheguei ha tres dias pela estrada a vapor, e acho que é bem engenhada aquella idéa. (*Os dois ficam gesticulando*).

Leite, *ás damas a meia voz*

O meu amigo é um puro provinciano, minhas senhoras. V. ex.as terão de suffocar algumas vezes o riso, porque o morgado tem a rustica franqueza da ignorancia, e entra pela primeira vez n'uma sala ceremoniosa. (*Recúa*).

Barão

Senhor morgado, aqui lhe apresento minha mulher.

Morgado

Passasse muito bem.

Barão, *recuando*

Minha filha...

Morgado

Passasse muito bem. E' galantinha, benza-a Deus.

Barão

Estas tres meninas, todas irmãs, minhas sobrinhas, filhas do meu primo o conselheiro Alberto de Menezes, que se acha n'aquella meza. (*Cumprimentam-se; o morgado tem seguido acanhadamente o barão, de sorte que se acha fóra do grupo das damas quando entra Antonio Soares.*)

Morgado

Passassem muito bem. São bonitas creaturas. (*Riem-se á socapa. D. Leocadia e a baroneza conversam. O grupo da direita avança o mais que póde*).

Barão

O sr. Francisco de Proença. Meu primo Luiz Pessanha (*entra Antonio Soares*) e o senhor Antonio Soares, que vem entrando. (*Movimento de Leocadia*). Ao senhor Antonio Soares tenho a honra de apresentar o senhor morgado de Fafe.

SCENA III

OS MESMOS *e* ANTONIO SOARES

(*Antonio Soares com os bigodes aguçados pela cêra, e a luneta pensil, faz rir descompostamente o morgado.*)

Morgado, *a Soares que o fita carrancudo*

O senhor ha de perdoar, mas não sei o que me parecia.

Soares

O que pareço eu ao senhor?

Morgado, *rindo*

Que ratão!

Soares, *aos circumstantes*

Este homem é parvo?

Barão, *áparte*

Parece-o.

Leite

Senhor morgado!...

Soares

De que ri o senhor?! Acabemos com isto!

Morgado

E' d'esse arranjo em que o senhor traz a fisionomia da sua pessoa. V. s.ª, se fizer assim, (*Sacode a cabeça*). Deus nos livre, ficava a gente com os bigodes. Santo nome! Isso parecia coiza d'aleijão. E as cangalhas aqui assim!... (*Mencionando o proprio nariz*). Que ratão.

Soares

Quem trouxe aqui este mentecapto?! (*Os que jogam suspendem o jogo para observarem.*)

Leite, *entre elles*

Fui eu, e pedirei ao sr. Antonio Soares que não se offenda de um gracejo cuja intenção é inoffensiva. (*Passa ao barão*).

Morgado, *com seriedade*

V. s.ª chamou-me mentecapto. Mentecapto, pelos modos quer dizer tolo. Eu não vou á parede, esteja descançado. E' ditado velho—aonde se dão, ahi se apanham.—Mas o sr. ha de acreditar uma coisa que eu vou dizer: pareço tolo, mas não sou, não sou, acredite.

Soares

N'esse caso é grosseiro, (*Movimento geral*) e deveria ter pedido, a quem o apresentou, que o civilisasse primeiro. (*A's damas.*) Peço perdão, minhas senhoras. (*Agitado*).

Baroneza, *mostrando-se afflicta*

Eu estou banzada e perplexa!

Morgado, *gravemente*

A minha mania é dizer o que sinto, e rir do que me alegra cá no interior. Palavra d'honra que me regalei de o ver assim ao senhor, e ri-me pensando que o senhor gostava de que se risse a gente. Não cuidei que o senhor vinha assim amanhado de cara para a gente estar sério. Mas á vista d'isso, perdoará.

(Entram os criados com bandejas de chá e doce. Soares vae a uma bandeja tomar uma chavena e dá-a a D. Leocadia. Proença e Pessanha fazem o mesmo ás outras senhoras. O morgado vae tirar uma chavena da bandeja ao criado da direita.)

Barão, *no meio d'elles*

Está dada a satisfação; vamos ao chá. (*Sóbe.*)

Leite, *á baroneza*

Eu sinto amargamente este desgosto, senhora baroneza.

Baroneza

Foi bem feito. Não gosto d'este peralvilho. Não se afflija por isso.

D. Leocadia, *a Soares, que lhe offerece a chavena*

Incommodam-te as chocarrices de um idiota?!... Vamos fazel-o nosso bobo... Has de rii muito á custa d'elle.

Soares

Escreveste o requerimento?

D. Leocadia

Já está na mão do escudeiro para ser-te entregue. (*Sentam-se as damas.*)

Barão

Senhor morgado, sirva-se de doce.

Morgado, *servindo-se*

Venha de lá isso. *(Tira uma mão-cheia de biscoitos que vae sopeteando na chavena, posta commodamente sobre os joelhos.)* Vm.ce que quer? *(Ao criado que está junto d'elle com a bandeja do assucareiro.)*

Criado

Se precisa assucar...

Morgado

Bote mais uma colher d'elle. (*Gargalhada de Soares, e riso mal reprimido das damas.*) Olá! o senhor já se ri! Ainda bem! Estava d'ahi a inguiçar-me com os *lusios* por detrás das vidraças, que nem me prestava o chá... Olhe lá se eu me zango porque o sr. se ri de mim! Venha de lá outra, se me faz favor. (*Toma segunda chavena de chá*).

Leite *áparte*

Estou vexadissimo! (*Sóbe e desce.*)

Barão, *galhofeiro*

Nada de ceremonia, sr. morgado.

Morgado

Ceremonia! Ora essa! Então o sr. barão ainda não sabe com quem está fallando! (*O criado vem offerecer-lhe doce.*) Eu lhe vou contar uma passagem da minha vida. (*Ao criado que serve o doce.*) Chegue cá o sólido. O melhor é pôr o taboleiro em cima d'esta tripeça. (*O barão sóbe para conter o riso. O morgado pucha para junto de si o banquinho do piano*).

Baroneza, *ás damas que reteem difficilmente o riso*

Scio! scio!

Morgado

Deixe rir as moças. Eu quando vou a alguma casa não é para fazer chorar ninguem.

Pessanha

Vamos á passagem da sua vida, senhor morgado.

Morgado, *com a bocca cheia*

Lá vou já. Este doce não está mal amanhado. A como se vende o arratel d'isto cá em Lisboa, ó sr. Leite?

Leite, *com enfado*

Não sei, nem a occasião é agora opportuna para similhantes averiguações. Tratamos depois d'isso.

Morgado

Quando o caminho de ferro chegar a Fafe, hei de mandar ir d'estas cavacas em quanto estão frescas. O' sr. João Leite, o senhor, que eu fiz deputado, e mais os meus caseiros e foreiros, porque não arranja um caminho de ferro para Fafe?! V. ex.as (*A's damas*) podiam aqui comer em Lisboa batatas muito boas, e baratissimas. A como pagam os senhores cá na capital o milho e os feijões? (*Leocadia ergue-se.*)

1.ª Dama

Conte-nos a passagem, senhor morgado... estamos anciosas.

Morgado

Estão? (*Erguendo-se*). Ora eu vou contar. Ha de haver dez annos que eu fui ao Porto para contractar o meu casamento com o pae de uma menina, que, não desfazendo em ninguem que me ouve, tinha um palmo de cara que se podia vêr; tocava realejo, e dançava o *solio inglez* e a *gaivota*, que eram poucos os olhos da cara *p'ra verem*. Deu-me no gôto a moça, e resolvi casar-me. E' verdade que lá no Porto diziam que o pae fazia em casa o dinheiro que lhe era preciso para os seus gastos; mas isso que tinha?! Fazer dinheiro é um modo de vida que não me consta que desfizesse casamento em parte nenhuma... Pelo contrario, meu mano frade diz que tem feito muito.

As tres damas, *ao mesmo tempo*

1.ª

Pois casou?

2.ª

Ah! casou?!

3.ª

Ditosa esposa! Oh! quanto a invejo!

Morgado

Fallam todas á pancada! Ora, diga lá cada uma por sua vez o que tem na idéa.

3.ª dama

Eu disse que invejava a sorte da sua esposa.

Baroneza, *descendo*

Menina! (*Com severidade*) Seja comedida no seu enthusiasmo, e não interrompa.

Morgado

Liberdade de imprensa, minha rica senhora. Deixe-a fallar. Eu não casei com a tal menina, minha senhora.

As tres damas, *fallando simultaneamente*

2.ª

Ah! não!

3.ª

Trahiu-o, talvez; que injustiça!

1.ª

E que mau gosto!

Morgado

Não ha que vêr; são como as rãas; em fallando uma fallam todas.

Soares, *á parte, a D. Leocadia*

E' muito grosseiro!

Barão

Deixem fallar o senhor morgado, meninas.

Morgado

Chamava-se Maria, a menina; mas ella gostava que lhe chamassem Marcia, porque Marcia é poetico; e lá a casa do pae d'ella ia um poeta jantar que lhe chamava Marcia. Estava marcado o dia do casamento, quando fui jantar a casa de meu sogro. A noiva ficou á minha esquerda, e estava vermelha como uma ginja. Era a innocencia, pelos modos; mas eu cuidei que seria indisposição de dentro, e perguntei-lhe se estava intoirida com o jantar. Disse-me que não tinha provado nada; e eu, cuidando que era fraqueza o seu mal, botei-lhe ao prato uma perna de perú. E que ha de ella fazer? Ergue-se assarapantada, e foge. O que é, o que não é, que será, erguem-se todos; uns vão, outros vem, tudo se mexe menos eu, que fiquei comendo o peito do perú, bocado porque sou doido. Tratei de saber o que tivera a moça. Vi o poeta e perguntei-lhe: «O senhor sabe dizer-me o que teve a snr.ª D. Marcia?» Que ha de dizer-me o homem? «A menina retirou-se porque v. s.ª a envergonhou com a perna do perú.»—«Homem, essa!—disse-lhe eu—Aposto que o senhor poeta, lá nos seus versos, lhe disse que uma menina innocente devia envergonhar-se da perna d'um perú?!» No dia seguinte, meus caros senhores, escrevia uma carta ao pae de Marcia, dizendo-lhe que em minha casa se comia muita somma de perú, e que eu não estava para ir atrás de minha mulher todas as vezes que viesse á meza um

perú com pernas.—Em quanto a mim, a moça fugiu envergonhada de vêr que eu comia á portugueza, ao passo que o poeta e outros que lá estavam, com os guardanapos postos á laia de babeiros, diziam uma coisa, que elles chamavam *espichos*, do tamanho da legua da Povoa, e lavavam os dedos n'uma tigella d'agua, que eu ia bebendo, por não saber que é moda agora fazer da meza lavatorio. Isto veiu ao caso de dizer que não sou homem de ceremonias. Cômo em casa dos amigos em quanto tenho vontade, e quem vae á minha casa ha de comer até lhe tocar com o dedo. As meninas querem d'isto? *(Puxa de um cartuxo de rebuçados, que quer repartir aos punhados).* São d'avenca legitimos; trouxe-os do Porto. Sirvam-se. *(As damas, suffocando o riso, sahem de corrida da sala).*

Baroneza

São creanças, senhor morgado, não faça caso.

Morgado

Agora faço! Não faço, não, senhora. Coma v. exc.ª, se quizer.

Baroneza, *tomando um rebuçado*

Agradecida. Eu vou reprehendêl-as.

Morgado

Deixe-se d'isso que perde o tempo. Isto de senhoras só se castigam bem com as disciplinas do deus Cupido. (*A baroneza sahe rindo*). Até a sua velha se ri, senhor barão. E' uma santa mulher, acho eu.

Soares

E' um typo!

Pessanha, *ironico*

E' um homem unico, sr. morgado! Invejo-lhe o espirito e a felicidade!

Morgado

Quer rebuçados?

Barão

Joga, sr. morgado?

Morgado

A bisca de nove e o trinta e um.

Barão

Voltarete ou *boston,* não quer?

Morgado

Hei de aprender isso, ámanhã fallaremos.

Barão

Pois conversem, que as meninas vem já. *(Sobe á mesa do fundo com Soares e vão sentar-se ao jogo; Proença retira para o interior).*

SCENA IV

MORGADO, JOÃO LEITE *e* OS QUE ESTÃO JOGANDO

Leite

Senhor morgado, tem dito coisas que não parecem suas.

Morgado

Pois ahi tem! O senhor cuidava naturalmente que

eu vinha á capital aprender a fallar ás senhoras!... Nós, lá em Fafe, estamos civilisados.

Leite

Pois em nome da civilisação de Fafe, é que eu peço a v. s.ª que modere a sua lingua.

Morgado

Pelo que vejo, quem vem a Lisboa ha de moderar a lingua! Acho que o diz bem, e que o faz melhor, snr. Leite. E' por isso que o senhor, desde que entrou nas côrtes, não disse palavra. Ha de ser por isso. O meu amigo snr. Leite, quando fallava aos *convicios* populares, lá na nossa terra, fallava pelos cotovellos. Mas isto cá, pelos modos, muda muito de figura. Pois dou-lhe a minha palavra de honra, que, se eu fosse deputado, havia de fallar quando fosse preciso, e mais não estudei grammatica nem mathematica. Um bom deputado tem sempre que dizer. Eu tanto pedi ao senhor que arranjasse cá com o governo a passar-me a estrada á porta, mas o senhor não fez caso, nem respondeu á carta do boticario que lhe pedia um habito de Christo... Palpita-me que v. s.ª não torna cá...

Leite

Fallaremos a esse respeito opportunamente: o que eu agora encarecidamente lhe peço é que não falle tanto nem dê aso a que se riam de v. s.ª. — As suas excellentes qualidades, regidas pela prudencia e comedimento, habilitam-no a dar-se na sociedade uma posição digna do seu nascimento e riqueza. Em Lisboa pezam-se as palavras, e o provinciano, que se não cohibe, é sempre alvo do escarneo.

Morgado

Com que então em Lisboa pezam-se palavras! E' por isso que o senhor ainda não deu meia oitava d'ellas nas camaras... (*Rindo e abraçando-o*). Isto é chalaça, meu janota... Não se assuste. Em quanto eu fôr vivo, ha de o senhor ser sempre deputado; mas não se esqueça d'aquelles *thermometros* d'estiada em que lhe fallei... O senhor o que tem?! Está a scismar, com um semblante tão assombrado! Isso, em quanto a mim, é paixão d'alma por alguma das feiticeiras cá da casa... Diga a verdade...

SCENA V

OS MESMOS *e* FRANCISCO DE PROENÇA

Proença, *a Soares, que está junto d'elle*

Acceita estas cartas, Soares; eu volto já. (*Ergue-se e vem para junto de Leite. O morgado vae folhear um livro que está sobre a jardineira*). Ainda não tive occasião de perguntar-te o que passaste hontem com Leocadia.

Leite

Nada.

Proença

Não lhe fallaste?

Leite

Não pude. Sou um idiota ao pé d'esta mulher. Não me atrevo a dizer-lhe palavra que não seja uma puerilidade ou uma inconveniencia.

Proença

A coisa mais parecida com um tolo é um homem de talento apaixonado.

Leite

E' uma paixão de creança esta minha... Leocadia comprehendeu-me, e augmenta caprichosamente o meu embaraço com o olhar interrogador que me lança...

Morgado

O' sr. Leite. (*Levanta-se*). Este author chamado *Ro us se au x* de que trata? E' da molestia do gado vacum?

Leite, *abstrahido*

Não, não é.

Morgado

E' porque está aqui *episode*, e pensei que isto queria dizer *epizothia.*

Proença, *rindo*

E' impagavel este homem! Cuido que o mandaste buscar á provincia para te distrahir.

Leite

Refinou na sandice, desde que chegou a Lisboa. Tem-me vexado aqui hoje, e o ridiculo d'elle póde reflectir em mim aos olhos de Leocadia.

Proença

Não é isso natural; póde ser até que Leocadia te agradeça este debique... Vamos, animo! Sahe d'esta posição equivoca; declara-te.

Morgado

E' segredo?

Leite

Não, senhor.

Proença

Se não queres dizer-lho, escreve-lhe. Posso asseverar-te que tens a estima da baroneza, e a do barão has de conquistal-a por intermedio da filha.

Leite

E poderei disputal-a ao primo e ao Soares?

Proença

Não ha rival invencivel. A mulher que tem mais de um adorador, mostra que não lhe agrada nenhum. Se se deixa incensar por dois, é porque espera o incenso de um terceiro.

Leite

Leocadia é uma mulher excentrica.

Proença

Por isso mesmo.

Leite

Todas as vezes que eu encaminho a conversação de modo que a declaração occorra naturalmente, ella adivinha-me, e interrompe com alguma phrase desdenhosa, que me deixa... que me deixa...

Morgado

Atrapalhado?... Eu logo vi que o senhor estava namorado da filha do dono da casa. Já vê que não sou tolo...

Proença, *risonho*

E' verdade, sr. morgado. O nosso amigo está apaixonado pela sr.ª D. Leocadia, mas não lho diz. Que remedio daria v. s.ª a isto?

Morgado

O remedio é dizer-lho; pois então?

Proença

Vês, Leite. Aqui tens uma opinião illustrada que corrobora a minha.

Morgado

Pois cá em Lisboa é moda a gente não dizer a uma moça que a ama, quando sente no interior o fogo da sympathia?

Proença

O amor sublime tem estas exquisitices, meu caro senhor. E v. s.ª nunca se sentiu acanhado ao pé da mulher querida?

Morgado

Eu não, senhor. Digo-lhe tudo o que me vem á idéa, e, se me ficam a talho de fouce, beijo-lhe a mão, e cáio de joelhos, como se faz na comedia; é o meu systema. O sr. Leite sabe o que eu tenho feito lá por Fafe; elle ahi está que o diga... O senhor conhece a Theresinha do Aidro, e a Joanna do Reguengo de baixo...

Leite, *sorrindo*

Muito agradecido á sua bondade...

Morgado

O ratão já se ri. Já está com melhor ar... Pois diga á menina que lhe quer bem, e o mais deixe-o por minha conta... Quer o senhor uma coisa? Digo-lh'o eu.

Leite, *rindo*

Muito agradecido á sua bondade...

Morgado

Isto é sério... os amigos conhecem-se nas occasiões.

SCENA VI

OS MESMOS, A BARONEZA, D. LEOCADIA, AS TRES DAMAS *e* PESSANHA

Baroneza

Desculpe-nos a demora, sr. morgado. A estes cavalheiros não farei igual pedido, porque são amigos intimos e tolerantes.

Morgado

Estiveram a ceiar, naturalmente... Eu vou logo fazer o mesmo.

Baroneza

Não, senhor, é porque uma das meninas teve um ligeiro insulto nervoso.

Morgado

Insulto nervoso acho que é o mesmo que *faniquito*... Ella tem razão... Aposto que foi esta! (*indica Leocadia*). Eu bem sei que ella ha de viver amofinada...

D. Leocadia

Eu?! Porque?

Morgado

Eu bem sei, magana... Nós fallaremos. O amor é como as toupeiras, que se não dão bem com a luz do dia... Veja se me intende...

D. Leocadia

Eu? Não! Que sabe? Diga...

Morgado

Sei o que a menina sabe, mas finge que não sabe, porque sabe que... sim, a menina bem sabe que... (*Leite puxa-lhe pela aba da casaca*). Ò senhor rompe-me!

As tres damas, *ao mesmo tempo:*

1.ª

Diga, diga o que é.

2.ª

A Leocadiasinha não sabe nada.

3.ª

Diga, diga, sr. morgado!

Morgado

Isso ha de ser só a ella...

D. Leocadia

A mim só! Ai que graça! quer propor-me casamento...

Baroneza, *severa*

Menina! que palavra é essa! Nem por graça consinto que uma menina profira similhante expressão! Estão estragados os costumes antigos.

Morgado

Agora estão! faz ella muito bem em querer casar, e o noivo é como se quer... (*Leite não cessa de puxar-lhe as abas da casaca*). O senhor quer que eu fique de jaqueta, pelo que vejo... Que graça tem isso de me estar a romper!?

Leite, *baixo*

Calle-se.

Morgado

E está morto que eu falle...

D. Leocadia

Então que quer dizer-me, sr. morgado? sou toda ouvidos.

Morgado

Com licença d'estes senhores, faz favor de chegar aqui... (*Querendo affastar-se do grupo*).

Baroneza

Perdôe v. s.ª, mas eu não consinto que minha filha oiça segredos que sua mãe não possa ouvir.

Morgado

O casàmento é com ella, não é com a senhora. (*Soares tem-se, desde o principio da scena, aproximado do grupo*).

As duas damas:

1.ª

Parabens, Leocadia!

2.ª

Viva o sr. morgado de Fafe!

Soares, *áparte*

Que torpe farça é esta!

Morgado

Alto lá! não é comigo o arranjo.

D. Leocadia

Ai! não? que pena!

Baroneza

O' menina, tu estás desenvolta! Olha que eu imponho-te o silencio das indiscretas!

D. Leocadia

Ora deixe-me rir, mamã! que tem que eu chore a perda de uma illusão?! Hei de assistir calada, sem soltar um gemido, ao funeral da minha mais cara ambição? (*A baroneza, com arremêço, passa ao grupo das tres damas, que sobem*).

Morgado

Falle, falle, menina, que eu tambem já lhe disse a elle que fallasse.

D. Leocadia

A elle?! quem?

Leite, *enxugando o suor*

Que vexame!

Morgado

Olha a fazer-se tolinha! Ora vamos... Não seja ingrata a quem tanto lhe quer... (*Tomando-lhe a mão*) Tenha-lhe amor, qual outra Ignez de Castro.

D. Leocadia

Amor! A quem?

Morgado, *levando-a ao pé de Leite*

Venha cá... dê-lhe a mão, que elle é bom moço, e tem uma boa casa... seus paes hão de dar o seu consentimento...

Leite, *attribulado*

Este homem enlouqueceu... Minha senhora, peço-lhe acredite... que eu... de modo nenhum...

Morgado

Deixe-o fallar, que elle está cego de paixão pela menina... Aquillo é vergonha... Ali está aquelle (*indicando Proença*) que sabe tudo.

Soares, *com vehemencia tragica*

A farça acaba aqui, senhores! Eu acceito o encargo honroso de desforçar uma senhora e uma familia de bem, ridicularisada por um truão. Quero que se me diga se este homem é um doido, para ser entregue aos cuidados da policia, ou se tem bastante senso-commum para acceitar a responsabilidade da zombaria com que enxovalha uma familia respeitavel.

Morgado, *serenamente*

Este homem é comediante?

Soares, *ao morgado*

Responda-me: encarregaram-no d'este papel, ou o senhor é um mentecapto sem imputação?

Morgado

Você parece-me tolo, homem! A perguntar-me se eu sou doido! Aposto que se lhe perguntarem a elle se é doido, diz que não!...

Barão

O sr. Soares não tome tanto a serio o que não passa de brincadeira de uma noite. Este senhor tem um genio folgasão, e desconhece um pouco as conveniencias; mas nenhuma pessoa d'esta familia se dá por ultrajada, e o zelo do sr. Soares é exaggerado, com quanto digno do nosso reconhecimento.

Soares

Acceito a correcção; mas consintam v. ex.[as] que eu me desaffronte do insulto que me diz respeito. Eu sou offendido na parte mais nobre da minha alma. Este homem é um inepto que serve apenas de instrumento; a mão, porém, que o impelle, ha de erguer uma luva.

Morgado

O homem é um trapalhão... mistura luvas com instrumentos... Que diabo quer elle?

Baroneza

Meninas, sáiam da sala. Isto vae-se tornando bastante immoral. Retirem-se. (*Sahem*). Eu tambem me retiro consternada, estimando que este desagradavel incidente termine de modo que a candura de minha filha não fique polluida. Sr. Leite, com minha filha não se brinca, veja se me intende... Boas noites. (*Sahe*).

SCENA VII

MORGADO, BARÃO, SOARES, LEITE, PROENÇA *e* PESSANHA

Morgado

Boas noites; até ámanhã se Deus quizer.

Soares

O sr. barão sabe que eu amo sua filha.

Barão

Sei que m'a pediu para sua mulher. Respondi que não; é o que sei, e não sei mais nada.

Soares

Pois bem; a sr.ª D. Leocadia sabe o resto.

Pessanha

O resto!

Morgado

E' verdade... o resto! Isso tem que se lhe diga, acho eu.

Soares

E o sr. Leite não é estranho ás minhas intenções a respeito da sr.ª D. Leocadia, porque eu lh'as communiquei para o poupar á triste figura que tem feito.

Barão

E o sr. Soares não é estranho ás intenções de meu primo Luiz Pessanha a respeito de minha filha; e a favor d'elle é que a minha vontade está decidida.

Soares

Mas a vontade de v. ex.ª póde ser uma violencia, e eu hei de defender a opprimida, em quanto puder, contra a tyrannia de quem quer que seja.

Barão

O sr. Soares enlouqueceu. As suas iras estão a provocar o riso... Modere-se, e não me obrigue a lembrar-lhe que estou em minha casa.

Soares

Eu vou sair, mas é preciso que nos entendamos. Fui aqui ultrajado n'esta sala, e não sahirei d'aqui sem saber a quem hei de pedir ámanhã uma satisfação. (*O barão encolhe os hombros e desce, para subir o morgado*).

Pessanha, *galhofeiro*

Quererá o sr. Soares bater-se commigo?

Soares

Com o senhor e com quantos forem.

Morgado, *dando um passo para Soares*

O senhor é um basofio! Cá por mim não imbarra, porque... cuidadinho...

Barão, *entre os dois*

Tenha a bondade de accommodar-se, senhor morgado...

Morgado, *rindo*

Eu estou accommodado, sr. barão... Não se assuste... (*A Soares*) Pegue lá um rebuçado, e cale-se. (*O barão sóbe para fallar a Luiz Pessanha*).

Soares

O senhor é um parvo!

Morgado

Este menino precisa de creação, por mais que me digam. E eu não se me dava... sim... eu não se me dava de... á falta d'homens... (*Faz em si o tregeito de puchar-lhe uma orelha*).

Soares

Sr. Leite, ámanhã ouvirá de dois amigos meus o que é intempestivo dizer-lhe aqui.

Leite

Com quanto eu regeite a responsabilidade das inconveniencias proferidas pelo sr. morgado, com grave desgosto meu, não poderei receber senão agradavelmente os amigos do sr. Antonio Soares. Querendo eu, porém, que sua senhoria tenha causa justa para desafiar-me, dir-lhe-hei na presença d'estes cavalheiros, que, aspirando eu ao coração de uma senhora, cujo nome respeito muito para proferil-o, e sabendo que v. s.ª concorria commigo nas mesmas aspirações, nunca lhe daria a consideração de julgal-o meu rival.

Morgado

Fallou bem.

Soares

Esse novo insulto...

Barão

Acabem com isto, senhores; vão discutir na rua a gravidade dos insultos. Não consinto que o nome de mi-

nha filha esteja aqui servindo de mote para alterações. *(Sóbe)*.

Morgado

Apoiado! apoiado! Tambem sabe o que diz.

Soares

Eu queria dizer ao sr. Leite, que, em resposta ao seu novo insulto, fóra d'esta casa assentar-lhe-hia na cara a mão sem luva.

Leite, *sahindo*

Sr. barão, meus senhores, boa noite. (*Soares faz menção de sahir*).

Barão

Os senhores não sahirão juntos.

Soares

Estou que o sr. Leite acceitará a proposta, que é de summa prudencia.

Leite, *risonho*

Far-lhe-hei eu medo, sr. Soares?

Morgado

Medo! A quem? a isto! (*Chega ao pé de Soares*) O senhor vá-se embora; vá com Deus... Mude-se quanto antes, que eu já não o enxergo bem...

Soares

Não me toque, miseravel lôrpa, que me suja.

Morgado, *esfregando as mãos*

Está-lhe o corpo a pedir folia... Não ha remedio ..

Soares

Hei de soval-o na rua; se não encontrar adversario mais digno...

Morgado

Na rua?... Vamos lá... (*Toma-o debaixo do braço*). Vá quieto, menino, olhe que me pica com os bigodes... (*Rodeiam-no todos; cahe o panno*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Outra sala em casa do barão de Cassurraens

SCENA I

D. LEOCADIA *fazendo menção de lêr, e* AS TRES DAMAS

1.ª Dama

E' muito linda poesia!

2.ª Dama

Que frescura de phrase!

3.ª Dama

Que sabor tão oriental!

D. Leocadia

E que paixão, não é assim?

As tres damas

De certo! Apaixonadissima! Inspirada!

D. Leocadia

Soares é um genio. E' um milagre do espirito! A alma, bafejada pelo halito vulcanico d'aquelle seio, sente-se grande e atrevida, não acham?

As tres damas, *acotovelando-se*

De certo.

3.ª Dama

O' menina, lês-nos as duas coplas ultimas, que são tão harmoniosas e sentimentaes?

D. Leocadia

Pois sim, leio. (*Lê*).

Quando entre nuvens scintilla
Como em olho de sybilla...

2.ª Dama

Como em olho de sybilla... é lindo!

3.ª Dama

Arrebata!

1.ª Dama

Como em olho... que vaporoso de phrase!... Continúa, menina.

D. Leocadia, *lendo*

Quando entre nuvens scintilla,
Como em olho de sybilla,
A fulminante pupilla
Do meu casto seraphim,
Mago effluvio, odor celeste,
De minh'alma onde desceste,
Vae ao céo d'onde vieste
Entre nuvens de setim.

(*Declama*) Tão lindo! não é?

1.ª Dama

Se é!

2.ª Dama

Endoidece-se de admiração!

3.ª Dama

Eu morria de amores por um homem que me escrevesse isso.

D. Leocadia

Esta não lhe é inferior. (*Lê*).

> Electrizam-se-me os seios,
> Seios d'alma, em devaneios,
> Respondendo aos teus anceios,
> Flor, inveja dos jardins!
> No teu labio o coral ri-se,
> Todo amor, todo meiguice,
> Todo céo, todo denguice,
> Todo rir de cherubins.

1.ª Dama

Tenho-te inveja, priminha! Assim, comprehende-se que uma mulher sacrifique ao talento riquezas, glorias vãs da terra, a vontade dos paes, o futuro, tudo!

D. Leocadia

E sacrifico, eu, mulher para quem as outras olham com o desdem da estupidez, devoradas de invejas. Hei de desmentir, com a minha abnegação, os que dizem que a mulher do seculo troca a liberdade de sua alma pelas carruagens, *toilettes* deslumbrantes, pelo orgulho ephemero dos salões, por uma noite de sahir rainha de casa da modista para as magnificencias de um baile. As primas sabem que diante de mim se correm as cortinas de tres futuros. O primo Luiz Pessanha é um rapaz rico. Invejam-m'o na melhor sociedade rivaes de primeira ordem. Todos os regalos da opulencia me esperam n'este casamento. Sei que sou amada por elle até ao delirio. O meu casamento seria uma fortuna para

duas familias, e a desesperação das minhas rivaes. Não importa. Regeito o primo Pessanha, porque não ha n'aquella alma o fogo, o extasis, o amor doido e vertiginoso de Antonio Soares. Apparece-me João Leite, que não ousa inda na minha presença balbuciar a declaração do seu amor; mas eu tenho a profunda convicção de que elle, no momento em que um meu sorriso complacente o anime, irá pedir-me a meu pae. João Leite, além de rico, é deputado, e será brevemente ministro. Não importa. Entre mim e João Leite está uma imagem poetica, ideal, e desprendida das mesquinhas glorias da terra. Vejo Soares, amante como o Tasso, e arrobado como Camões, apontando-me para o céo da poesia em que as nossas almas se devem vêr á luz da bemaventurança do amor.

1.ª Dama

Estás arrebatada, menina!

2.ª Dama

Perdida!

3.ª Dama

Para que a interrompem! Era um gosto ouvil-a!

D. Leocadia

Expandi-me! Sinto-me melhor! Precisava que me ouvissem este protesto contra o materialismo do seculo. Queria que me escutasse muita gente, e que o rubor do pejo subisse ás faces das mulheres para quem o talento, o estro e o poeta não passa de um adorno do *Jardim das Damas*, ou do *Almanak de Lembranças*, queria que...

SCENA II

AS MESMAS *e a* BARONEZA

Baroneza

Menina, teu pae vem aqui fallar-te sobre negocios de grande peso. Vê como te portas.

D. Leocadia

A mamã poderá dizer-me o que são negocios de peso?

Baroneza

E' um negocio serio; está dito tudo.

D. Leocadia

Negocios comigo, não sei quaes sejam; salvo se querem outra vez affligir-me com casamentos impossiveis. Se é para isso...

Baroneza

E se fôr para isso, indiscreta?

D. Leocadia

Sustentarei a dignidade de mulher e a liberdade do coração.

Baroneza

Esqueces que fallas com tua mãe, Leocadia?

D. Leocadia

Não, minha senhora, não esqueço que fallo a minha mãe; lembro-lhe apenas que posso acceitar o seu despreso e a morte, mas não o suicidio lento. Mulheres como eu, morrem e vingam-se.

Baroneza

Esse palavriado não é teu, Leocadia. Tens a cabeça cheia de versos; mas ahi vem teu pae responder á tua bacharelice. Se te não mandassem ensinar grammatica franceza e geographia, havias de ter outras idéas a respeito do mundo. A culpa teve-a teu pae... Eu bem lhe disse que te mandasse aprender a ler sómente o necessario para te encommendares a Deus. Elle quiz por força fazer de ti litterata, e o resultado é isto que se vê... Agora elle que responda aos teus discursos... Elle ahi vem.

SCENA III

OS MESMOS, O BARÃO *e* O MORGADO

Barão, *fóra*

Faz favor de entrar, morgado. A toda a hora é bemvindo. (*Na scena*) Aqui está o nosso bravo, que sabe ensinar creanças, e dar o seu a seu dono.

Morgado

Isso são favores, senhor barão. Ora viva a senhora baroneza e mais a bella sociedade. Está melhorsinha do seu flato, a menina?

D. Leocadia

Agradecida, estou melhor, e v. s.ª como está?

Morgado

Assim, assim. Não me dou bem com as comidas de Lisboa. Lá na minha hospedaria põem-me na mesa umas iguarias á franceza, que não tem senão casca e

molho. A gente come d'aquellas fritangadas, e fica com vontade de comer e o estomago derrancado. Nós cá, os portuguezes, sabemos comer muito melhor que os estrangeiros. Os francezes, por exemplo, não sabem o quê é arroz de pato. As senhoras já comeram arroz de pato?

Barão

Pois não! em minha casa usa-se muito. Está v. s.ª convidado para jantar hoje comnosco. Ha de ter o seu manjar favorito.

Morgado

A que horas se janta cá em casa?

Barão

A' hora regular.

Morgado

A' uma hora? E' do que eu gósto. Cá em Lisboa é costume jantar-se á hora em que eu ceio na minha terra, das cinco p'ras seis.

Barão

Pois essa é justamente a nossa hora; mas em attenção ao sr. morgado jantar-se-ha mais cedo.

Morgado

Não, senhor, tudo se arranja; eu vou jantar á minha hora, e venho ceiar ás seis com o senhor.

Barão

Que tem feito n'estes tres dias, que não appareceu?

Morgado

Ora, que hei de eu ter feito? Vamos a descançar o corpo. (*Senta-se.*) Sente-se, sr. barão. Isto quem andou

não tem para andar. Já cá estão os meus quarenta e tres feitos.

Baroneza

Ninguem o ha de dizer! Está muito bem conservado; parece um rapaz!

Morgado

Eu sei-me tratar, senhora baroneza. Nunca tive senão duas doenças graves: dôres rheumaticas nas canellas, e a espinhela cahida. De resto, aqui não entra nada. Quantos annos tem a senhora?

Baroneza

Eu?... tenho... não me recordo... devo ter... pouco mais ou menos...

Morgado

Ha de ter os seus cincoenta, para cima, que não para baixo.

Baroneza, *vexada*

Não tanto... não tanto, sr. morgado...

Morgado

Não? Pois olhe que está bastante avelhada, mas gordinha... Acho que não come á franceza... faz muito bem.

Barão

Vamos a saber o que tem feito o sr. morgado?

Morgado

Eu lhe digo: o tal sujeito dos bigodes desafiou o João Leite, já sabia?

Barão

Não sabia. Pois effectivamente houve duello?

Morgado

E havia muita mostarda, se não fosse eu.

Barão

Conte-nos isso.

Morgado

O tal espinafre do Soares...

D. Leocadia, *erguendo-se irada*

Senhor!

Barão

Isso que é, Leocadia?

D. Leocadia

Acho indecoroso que estejam dando epithetos ridiculos a um cavalheiro que já frequentou esta casa.

Barão

Não lhe concedo reflexões. Retire-se d'esta sala.

Baroneza

Modera-te, modera-te, Manuel Francisco. Senta-te, Leocadia, e escuta em silencio; mas bom será que o sr. morgado não offenda as pessoas de que falla. A civilidade é a mãe das intimidades agradaveis.

D. Leocadia

Se a mãe me concede licença, retiro-me.

Barão

Agora ha de ficar. Quero que assista ao ridiculo das suas affeições indignas de si e de mim.

Morgado

Leva rumor! Isto não vae a ralhar. A senhora disse agora que a civilidade era a mãe dos agrados.

Baroneza

Das intimidades agradaveis... não corrompa.

Morgado

Pois eu corrompo?! Nunca corrompi ninguem. A senhora não sabe os meus costumes. Eu acho que o tal Soares é um *espinafre*. *Espinafre*, lá na minha terra, chamam-se uns valdevinos sem casa nem beira, que trazem as mãos no ar com bulla do Papa, e que vem a este mundo como vem as ortigas e o arroz dos telhados, que não prestam p'ra nada. Ora ahi está o que eu queria dizer na minha de *espinafre*.

Barão

Disse muito bem... não dê satisfações; faz favor de continuar.

Morgado

Lá vou; mas aquella menina *incavacou* por eu dizer espinafre!

Barão

Não faça caso, morgado. Minha filha está passando por uma época de loucura, que hoje mesmo ha de fazer crise... Queira dizer.

Morgado

Ella está a chorar; não digo mais nada.

D. Leocadia

E' de indignação que eu choro! Não esperava que meu pae quizesse forçar-me ao ridiculo d'esta scena.

As tres damas, *levantando-se, e fallando alternadamente*

1.ª

Não te afflijas.

2.ª

Não faças caso.

3.ª

Deixa fallar.

1.ª

Que triste coisa!

2.ª

Sê forte.

3.ª

Não chores, priminha!

Morgado, *áparte*

Que ingresía!

Baroneza

Vamos, meninas. Vem, Leocadia, tens razão.

SCENA IV

BARÃO *e* MORGADO

Morgado

Tenho pena d'ella, coitada! Em quanto a mim, a moça tem paixão d'alma pelo tal troca-tintas! Deu-lhe p'r'ali a pancada...

Barão

E' uma cegueira; mas espero que hoje se lhe abram os olhos.

Morgado

Isso não é mau; e se não é segredo, diga lá como ha de ser isso de lhe abrir os olhos.

Barão

Conto com a sua discrição, morgado, e não duvido dizer-lhe o que ha, porque já sei quanto v. s.ª fez em obsequio ao meu nome, embaraçando que o desafio tivesse algum resultado funesto.

Morgado

Ah! então o senhor já sabia, e estava a fazer-se tolo...

Barão

Sabia; mas queria que minha filha se envergonhasse de ser a heroina da historia.

Morgado, *espantado*

De ser quê?! Faz favor de dizer outra vez essa palavra.

Barão

A heroina da historia que o morgado ia contar.

Morgado

A heroina! Pois sua filha é heroina! Oh! isso é má coisa!

Barão

Talvez que o sr. morgado não ligue á palavra a justa idéa. *Heroina* quer dizer, no nosso caso, *motivo* dos successos vergonhosos que se deram.

Morgado

Ah! Agora percebo. E' porque meu mano frade, quando diz muito mal d'uma nossa parenta que tem muito maus costumes, chama-lhe *heroina*... *E' uma heroina!* diz elle. Agora já sei o que quer dizer *heroina; verbim gracia,* se eu quizer dizer que não venho cá jantar por motivo de não estar bem do estomago, posso dizer: por *heroina* do estomago. O senhor ri-se? Ninguem nasce ensinado, meu amigo. Eu alguma coisa hei de vir aprender a Lisboa.

Barão

Vinha eu dizendo, que conheço e reconheço os favores que v. s.ª me fez, obstando ao desafio. Sei que o morgado se apresentou no Campo grande, á hora em que deviam bater-se Soares e João Leite. Sei que os quiz quietar com boas razões, e que chegou a ameaçal-os...

Morgado

De dar tanto n'um como n'outro pancada de crear bicho, isso é verdade; e se não se accommodam, os taes ferrunchos com que se queriam furar um ao outro, haviam de ir em cata d'elles com as canas dos braços.

Barão

Sei que depois, o infame Soares, para convencer o auditorio de que tinha direitos de preferencia ao coração de Leocadia, apresentou um masso de cartas, e teve o despejo de lêr uma em que minha perdida filha o authorisava a tirar-m'a judicialmente. Sei mais, que o morgado lhe quiz arrancar as cartas, o que de certo faria, se as testemunhas do duello se não oppozessem vigorosamente a isso...

Morgado

Estava eu para bater em todos; mas n'este comenos chegou um rancho de mulheres, que vinham em passeio de burrinhos, e acabou-se a pendencia.

Barão

Tudo sei. Agora saiba o méu amigo, que fui avisado de que vem hoje aqui o juiz buscar minha filha para deposito, a requerimento d'ella para casar com Antonio Soares.

Morgado

Que me diz?! Quer o meu amigo que eu a leve para o Minho?

Barão

Mil vezes grato ao seu novo obsequio; ha remedio menos violento e mais salutar. O meu amigo verá como vem a terra todos os castellos que o pobre visionario levantou na sua phantasia, e terá occasião de vêr como são as paixões d'estes peralvilhos, que vêem as mulheres através da riqueza dos paes.

Morgado

Acho que é bem feito; mas se vir que a moça não tem juizo, eu vou leval-a a minha casa, e entrego-a ao mano frade, que é um santo varão. Lá ha de ser tratada como uma princeza. Tenho a casa petrechada á moderna, e agora quando fôr hei de levar um piano e outros instrumentos, para quando eu casar, ter a mulher com que se entretenha.

Barão

Pois tenciona casar brevemente, morgado?!

Morgado

Não sei quando isso será; isto de mulheres é preciso escolhêl-as com vagar, il-as estudando e examinando á medida que vão apparecendo. Não ha remedio senão casar tarde ou cedo, porque não quero que o vinculo de meus avós passe para parentes. Tenho uma casa de lavoura, que rende quinze mil cruzados limpos e seccos, e quero deixal-a ao meu sangue.

Barão, *áparte*

Que idéa!

Morgado

Eu, não se me dava de casar, á proporção, com uma menina de boa gente, e que tivesse um palmo de cara sympathico, porque, a fallar a verdade, uma mulher bonita é coisa boa, sr. barão, e eu já li na novella de um grande mathematico, que o homem sem mulher é como o peixe fóra d'agua, e o meu mano frade é da mesma opinião.

Barão

Assim o entendo tambem eu. A vida de casados é o unico estado em que, n'este mundo, se encontra a solida e verdadeira felicidade. Anda muito acertadamente, casando, meu amigo, e a senhora que o merecer, ha de ser forçosamente feliz. Oxalá que a fortuna me depare a minha filha marido tão digno como v. s.ª.

Morgado

Isso são favores, senhor barão. A sua filha é creatura galante, e quando Deus me castigar, seja com ella assim. Mas, se quer que lhe diga, acho-a viva de mais.

Meu irmão frade diz que as mulheres *ideotas* não provam bem...

Barão

Mas minha filha não é idiota.

Morgado

Quero dizer... *ideota,* que tem lá umas idéas desarranjadas...

Barão

Mas isso é uma grande injustiça que o morgado faz a Leocadia. Minha filha é uma menina esmeradamente educada. Tem talento e leitura; mas os dons do espirito não prejudicam as boas qualidades do coração. Se a vaidade de pae me não engana, ouso prophetisar ao homem que esposar a minha Leocadia, uma vida venturosa.

Morgado

Um... não me cheira, e ha de perdoar. A sua filha tem pancada, e tem mau genio. Não a viu ainda agora assanhada como uma cobra?

Barão

Mas não viu com que docilidade ella obedeceu e chorou arrependida do seu impeto de mau genio? Creia que minha filha tem uma boa alma, e os cuidados de esposa hão de tornal-a branda, affectuosa, e boa para todos.

Morgado

Não acho isso muito bom para um marido, snr. barão. Se eu fosse o marido, queria que ella fosse boa só para mim. Eu cá penso assim.

SCENA V

OS MESMOS *e* UM CRIADO

Criado

O senhor Pessanha pergunta se v. exc.ª póde fallar-lhe.

Barão

Que entre. Precisa annunciar-se?

Criado

Quer fallar com v. exc.ª particularmente, por isso me mandou saber se era occasião de o receber.

Barão

Condul-o á sala do meio. *(O criado sahe).* Se v. s.ª me dá licença, vou fallar a meu primo. Creio que será assumpto de muito desgosto para mim. Demora-se v. s.ª alguns momentos? Eu vou mandar alguem com quem converse.

Morgado

Eu vou vêr, á minha vontade, a memoria do Terreiro do Paço, e volto depois.

Barão

Irá na minha carruagem, que vou logo ao ministerio da fazenda. Não o deixo sahir. (*Toca a campainha*).

Morgado

Então vá lá arranjar a sua vida.

Barão, *ao criado*

Diga ás senhoras que venham fazer companhia ao snr. morgado. Até já. (*Sahe*).

SCENA VI

MORGADO, *só, passeando*

Diz o meu mano frade que não ha peito humano em que o deus-Cupido não faça estragos, mais hoje ou mais ámanhã. Desde que o barão me disse que eu podia ser marido da filha, começo a sentir cá no interior uma coisa assim a modo de formigueiro. Eu não topei ainda creatura que tanto me enchesse as medidas. E' boa d'uma vez!

SCENA VII

D. LEOCADIA, AS TRES DAMAS *e* O MORGADO

D. Leocadia, *entrando enfadada e ironica*

Aqui estamos para o entretermos, snr. morgado de Fafe.

Morgado

Então, está melhorzinha?

D. Leocadia

Estou boa.

Morgado

E' o que se quer. (*Longo silencio. As damas bocejam, cada uma por sua vez, e igualmente o morgado, fazendo uma cruz na bôca*).

D. Leocadia

Então que nos conta, snr. Morgado? Gosta de Lisboa?

Morgado

Gósto muito; basta ser a terra da menina.

1.ª Dama

Como sabe dizer coisas bonitas!

2.ª Dama

Já amou, snr. morgado?

Morgado

Se já amei?! A quem?

3.ª Dama

Se já se apaixonou?

Morgado

A menina porque diz isso? Conhece-me pelos olhos?

D. Leocadia

E' desejo de saber se o seu coração está virgem.

Morgado

Já esteve, mas agora não está.

2.ª Dama

Quer dizer que ama agora?

Morgado

Póde ser que sim. Ninguem está livre de pagar o tributo da mocidade.

1.ª Dama

Querem vêr que se apaixonou em Lisboa!

D. Leocadia

Conte-nos isso.

3.ª Dama

Está sentimental, não acham?

D. Leocadia

Ha não sei que de poetica melancolia n'este todo. Está na phase poetica do amor. Eu adivinho que é uma das minhas primas a ditosa Julieta d'este Romeu. Não é, snr. morgado?

Morgado

Não é o quê?

D. Leocadia

Não é uma das minhas primas a sua paixão?

Morgado

Qualquer d'ellas é bem bonita, mas... como o outro que diz... são gostos.

D. Leocadia

E' uma d'ellas, aposto!

Morgado

Não atinou. Diz meu mano frade que onde está a lua cessam as estrellas.

3.ª Dama, *rindo com as outras*

A lua és tu, Leocadia!

D. Leocadia

Eu sou a lua, snr. morgado?

Morgado

Não desfazendo em ninguem...

D. Leocadia, *rindo*

Por conseguinte, a ditosa sou eu?

Morgado

Isso veremos... O amor é cego, e ha coisas que pa rece que vem tiradas da baralha...

1.ª Dama

Tens um condão fatal, prima!

2.ª Dama

E's uma Labarrere. Não ha urso que te resista.

3.ª Dama

Triumphos sobre triumphos! Faltava-te este, Leocadia!

D. Leocadia

Estou vaidosa de inspirar-lhe um sentimento novo. Diga-me, com que pude eu prendêl-o?

Morgado, *tomando-lhe a mão, que leva aos labios*

Com esta mãosinha.

D. Leocadia, *retirando a mão*

(Levantam-se todos). Ah! Polluiu-me!

SCENA VIII

AS MESMAS, O BARÃO *e* PESSANHA

Pessanha

Minhas senhoras... Como passou, prima Leocadia? O snr. morgado... rijo e intrepido, como um portuguez dos bons tempos, não é assim? Olhe que tem já em Lisboa reputação de rico e valente. Não lhe falta nada para se fazer querido das damas, e respeitado dos homens.

Morgado

Em quanto a rico, tenho com que viver; a respeito de valentia, sou homem para o meu homem, e para dois, sendo necessario.

Pessanha, *ironico*

Estranho a seriedade com que se digna fallar-me. Dar-se-ha caso que eu incorra innocente no desagrado de v. s.ª? não me condemne, sem me ouvir.

Barão

O snr. morgado não póde ter motivo algum de queixa do primo Pessanha. Está triste, ao que parece; mas emquanto a mim, são saudades da sua terra. Adivinhei?

Morgado

Não me sinto bom cá por dentro. Eu vou dar um passeio, e volto logo.

Barão

Já sei o que precisa. Ó meninas, vão *lanchar* com o

snr. morgado, e Leocadia fica por alguns momentos comnosco. Vá, morgado. Tem excellente fiambre, appetitosas sardinhas de Nantes, excellente *Porto* e *Bordeos.* Vão, meninas.

Morgado

E a sr.ª D. Leocadia não vem?

Barão

Vae lá ter; preciso d'ella aqui.

Morgado, *afastando-se com o barão para um lado*

Com licença d'estes senhores, dê-me aqui uma palavra. Que ha de novo?

Barão

Logo fallaremos, morgado... Espero que tudo se consiga á medida dos meus desejos.

Morgado

A menina casa com aquelle sugeito?

Barão

Pude resolvel-o a isso.

Morgado

O senhor faz uma asneira quadrada.

Barão

Porquê?

Morgado, *querendo retirar-se, e o barão retendo-o*

Não lhe digo mais nada.

Barão

Diga, não me deixe ficar perplexo.

Morgado

E' o que lhe digo: faz uma asneira em casar sua filha com elle.

Barão

Mas porque? Explique-se se é meu amigo.

Morgado

Quanto vale a casa d'aquelle janota?

Barão

Poderá valer cem mil cruzados.

Morgado

Pois a minha casa vale perto de quatrocentos mil cruzados em propriedades; e eu d'aqui a oito dias, se Deus quizer, sou visconde de Fafe... Não lhe digo mais nada. *(Sahindo).* Vamos ao presunto, meninas. *(O barão fica meditativo).*

SCENA IX

D. LEOCADIA, BARÃO, *e* LUIZ PESSANHA

Pessanha

Que lhe diria o alarve, que o deixou tão abstracto, primo barão?

Barão

Uma coisa singular... Pediu-me a mão de Leocadia. (*Pessanha e Leocadia riem-se*).

Pessanha

E o primo poude ouvil-o sem responder-lhe com uma risada?!

Barão

Eu não gósto de offender ninguem...

Pessanha

Mas o seu ar pensativo denota o embaraço de quem ouviu a proposta como coisa séria!...

Barão

Séria... não direi... mas foi uma surpreza, e... tudo que é surpreza, faz-me... faz-me uma certa confusão... O' Leocadia, que te disse o morgado em quanto eu estive com teu primo?

D. Leocadia

Fez-me uma declaração muito tola.

Pessanha

E a prima poude ouvil-o com a seriedade de seu pae?

D. Leocadia

Ouvi-o a rir-me, e senti que a scena fosse tão depressa interrompida.

Pessanha

Primo, acorde d'esse lethargo! Quer casar sua filha com o morgado de Fafe?

Barão

Eu não disse tal...

D. Leocadia

Acho chiste á pergunta do primo Pessanha. Pelo que

vejo, o casar eu com o morgado de Fafe é um acto em que a minha vontade não entra por coisa nenhuma...

Pessanha

Como sei que é filha obediente...

D. Leocadia

Mas injuría meu pae, julgando-o capaz de me impôr despoticamente um similhante marido!... Nem fallemos n'isso, que me enoja.

Pessanha

Prima Leocadia, tem reconhecido que eu a amo e prézo com todas as véras da minha alma?

D. Leocadia

Não duvido, primo Pessanha.

Pessanha

Ha uma hora estavam mortas as esperanças de identifical-a á minha existencia; mas a fatalidade é inexoravel. Não posso esquecêl-a. Não posso culpal-a, senão para perdoar-lhe logo.

D. Leocadia

A indulgencia é a primeira virtude das almas generosas. Fez um acto de caridade, perdoando-me.

Pessanha

Não sei quando a prima é ironica ou ingenua.

Barão

Não ha ironia alguma. Leocadia, eu dei a teu primo a minha palavra de cavalheiro de que serás sua mulher. O teu coração confirma a palavra de honra de teu pae?

SCENA X

OS MESMOS, MORGADO *e* AS DUAS DAMAS

(*As damas seguem o morgado, dando grandes risadas*)

Morgado, *indo direito ao barão*

São as moças mais patuscas que eu tenho visto! Teem o sangue na guelra o diacho das travêssas! Tomaram-me á sua conta, e não me largam! E o caso é que eu gósto de todas, como se fossem minhas parentas. Hão de ir passar um verão a minha casa a Fafe, e mais o tio. Não convido a sr.ª D. Leocadia, porque sei que vae tomar estado, e oxalá que seja feliz.

1.ª dama, *a Leocadia*

Não sabes quem está na sala do piano com a tua mamã? O João Leite.

Barão

Pois elle está cá? Não sabia!

Morgado

Vem despedir-se... pobre rapaz!

Barão

Despedir-se! Pois as côrtes ainda ha pouco se abriram, e elle retira já!?

Morgado

E' verdade... O homem tem o coração ao pé da bocca, e levou uma amoladella mestra! Hontem fui dar com elle a chorar como uma creança; e tinha uma tosse de esgana que o ha de levar á sepultura no *vicio* da

mocidade. De ha tres dias para cá peza menos arroba e meia. O amor quando péga devéras, é peior que a propria morte!

SCENA XI

OS MESMOS, BARONEZA, JOÃO LEITE, *e* MORGADO

Barão

Seja bem apparecido, sr. João Leite! *(A baroneza limpa as lagrimas. João Leite cumprimenta de um triste relance d'olhos)*. Que tristonho semblante é esse?

Morgado, *contemplando J. Leite*

Está na espinha!

Leite

Venho cumprir tres missões, e cumpro-as de luto. A primeira agradecer a hospitaleira intimidade com que fui acolhido por v. ex.ª e sua estimavel familia. Segunda, pedir com lagrimas nos olhos, que me seja perdoada a parte que me toca no desgosto que esta familia recebeu. Finalmente, retirando-me para a minha provincia, venho pedir a v. ex.ªs que me honrem com a sua estima, e assim me convençam de que não fica sendo n'esta casa lembrança de um amigo ausente, uma lembrança que desperta um desgosto.

Baroneza

Pelo contrario, sr. João Leite, o seu nome fica impresso em nossas almas; e eu sinto que os meus rogos não consigam mudar o proposito da partida.

Barão

Que motivos, porém, o levam tão triste de Lisboa?

Um homem tem obrigação natural e moral de ser superior aos infortunios, e muito mais áquelles que o não são, vistos tres mezes depois. Seja forte, sr. Leite. Vença as contrariedades, não lhes fugindo. Olhe que a desgraça foge muitas vezes á intrepidez de quem avança para ella.

Morgado

Apoiado! O meu mano frade tambem diz isso.

Leite

Saber morrer é a suprema das coragens, sr. barão, e saber callar a dôr sem responsabilisar alguem por ella, é a suprema das virtudes.

Pessanha, *áparte*

E' ridiculo este galan de farça!

D. Leocadia, *commovida*

E' uma nobre e poetica alma, sr. Leite. Aperte a mão d'uma amiga, que lhe recebe o seu ultimo adeus com a sympathia da admiração, e a saudade dos corações que aspiram a um mundo melhor que este.

Morgado, *limpando as lagrimas ao pé da baroneza que tambem chora*

Nós, os velhos, não servimos para isto, sr.ª baroneza. Somos dois corações sensiveis. *(A baroneza retira-se com um gesto despresador).*

Leite

Vejo que inspiro sentimentos de piedade; mas não vim a solicital-os. Poderia ser despresivel aos olhos dos outros; mas aos meus proprios... não o seria jámais.

Eu não peço a ninguem admiração, nem sympathia, nem saudade, que não seja a de simples e sincera affeição que se deve a quem nos respeita e présa.

Morgado, *chorando*

Acabe lá com isso por quem é homem! Eu nunca chorei tanto na minha vida.

Barão

Todos soffremos...

Baroneza

A consternação é geral!

Leite

Não abusarei por isso da sensibilidade de pessoas que me são tão caras. Minhas senhoras, sejam felizes. Sr.ª baroneza, sr. barão, sr. Pessanha... (*Vae a sahir*).

Morgado

Espere ahi que eu tambem vou... onde está o meu chapeu?

SCENA XII

OS MESMOS *e* UM CRIADO

Criado

Está ali o sr. juiz de direito e outro homem, que querem fallar a v. ex.ª

Barão

Que entrem n'esta sala. (*O criado sahe*). Meus amigos, demorem-se alguns instantes, para serem testemunhas d'um espectaculo doloroso.

Morgado, *áparte*

Lá vae a rapariga com a breca!

Barão

Vão lamentar um pae que cria uma filha com extremos de ternura, para, no inverno da vida, vêr essa filha protestar perante a lei contra a vontade santa do pae que quiz salval-a d'um abysmo.

Baroneza

Leocadia, não te commoves?

Barão

Estou desligado da minha palavra de honra, primo Pessanha, desde o momento em que essa filha amaldiçoada alienou os sentimentos de brio.

SCENA XIII

OS MESMOS, O JUIZ *e* O ESCRIVÃO

Juiz

Qual de v. ex.as é o barão de Cassurraens?

Barão

Sou eu, senhor.

Juiz, *examinando o requerimento*

E a ex.ma sr.a D. Leocadia Ernestina de Magalhães? (*Silencio de instantes*).

Morgado

E' aquella que está acolá.

Juiz, *ao escrivão*

Leia o requerimento.

Escrivão, *lendo*

«Diz D. Leocadia Ernestina de Magalhães, filha de...

Barão

Não diga o resto, sei o contheudo, ella sabe-o tambem.

Juiz, *a Leocadia*

Persiste na idéa de ser depositada judicialmente, para do deposito haver dispensa de consentimento paternal para o fim de contrahir matrimonio com o sr. (*lendo o requerimento*) Antonio Soares de Carvalho?

D. Leocadia

Sim, senhor.

Barão

Sr. juiz, eu dou a requerimento consentimento para se casar com quem quizer.

Juiz

Em tal caso cessa desde já a interferencia da lei n'este negocio.

Barão

Quando o sr. Antonio Soares procurar o resultado da diligencia, póde v. s.ª dizer-lhe que venha quando queira buscar a que ha de ser sua mulher.

Escrivão

O sr. Soares estava agora na loja fronteira do palacio de v. ex.ª

Barão

Sim, tanto melhor. (*Toca a campainha*).

Morgado, *ao ouvido do barão*

Eu vou arrancar-lhe as orelhas:..

Barão

Tenha prudencia. (*Ao criado*) Na loja fronteira está o sr. Antonio Soares, vá dizer-lhe, que é aqui esperado.

Juiz

Eu congratulo-me pelo tão feliz como inesperado desfecho d'este caso, cujas consequencias são sempre desagradaveis. A moralidade publica e a felicidade domestica lucram sempre com resoluções d'esta especie.

Morgado

O sr. juiz, ainda que eu seja confiado, faz favor de me dizer, se um homem que não tem modo de vida, póde metter a justiça pela porta dentro d'um pae, e tirar lhe a filha, para depois fazerem ambos cruzes na bocca?

Juiz

Dada tal hypothese, ao pae incumbe estorvar o casa mento com rasões, que devem fazer peso na balança da justiça.

SCENA XIV

OS MESMOS *e* ANTONIO SOARES

Barão

Entre sem acanhamento nem vergonha, sr. Soares

Morgado

Isso faz elle...

Barão

Leocadia Ernestina de Magalhães requer dispensa de consentimento paterno para casar com Antonio Soares de Carvalho. E' um requerimento ocioso. Dá-se amplo consentimento. Saibam, porém, os noivos que não tem a haver d'esta casa um ceitil. Os meus haveres hei de realisal-os em moeda dentro de quarenta e oito horas, e depois irei com minha mulher para o estrangeiro, onde me não chegue a noticia do arrependimento de dois desgraçados. Casem-se, embora, mas não appellem para a minha compaixão, quando a penuria lhes bater á porta. A miseria ha de castigal-os, mas eu quero, e hei de ignoral-a, porque me não deleito na vingança. Disse. (*Senta-se, silencio longo*).

Baroneza

Leocadia, minha infeliz filha, teu pae quer salvar-te... Ainda é tempo...

Barão

Sr. Soares! A sua paixão por minha filha não lhe inspira uma resolução nobre e admiravel na desgraça? Acceite Leocadia pobre. Engrandeça pela indigencia o seu amor.

Morgado

Bem se fia elle n'isso!

Juiz

Aqui já se não trata do coração... trata-se... trata-se...

Morgado

Da barriga.

Juiz, *rindo com o escrivão*

Disse bem; é isso em portuguez castiço.

Morgado

Mas v. s.ª talvez não saiba que aquelle senhor é poeta... e...

Juiz

Já sei; mas tambem é verdade que a mais nobre e santa expressão da poesia, a condolencia dos males alheios, e o remedial-os á custa mesmo de sacrificios proprios, é realisar a mais augusta poesia do evangelho.

Morgado

O homem parece um missionario!

Juiz

E, portanto, sr. Soares, se me permitte que eu seja o interprete dos seus generosos sentimentos, asseguro ao sr. barão de Cassurraens, que por parte de v. s.ª ha desistencia d'este mal agourado consorcio.

Soares

Eu seria capaz de mendigar por portas para sustentar minha mulher, mas não a julgo bastante forte para sustentar o infortunio.

D. Leocadia

Isso é uma injustiça que faz á minha coragem. Eu acceitaria contente a pobresa de meu esposo; mas não posso consentir que elle seja desgraçado por mina causa.

Soares

Acceito a desgraça como um heroismo do amor; mas não posso arrastar na minha queda a mulher que eu queria erguer sobre um throno.

D. Leocadia

Despreso as pompas do mundo e a vã ostentação dos espiritos fracos: ser-me-hia porém eternamente angustioso vêr privado por minha causa d'esses bens o homem que hei de amar até ao ultimo suspiro

Morgado, *áparte*

Estão bonitos. (*Levantam-se todos*).

Juiz

Das amantissimas expressões que se trocaram, inferimos todos, que ambos se amam extremamente, mas que nenhum dos dois acceita a responsabilidade de fazer desgraçado o outro. São duas innocentes almas que nunca tinham pensado n'isto. O raio da rasão veio muito a tempo felizmente. Congratulo-me de novo com os excellentissimos paes da snr.ª D. Leocadia, dou por cumprida a minha missão de juiz, e, despedindo-me, peço licença para dizer tambem a minha missão d'amigo. O snr. Soares tem na minha sege um logar á sua disposição. Meus senhores...

Barão

Os donos d'esta casa offerecem-se ao amigo que lhe foi deparado por um desgosto. Ha males que trazem bens, sr. juiz... (*O juiz corteja e sahe com o escrivão e Soares*).

SCENA XV

LUIZ PESSANHA, BARÃO, BARONEZA, JOÃO LEITE, MORGADO, D. LEOCADIA *e* AS TRES DAMAS

Pessanha, *tomando o chapeu*

Duas palavras sómente, primo barão. Desquito-o da sua palavra de honra. Retiro-me vexado de lh'a ter pedido como fiança d'aquella senhora. Quando sua filha tiver um marido que a distanceie d'aqui, continuarei a ser o amigo frequentador d'esta casa. (*O morgado á esquerda observando*).

Barão

Primo Pessanha, o facto de minha filha ter desmerecido no seu conceito não deve afugental-o d'esta casa. Ouso até dizer-lhe, que a honra de minha casa não sahe d'ella com v. exc.ª. Para minha filha ha de haver sempre um marido que possa estender a mão a v. exc.ª.

Pessanha

Eu é que não sei se poderei acceitar-lh'a. Para uma mulher ha differentes degradações na escala humana.

D. Leocadia

Ha uma terrivel... podia havel-a para mim... D'essa estou eu salva, porque nunca serei sua, snr. Pessanha.

Pessanha, *ironico*

Conta com os seus adoradores, minha senhora? Tem dois na sua presença: um pediu-a a seu pae; e o outro confessou na presença de todos nós uma paixão que o ha de matar. Escolha. *(Arreda-se para a esquerda).*

D. Leocadia

Eu não escolho; regeito-os a todos.

Leite, *avançando*

Era escusado escolher, minha senhora. Em minha alma ha uma parte ferida de morte; mas ha uma outra, a da honra, invulneravel. Não vim pedil-a para minha mulher; vim despedir-me. Cumpri, e se ainda aqui estou, foi porque o snr. barão pediu o meu testemunho n'um espectaculo de que levo uma impressão que me ha de curar.

Barão

Teve uma ridicula idéa, snr. Leite, regeitando minha filha que ninguem lhe offereceu. Saibam o snr. Pessanha e o snr. Leite, que a mão de Leocadia pertence ao meu presado e honrado amigo, o snr. morgado de Fafe.

Morgado

Eu vou-me embora tambem, snr. barão. Estes dois senhores deram as suas rasões, eu dou as mesmas rasões, e mais uma, e é que não quero casar, por quatro rasões:—primeira, porque meu irmão frade diz: «Antes que cazes, olha o que fazes; segunda porque...

Barão

Basta. Saiam todos de minha casa...

Morgado

A segunda porque acho que está no seu direito.

Barão

Torno-lhe a dizer, senhor, que...

Morgado

A terceira... porque... está no seu direito, e como não quer ouvir, sem mais...

Barão

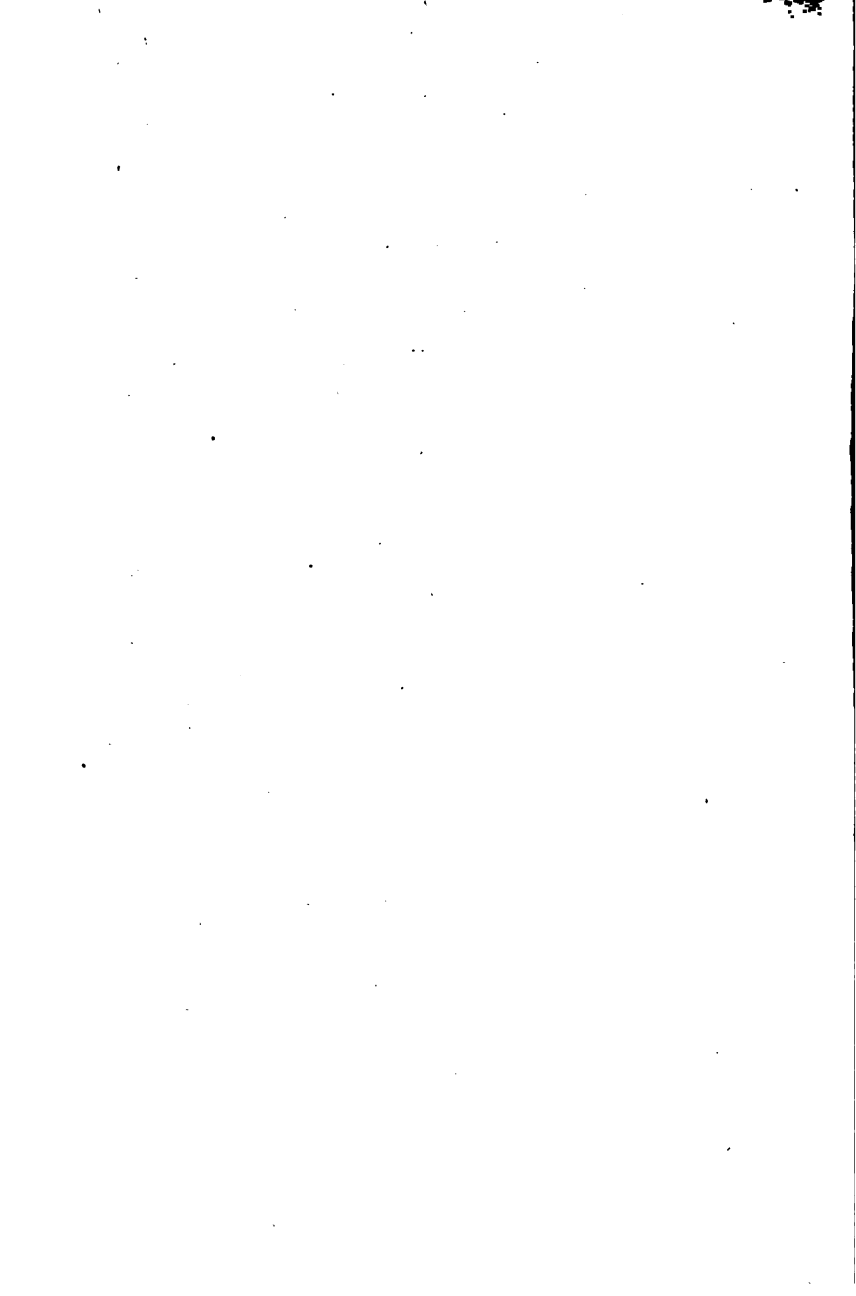
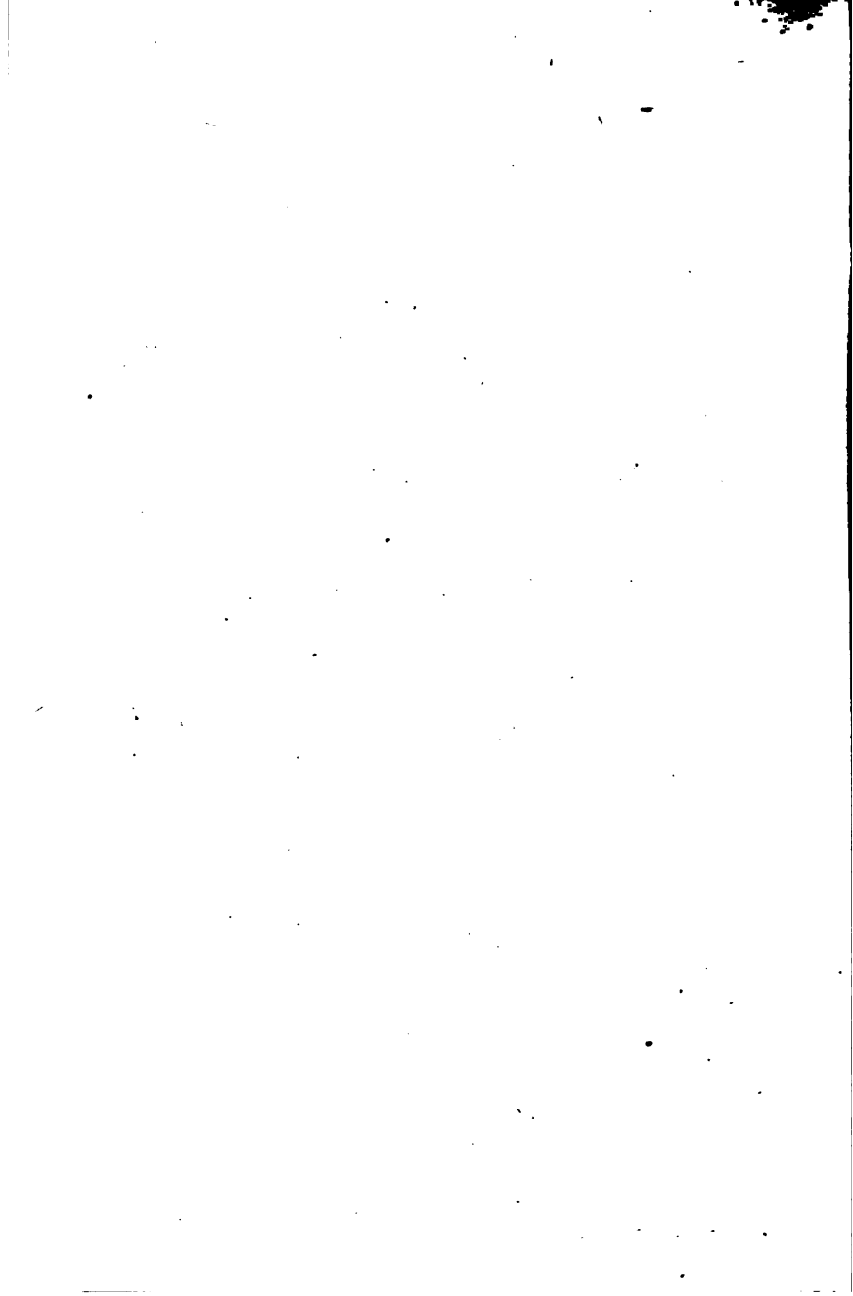
E' de mais. Já, já fóra. *(Sahem todos).*

Baroneza, *cahindo desfallecida n'uma cadeira, as damas a rodeiam*

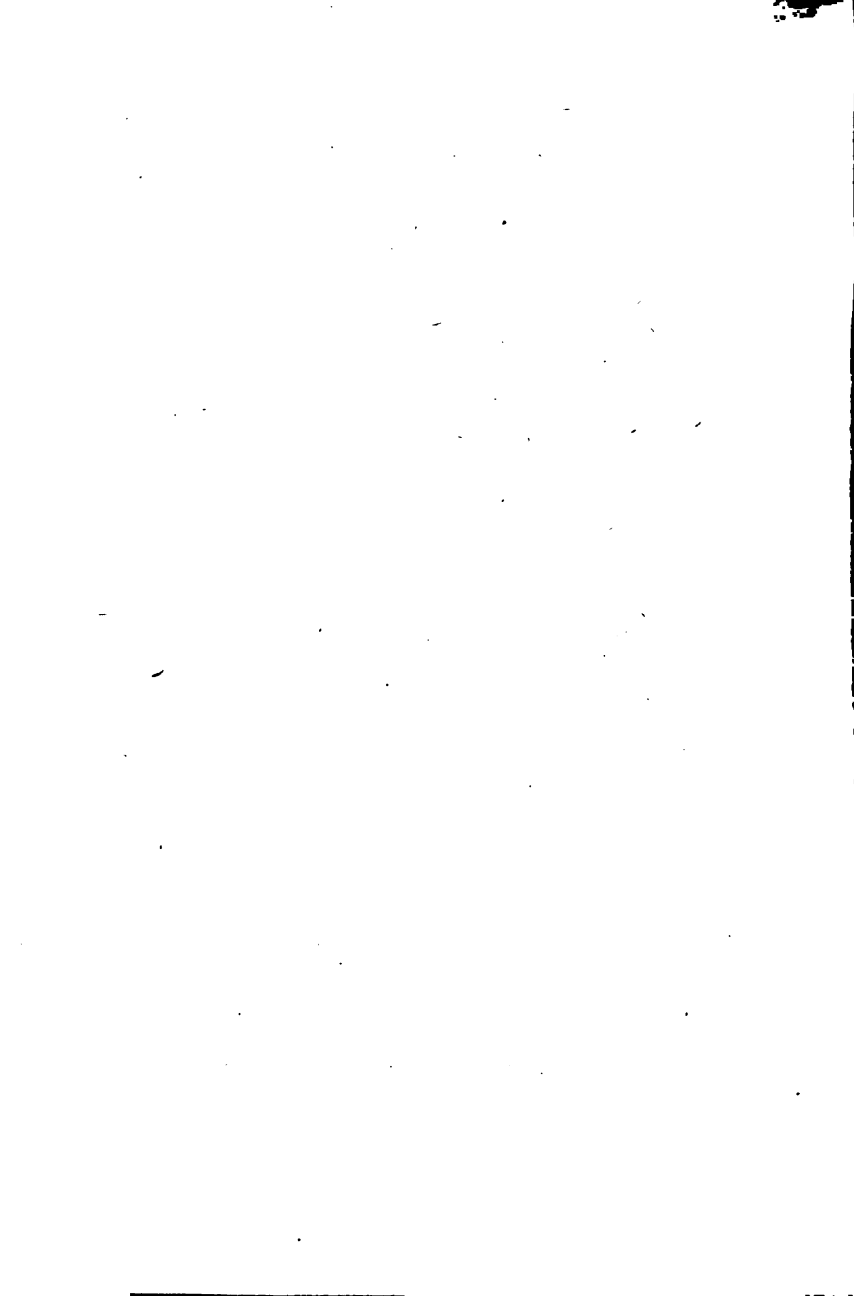
Oh! meu Deus, um insulto d'estes!... Na minha idade...

Morgado, *tornando a entrar*

Oh! O meu chapeu; queiram perdoar, porque me tinha esquecido o chapeu. *(Péga no chapeu, faz uma reverencia e sahe a um signal do barão. Cáe o panno).*

FIM

O MORGADO DE FAFE AMOROSO

PERSONAGENS

MORGADO DE FAFE.
JOÃO ALVARES.
BERNARDO DA GAMA.
PONCIA DO ROZARIO.
HEITOR FALCÃO.
D. HERMENEGILDA FALCÃO.
D. VICENCIA.
QUATRO SUJEITOS.
UM CRIADO DE HOTEL.
ROMEIROS E ROMEIRAS.
UM TOCADOR DE REALEJO.

A scena passa-se na Foz do Porto em 1862

O MORGADO DE FAFE AMOROSO

ACTO I

Vista de sala com seis portas lateraes e janellas

SCENA I

JOÃO ALVARES *e* PONCIA

(João Alvares anda, pé ante pé, espreitando á fechadura das portas lateraes. Traja rob-de-chambre, e lenço branco atado á cabeça).

Poncia, *entrando por uma das portas da direita*

Crédo!... o sr. João anda assim vestido á fresca! isso é feitio! Olha que preparo!... Valha-o Deus! Suou tres camizas, e pranta-se ahi com o cadaver ao ar!...

João

Diz bem, tia Poncia. Isto já não é senão um cadaver, lançado á margem, e exposto aos corvos e abutres das paixões carnivoras.

Poncia

Que está ahi a alanzoar o sr. João? Vá-se vestir, ande! Agazalhe-me esse peito, que eu vou dizer ao estalajadeiro que lhe dê de almoçar. E' preciso comer!... Leve o demo as paixões que o pozeram na espinha!

João

Comer, tia Poncia! O que é comer sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralisou! O meu alimento é o absyntho das lagrimas! Sou o Ugolino da fome do espirito, o Tantalo, o Prometheu devorado pelo incessante abutre!

Poncia

Que *bruto* está ahi a dizer! A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Pois o estalajadeiro! Isso então é um roubar sem dó nem consciencia!

João

Não me falle nas miserias da vida. Ouça o que eu lhe digo...

Poncia, *lançando-lhe aos hombros um chaile de baeta amarella*

Pois, sim; mas agazalhe-se... Ora, diga lá. Bacoreja-me que temos patavinice de namoricos... Queira Deus que não esteja por ahi alguma como a Felizarda do outro anno que lhe poz o sal na moleira...

João

Tia Poncia! Ha uma mulher que não pertence a este mundo.

Poncia

Coitadinha! Foi por ella que tocaram hontem os sinos a defunctos? Então, rezemos-lhe por alma.

João

Não me corte o discurso! Esta mulher vive.

Poncia

Ah! sim? Ainda bem; ainda bem!

João

E vossemecê a dar-lhe! Ouça, e falle quando dever responder. Esta mulher veio hontem á noite de Guimarães, com o morgado de Fafe, e deve estar n'um d'estes quartos.

Poncia

Será ella a dona da cabra branca, que me não deixou dormir?!

João

E' a mesma; é a dona da cabra branca. Que immensa poesia tem aquelle amor á cabra! Se vossemecê a visse, como eu a vi, a contemplar as estrellas do ceu...

Poncia, *benzendo-se*

A cabra?! Credo!

João

A dona, mulher, a dona é que, á uma hora da noite, andava no terraço contemplando o ceu.

Poncia

A' uma hora da noite uma menina no terraço a ver o sete-estrello! isso é bruxêdo! Cruzes, canhoto! Terá ella fadario?

João

Fadario tem vossemecê de toleima! Vive comigo ha tantos annos, e parece que está cada vez mais tapada, tia Poncia!

Poncia

Tapada, eu! Eu tapada por que lhe digo as verdades, sr. João! Não lhe disse eu que a Felizarda era uma trapalhona que lhe dava volta ao miôlo? Quando o sr. Joãozinho andava atraz da filha do letrado, não lhe disse eu que a rapariga, ás duas por tres, se lhe apparecesse brazileiro, era como se nunca nos vissemos, passe por cá muito bem?! E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos d'uma tôla que anda pelo mundo com uma cabra atraz d'ella, e vai á uma hora da noite pôr-se assim de bocca aberta a olhar para os planetas? (*Faz o gesto indicado nas palavras*) Deixe-me benzer, e Deus me tenha da sua mão, e mais ao sr. Joãozinho, que o vi nascer, e desde que anda por cá desencabrestado arranja sempre inguiço que o tolhe. Sabe que mais, sr. João? Coma, e beba, e tome os seus banhos que é ao que veio; e mais, leve o diabo, Deus me perdôe, as mulheres, e, quando houver de casar, arranje filha de lavrador, que saiba amanhar a vida, e não olhe para estas fuinhas da cidade, que parecem mesmo o peccado!... Uma raparigaça d'uma vez é a fidalga de Amarante. Aquillo sim! Que côr de saude, que braços, que ilhargas! E depois, disse-me a criada que lá em casa matam dez sevados cada anno! Porque não hade o menino perder o seu tempo com uma moça assim!... Dez cevados por anno! E é fidalga de mais a mais!

João

Calle-se, que me embrutece! Eu posso lá amar uma mulher que almoça presunto assado, e é estupida como a couçoeira de uma porta?! O meu coração tem aspirações delicadas... Eu quero a mulher-espirito, a mulher-poesia, a mulher-genio, a mulher-sonho...

Ponoia, *tirando do debrum do colete uma figa de azeviche*

O' sr. Joãosinho, quer sim quer não, faça-me o favor de pendurar ao pescoço esta figa de azeviche! O menino tem coisa ruim no corpo!

Voz, *de fóra*

O' João!

João

Entra, Bernardo.

Ponoia

Ahi vem o extravagante!... Olhe se vem almoçar, menino, e não esteja a ouvir os conselhos do estroina. (*Sahe*).

SCENA II

JOÃO ALVARES *e* BERNARDO DA GAMA

João

E então? Vens de Lessa, está claro. Perdeste?

Bernardo

Como sempre, com mais alguma coisa nova para ter que contar. Perdi o dinheiro que levava, o cavallo que me levou, o relogio que vendi, e a cadeia que ainda não tinha pago. Isto é bonito! Sabes tu que, ali no castello do Queijo, deram-me venêtas de atirar ás ondas com esta vida diabolica?

João

Isso era uma tolice!

Bernardo

Com que frieza tu recebes um homem afflicto!... Quem me dera ser o que tu és, João?

João

E que achas tu que eu sou?

Bernardo

E's um rapaz de juizo. Tens um cavallo velho e magro, uma casinhola em Cabeceiras de Basto que te rende doze carros de milho, e quinze pipas de vinho verde, e vives feliz!

João

Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro *(com a mão no peito)* uma coisa que me incommoda.

Bernardo

O coração?!

João

Sim: este musculo que é o maior aleijão que o Creador podia dar ao homem. Se soubesses o que por cá vai desde hontem!... Mas tu não estás para ouvir o primeiro capitulo do meu ultimo romance... Fallemos de ti. Casa-te rico.

Bernardo

Algumas vezes me tem lembrado essa asneira salvadora, mas sou tão infeliz que receio tornar-me ridiculo se a tentar.

João

O susto é que é ridiculo...

SCENA III

OS MESMOS *e* PONCIA

Poncia

Está o almoço no quarto a arrefecer: venha d'ahi, menino. (*Sahe*).

João, *a Bernardo*

Anda almoçar comigo, e cá fallamos. Tu já viste a D. Hermenigilda?

Bernardo

Já.

João

Vamos fallar largamente de D. Hermenigilda. E' a mulher que te convém. (*Sahem*).

SCENA IV

O MORGADO DE FAFE, D. VICENCIA PIMENTEL, *com a cabra,* D. HERMENEGILDA FALCÃO *e* HEITOR FALCÃO

Heitor Falcão, *como se viessem conversando de fóra*

Grande alegria me deu a sua vinda, primo morgado!... Esta senhora é que eu não conhecia. (*As duas senhoras estão afagando a cabrinha*).

Morgado, *ao ouvido de Heitor*

Tem grande pancada na móla!

Heitor, *o mesmo*

Tambem me quer parecer.

Morgado, *alto*

O primo Heitor Falcão havia de conhecer o doutor Pimentel da casa das Lagariças?

Heitor

Ouvi fallar d'esse doutor.

Morgado

Pois a sr.ª D. Vicencia é viuva do tal doutor, e veio de Guimarães na minha honrosa companhia.

D. Vicencia, *áparte a D. Hermenegilda*

Na *honrosa* companhia d'elle!... O homem é parvo!...

D. Hermenegilda, *com ar estupido*

Quem? o primo morgado de Fafe?

D. Vicencia, *áparte*

Ella é tão parva como elle!... Com que gente eu estou relacionada!... (*Vai fazer festa á cabra*).

Morgado, *áparte a Heitor*

O demonio da cabra deu-nos um trabalhão! Imagine o primo aquella bruta dentro da diligencia a dar marradas nos joelhos da gente! ..

Heitor

Então a mulher é doida! Pois ella vinha a dar cabeçadas?!... seria com somno...

Morgado

Eu fallo da cabra, não é da viuva.

Heitor

Ah! já percebo! pois elle podéra! A cabra na diligencia!

D. Vicencia, *a um criado que avista no corredor*

O' homem! dê-me de almoçar á Dejhali: sopinhas de leite, ouviu? leve com modo a Dejhali. *(O criado leva a cabra).*

Heitor

O quê? como diz ella á cabra?

Morgado

Acho que é *deixa-ali.* Eu pergunto-lhe. A sr.ª D. Vicencia, como é que a sr.ª diz á cabrita?

D. Vicencia

Dejhali.

Morgado, *a Heitor*

Vê? *Deixa-ali.*

D. Vicencia

Deixa-ali, não, De-jha-li. Ainda que eu lhes queira explicar o nome, os senhores de certo não leram a *Notre Dame* de Victor Hugo. *(Os dois encaram-se com ar de estupida zombaria).*

Morgado, *a meia voz*

Ainda a quer mais atolambada?

Heitor, *o mesmo*

E' d'aquella casta!

D. Vicencia, *a D. Hermenegilda*

A menina sabe francez?

D. Hermenegilda, *com o seu permanente ar de lorpa*

Eu!... eu sei cá isso!

D. Vicencia, *a Heitor*

Porque não manda ensinar francez a sua filha?

Heitor, *rindo boçalmente*

De que serve isso? Meus avós morreram muito velhos sem saber francez. Que leve o diabo os francezes! Quando estiveram em Amarante, no tempo do Silveira, arrazaram-me a casa. E a senhora sabe fallar francez?

D. Vicencia

Sei, e fallava sempre francez com meu marido.

Morgado, *a Heitor, espantado*

Não se admire que lá em Lisboa, onde eu estive ha quatro annos, as familias, fallavam em francez como se estivessam em França. Eu ia lá a casa de um barão, que me quiz impingir a filha, e tanto ella como a mãe, ás duas por tres, começavam a taramellar em francez. E olhe que eu ainda andei a estudar um bocado de tal lingua; mas a fallar-lhe a verdade, nem p'ra traz nem p'ra diante. O' sr.ª D. Vicencia, falle lá um todonada de francez para o primo Heitor ouvir. E' lingua levada da breca! Ora vá lá, diga alguma coisa...

D. Vicencia, *rindo*

Que hei de eu dizer?... *Vous etes un sot, et votre cousin est un sot pareil, n'est ce pas vrai?*

Heitor

E' verdade: tem deanho o tal palavriado! Com effeito!

Morgado

Eu não lhe disse, primo? Ora diga lá isso em portuguez? (*A D. Vicencia*).

D. Vicencia, *que continúa a rir*

Eu disse que v. ex.ª e seu primo são dois cavalheiros estimaveis.

Morgado, *com desconfiança*

Isso são favores.

Heitor, *áparte ao morgado*

Olhe que ella está a mangar de nós.

Morgado

Tambem me parece.

D. Vicencia, *a Hermenegilda*

Então a menina não estudou nada?

D. Hermenegilda

Eu sei lêr nos livros.

D. Vicencia

Ah! A menina tem livros?

D. Hermenegilda

Tenho alguns.

D. Vicencia

Romances da *Bibliotheca economica*, talvez...

Heitor

Não, senhora, ella não tem d'isso. A minha filha não lê romances. E' peste que me não entra em casa¿ Lá na Amarante as cabras não tem nomes estrangeiros.

Morgado

Chamam-se cabras.

Heitor

Sem tirar nem pôr: é como diz.

D. Vicencia, *sorrindo*

Mas os romances não servem sómente para dar nomes ás cabras.

Heitor

Então de que servem? De estragar a mocidade. Minha amiga, mulher que lê novellas, diz lá o doutor da Portella de baixo, que não dá boa sahida.

Morgado

Isso é assim. Em Lisboa, quando eu lá estive ha quatro annos, andava tudo corrompido por causa das novellas, segundo ouvi dizer. As gazetas, primo Heitor, davam todos os dias a noticia de fugirem as filhas aos pais, e os maridos ás consortes, por causa das novellas. A policia não tinha mãos a medir atraz dos que andavam a estragar o genero feminino com as novellas!

Heitor

Que horror, primo!

D. Vicencia, *rindo*

E o genero masculino tambem estava assim derrancado?

Morgado, *á parte*

Está sempre a rir-se o manfarrico da mulher!

Heitor, *o mesmo*

O que eu não sei é como vossê a aturou de Guimarães até ao Porto.

SCENA V

OS MESMOS *e* PONCIA

Poncia

Deus lhe dê bons dias.

Morgado, *alegre*

Olha a Poncia! Já sabia que está cá teu amo. Como vai elle?

Poncia

Anda incatarrado; mas, se Deus quizer, não ha de ser nada; e v. s.ª como lhe vai?

Morgado

Rijo como aço. Esta boa velha é a governanta do meu amigo João Alvares de Freixêdo, do concelho visinho lá do meu. Aquillo é que é um romantico, como lá dizem em Lisboa! Elle agora tem mais juizo, Poncia?

Poncia

Deus louvado tem que farte para se governar.

Morgado

Aquillo com senhoras é um doido da primeira ordem. Se elle visse uma senhora que eu cá sei... (*Relancêa*

os olhos a D. Vicencia). Ficava logo sem saber de que freguezia era. Onde está elle?

Poncia

Está lá no seu quarto.

Morgado

Deixa-me ir vêl-o.

Heitor

Nós vamos almoçar tambem. Anda d'ahi, Hermenegilda.

SCENA VI

OS MESMOS *e* UM CRIADO

Criado

Está o almoço no quarto do sr. Heitor. O sr. morgado de Fafe quer o almoço no seu quarto? (*Heitor sahe com a filha*).

Morgado

Leve-m'o para o quarto do sr. João Alvares. (*Sahe*).

Criado, *a D. Vicencia*

E v. ex.ª onde quer o almoço?

D. Vicencia

Aqui mesmo. A cabrinha comeu?

Criado

Sim, minha senhora.

D. Vicencia

Traga-m'a.

SCENA VII

D. VICENCIA *e* PONÇIA

Poncia

V. ex.ª, ainda que eu seja confiada, é que é a dona da cabrinha?

D. Vicencia

Sou.

Poncia

Por muitos annos e bons. Pois minha senhora, eu sou attreita a umas enchaquêcas aqui *(pondo a mão na nuca)* salvo tal logar, e passo noites inteiras sem pôr olho. Esta noite estive eu que já não sabia onde tinha a cabeça, e quando ás quatro horas da manhã ia a cahir assim, assim, assim, n'uma madôrna, eis que pega a estropiar por cima de mim, no tecto, uma coisa que me não deixou mais fechar as sêlhas.

D. Vicencia

Fechar as sêlhas! Que algaravia! Que são sêlhas?

Poncia

As sêlhas dos olhos; pois isto como se chama? (*Arregaçando as pestanas.*)

D. Vicencia, *rindo*

Ah! isso são sêlhas?

Poncia

Seja lá o que v. ex.ª quizer: o caso não é p'ra rir.

(O criado vem entrando com o taboleiro do almoço, e a cabra puchada por um cordão de seda).

Poncia

Aqui está o tal bicho que me não deixou pôr ôlho!

D. Vicencia

Dejhali, vem cá, Dejhali... *viens ici; est ce que tu as déjeuné ton lait? Ma cherie Dejhali; donne moi ton joli museau...* O' mulhersinha, vossemecê não gosta da minha Dejhali?

Poncia

Ella dá leite?

D. Vicencia

Que pergunta? Pois a minha cabrinha ha de dar leite?

Poncia

Então isso de que serve? A senhora anda com esse brutinho atraz de si pelo mundo?

D. Vicencia, *está almoçando*

Ando, sim; e que tem? E' a minha amiga unica.

Poncia

A cabra!? Ora essa! não me faltava vêr mais nada! Pois a senhora não acha uma pessoa christã e baptisada que seja sua amiga?...

D. Vicencia

Não quero amisades da minha especie. Os irracionaes são os entes mais agradecidos que fez o Creador. Toma, Dejhali! (*Dá-lhe um bolo*).

Poncia

Louvado seja o Senhor! A dar docinhos á cabra!...

Pois, minha senhora, eu tenho a pedir-lhe um favor a respeito cá da sua amiga.

D. Vicencia

Que quer a mulhersinha?

Poncia

Eu não sou mulhersinha: sou Poncia para a servir. O que eu quero é pedir-lhe o favor de não dormir com a cabra no mesmo quarto. A senhora mora por cima de mim, e eu moro por baixo da senhora e da cabrinha. Ora o berzabum da bruta esteve toda a noite a cossar-se, e não me deixou fechar ôlho...

D. Vicencia

Já sei essa historia; mas não sei que lhe faça. Diga ao dono do hotel que me mude a mim, ou mude a vossemecê: a minha cabrinha não sae de ao pé de mim.

Poncia

Mas eu pensava que as estalagens na Foz não eram curral de gado. Pelos modos, quem fôr amigo unico d'um porco ou d'uma vitella póde metter no quarto os seus bichos!...

D. Vicencia, *erguendo-se para sahir*

Sabe que mais, mulhersinha? Eu não estou para a aturar.

Poncia

Olhe, minha senhora...

D. Vicencia, *voltando o rosto*

Que é?

Poncia, *com um dedo na testa*

Deus lhe dê miolo. Ninguem é pobre senão de juizo.

D. Vicencia

Estupida! (*Sahe*).

Poncia

Valha-te a breca!... E meu amo a dar cavaco por esta lambisgoia! Ora a gente, cá por este mundo, sempre topa com cada pantomineira!

SCENA VIII

JOÃO ALVARES, BERNARDO DA GAMA *e* PONCIA

João

Que é isso, Poncia? Vossemecê está com cara de zanga! que lhe aconteceu?

Poncia

Não sei o que aconteceu, sr. João... O que sei é que, se a cabra não sahir lá de cima, eu já aqui não fico esta noite... Bote lá as suas contas como quizer... (*Sahe.*)

João

Tem um genio endiabrado; mas é a creatura mais necessaria á minha vida... (*Mudando de tom*). Mas dizia-te eu, meu caro Bernardo, que a experiencia ainda te não amadureceu quanto é necessario para viver n'este mundo. Ridiculo só conheço um homem n'este planeta: é o que não tem dinheiro. As tentativas, que se fazem, para alcançar o dinheiro são sempre serias, heroicas, e

epicas. Se fizeres a côrte a uma rapariga rica, riem de ti os zombeteiros candidatos á rapariga rica; mas esse riso só póde ser-te penoso, se a mulher te não indemnisar com o sorriso d'ella. Conheço enormissimos alarves que tentaram, e prosperaram. Quando um homem diz de si para si «hei de casar rico, apesar de todos os contratempos» casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-se um homem de que a vergonha é uma excrescencia que nos molesta, e deve ser amputada da consciencia, como quem corta um callo. O segundo, é procurar a mulher atravez de todas as torpezas, como o mineiro procura o oiro atravez do saibro e do lôdo. O terceiro, é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto, é teimar. O sexto...

Bernardo

E' teimar. Tenho entendido. Mãos á empreza. Cobrei espirito novo. Dentro de um anno hei de estar casado com mulher rica, bonita, intelligente, virtuosa...

João

Alto lá! isso é muita coisa. Assim tambem o Bocage a queria para um assumpto d'uma decima, e disseram-lhe que não! Observa tu que nem para dez versos ha isso tudo junto! Rica? d'accordo: isso é possivel. Intelligente? Isso não tira nem dá. Ha opiniões a esse respeito; mas eu não tenho nenhuma; porém, sempre te direi que não é bom que a esposa conheça que entre homem e mulher ha egualdade de direitos. Formosa? Pieguice e contrasenso! Mulher formosa é sempre a mesma coisa, e aos olhos do marido perde pouco a pouco o prestigio da bellesa. Mulher feia, com a continuação

da convivencia, vai perdendo a fealdade, e chega a parecer galante. As mulheres feias tem inspirado ardentissimas paixões. Dizem que ellas tem uma compensação de graças que vão lavrando raizes no coração. Eu não sei se é no coração, se no figado: o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas apagarem muitos incendios, e as feias atearem-os. Dido, Helena, e Cleópatra dizem que foram lindas mulheres por terem apaixonado Eneas, Páris e Antonio. O que de certo se não sabe é se eram feias. Em quanto a virtuosa, meu caro Bernardo, a esse respeito tinha eu muito que dizer; mas os discursos são o espantalho da acção. A mulher que te convém é Hermenegilda, a filha de Heitor Falcão.

Bernardo

Pois achas que está no caso?

João

Muito no caso.

Bernardo

Mas não ouviste ainda agora dizer o morgado de Fafe que gostava d'ella?!

João

Tu não tens vergonha de recear a concorrencia com o morgado de Fafe?! Aquillo é homem que possa assustar nenhum rival!?

Bernardo

Homem! tu pareces-me menos conhecedor do coração humano do que suppões!

João

Cala-te ahi, tôlo... Elle ahi vem com ella!... Repara-me bem n'aquelle corpo!... Olha...

SCENA IX

OS MESMOS, HERMENEGILDA, HEITOR *e* MORGADO

Morgado

Vamos esmoer o almôço por essas praias fóra. Estes ares do mar não deixam parar a comida no bucho! (*Vai a uma janella lateral*). Olhem vossês como é grande o mar!... (*Recua contemplativo*). Oh! ninguem entende o que isto é! .. Como se faria o mar? Por que será que o mar cresce e minga? Quantas pescadas haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca se acaba!... Expliquem lá isto!... Lá vai a passar um vapor... Sempre os homens tem idéas! Pelos modos, o que faz girar as rodas é o fumo do carvão. Uma coisa assim! Olha, olha, como elle vae depressa!... Aquillo é que é!... O' sr.ª D. Hermenegilda, gosta de ver o mar? (*Mavioso*).

D. Hermenegilda, *lorpa*

E' muito grande; tenho medo ás ondas. Afoga-se lá muita gente?

Morgado

Quando acontece, afoga; mas agora diz que se inventou uma engenhoca, que não deixa ir a gente ao fundo.

João

E' o colete de salvação.

Morgado, *fazendo tregeito de quem enche o colete de salvação*

E sopra-se-lhe p'ra dentro?

João

Certamente.

D. Hermenegilda

Ah! sopra-se-lhe?! Mas eu quando tomo banhos no rio não posso soprar debaixo d'agua.

Morgado

Pois o sopro é cá fóra, menina.

João, *áparte a Bernardo*

Olha que dialogo aquelle! Vê tu que duas alimárias!

Bernardo, *o mesmo*

E' impossivel que a natureza os não una!... Perdi as esperanças...

Morgado, *a Hermenegilda*

A priminha não leva luvas? Cá reparam n'isso.

D. Hermenegilda

Eu tenho umas, que comprei cá no anno passado: lavei-as, quando estava para vir, e a pelle encolheu; encarquilhou-se toda.

Heitor

Compram-se outras, Hermenegilda; vamos lá á tenda compral-as.

Morgado, *indicando o chapéo de Hermenegilda*

O' primo Heitor, olhe que estas barretinas já se não usavam em Lisboa quando eu lá estive ha quatro annos. A filha do barão de Cassurraens tinha uma muito mais pequena, assim com umas orelhas aqui *(indicando)* e uma coisa assim a modo de bambinela aqui por traz.

Heitor

Ora! deixe-se d'isso! Uma barretina quer-se assim grande para tirar o sol da cara.

Morgado

Não, senhora. A priminha ha de comprar outra cartola á moda de Lisboa. Quer? a minha menina quer outra barretina?

D. Hermenegilda

Eu... como o outro que diz... não se me dava. Já a D. Vicencia hoje me disse que o meu chapéo dava fazenda para quatro... Se eu podesse fazer dois, mandava-se arranjar. O que eu queria era um balão, meu paisinho.

Bernardo, *áparte*

Como a innocencia é estupida!

Morgado

Tem rasão; precisa de balão... Eu não desgosto do balão, a fallar a verdade. Hade arranjar-se tudo, priminha. Vamos já tratar d'isso. Fica por aqui, amigo João?

João

Fico, sr. morgado.

Morgado

Então, veja lá... Cuidado com a mulher da cabrinha... Vossê é um velhaco d'aquella casta!... Ah! seu ratão!... Eu sempre vou vêr se ella quer passear. (*Vai a uma das portas lateraes*). Acho que é aqui. (*Batendo á porta*). O' sr.ª D. Vicencia! D. Vicencia?

Voz de homem, *dentro*

Vá bater ao diabo que o leve.

Morgado

Enganei-me. Hade ser aqui. (*Bate com muita força*). D. Vicencia, D. Vicencia, a senhora quer vir dar uma passeata?

SCENA X

OS MESMOS *e* UM SUJEITO

(Abre-se de repente a porta, e assoma um sujeito embrulhado n'um cobertor, e barrete de dormir)

O sujeito

Que alarve é este que anda a incommodar quem dorme?!

Morgado

Fui eu que me enganei... perdoará... Procuro a sr.ª D. Vicencia.

O sujeito

Eu não sou D. Vicencia.

Morgado

Bem vejo; por isso póde-se deitar v. s.ª, mas olhe que são dez horas e meia.

O sujeito

Quem lhe pergunta ao estupido personagem as horas que são?

Morgado

Veja lá com quem falla, ó menino? Olhe que eu sou

Antonio dos Amaraes Tinoco Valladares, morgado de Fafe.

O sujeito

Que me importa a mim isso? E eu sou Bonifacio da Silva.

Morgado

Pois, sr. *Bonifrates* da Silva, recolha-se, que eu já não estou bom. Ponha côbro na lingua, e deite-se, que eu ás duas por tres, se me fazem cócegas, costumo... sim, isto é um modo de fallar... (*Faz o tregeito de quem volta um homem de pernas ao ar*). Se o senhor quer saber quem eu sou, vá perguntal-o a Lisboa.

O sujeito

O senhor ameaça-me?! (*Sahe fóra do limiar da porta*).

Morgado

O senhor não tem vergonha de apparecer assim embrulhado n'um cobertor deante d'aquella menina? Tape os olhos, prima! (*D. Hermenegilda tapa o rosto com a mão*).

O sujeito

Acordar-me, e insultar-me, é de mais.

Morgado

Podia, ser mais... vá-se p'ra sua cama, na graça de Deus, vá, vá, que eu já não regulo bem do toitiço... (*Leva-o com bons modos entre as mãos até o metter ao quarto*). Se aqui não está esta innocente... (*Indicando Hermenegilda*) e eu não receasse que o cobertor lhe cahisse, pespegava-o como uma obreia acolá no tecto. Onde diabo está mettida a senhora da cabra?

João

Creio que o seu quarto é aquelle, sr. morgado.

Morgado

Este? (*Bate*). D. Vicencia.

Voz de D. Vicencia

Que quer?

Morgado

Ella cá está. (*Alto*). Quer vir dar uma passeata? (*Voz dentro que não se intende*). Falle alto, que não se ouve nada na platéa.

D. Vicencia, *dentro*

Não posso saír por ora, que está a cabrinha a dormir.

Morgado, *para fóra*

Está a cabrinha a dormir!... Isto só com um tira-pé!... (*Alto*). A senhora está maluca?

D. Vicencia

Não me incommode, que me accorda a Dejhali.

Morgado

Vamos embora. O' amigo João, uma doida assim á perna é que eu lhe queria!... (*Sahe com Hermenegilda e Heitor*).

SCENA XI

JOÃO *e* BERNARDO

João

Vejo que estás pasmado da estupidez de Hermenegilda! Eu tambem, palavra d'honra! Já me não atrevo a aconselhar-te que a ames.

Bernardo

Estás enganado. Gósto de vêr assim a estupidez no seu estado de perfeição primitiva. Andava eu morto por encontrar a mulher como ella foi no tempo em que se comiam bolotas e medronhos. Pensas que arrefeci na empreza? Não tenhas medo. E' uma mulher deliciosa para um homem que quer casar-se rico, e desligar-se das obrigações que se contrahem matrimonialmente com uma mulher que tem alma. Tomaram muitos encontrar a innocencia d'ella! Aquillo é tudo materia estreme como a dá a madre natureza.

João

Bem! Gosto de te vêr n'essas idéas. E' preciso já, já escrever á pequena.

Bernardo

E' um grande embaraço! Não sei como se escreve a uma mulher assim.

João

Escreve-se-lhe uma carta muito tola. Queres tu que eu entre no teu coração, e que falle por ti?

Bernardo

Valeu! Nota lá a carta. Aqui está tinteiro e papel.

João

Em quanto eu escrevo o rascunho, vai tu na trilha de Hermenegilda, e faz que ella te veja. Segue o meu conselho, que estás fallando com o mais profundo conhecedor do coração humano.

Bernardo

Obedeço-te cegamente. (*Sahe*).

SCENA XII

JOÃO, *e depois* D. VICENCIA

(João Alvares escreve alguns segundos)

D. Vicencia, *dentro*

O' criado! Leve-me a minha cabrinha a retouçar na hervagem d'essa alamêda. Venha buscal-a.

João, *suspendendo a escripta*

A retouçar-se na hervagem d'essa alamêda — que estylo! (*Ergue-se*). Esta mulher é um genio!

(Atravessa um criado a scena: recebe a cabra á porta da alcova de sua dona, e sahe).

D. Vicencia, *fóra*

Leve-a com muito geitinho, ouviu? (*Reparando em João Alvares*). E' o sr. João Alvares?

João

Um criado de v. ex.ª. Como se dá o feliz acaso de lhe ser conhecido o meu nome obscuro, minha senhora?

D. Vicencia

Obscuro!? Lucidissimo! Pois v. s.ª não tem escripto folhetins no *Braz Tizana*, e nos periodicos de Guimarães?

João

Uns pobres folhetins, minha senhora, que só tem o merecimento de terem attrahido olhares de v. ex.ª.

D. Vicencia

Não só olhares; mas tambem o espirito; não só o espirito; mas tambem o coração, o coração, entende-se, que comprehendeu o seu.

João

O' minha senhora! Eu adivinhei em v. exc.ª uma alma distincta, quando ás duas horas da manhã a vi no terraço.

D. Vicencia

Ah! viu?

João

V. Exc.ª contemplava as estrellas do céo; e eu, ao clarão d'estas estrellas, estava vendo o anjo da terra.

D. Vicencia, *risonha*

Vejo que tinha o estro afogueado quando eu entrei... Estava poetisando?

João

Sim, minha senhora. Escrevia as impressões d'esta noite.

D. Vicencia

Permitte que eu veja?

João

Oh! perdão, minha senhora! As paixões tem o seu pudor. O homem apaixonado é um doente febril.

D. Vicencia

Gostou da minha cabrinha?

João

E' uma écloga, um idyllio, a cabrinha de v. exc.ª.

D. Vicencia

Lembra-se da Esmeralda de Victor Hugo?

João

Que tambem tinha uma cabrinha branca...

D. Vicencia

A Dejhali.

João

Que já compunha seis lettras do alphabeto para formar o nome do ditoso amante da cigana.

D. Vicencia

Era *Phebus*...

João

Sim, *Phebus*... Se a Dejhali de v. exc.ª chegasse a compôr um nome de quatro lettras...

D. Vicencia, *sorrindo*

João?

João

Sim: é um nome muito prosaico, não é?

D. Vicencia

A poesia está no coração; não é nos nomes.

SCENA XIII

OS MESMOS *e* PONCIA

Poncia, *que vem arrefecendo com a colher uma tigella de caldo, que fumega*

Trago aqui um caldo de gallinha, snr. João. (*Baixo, vendo D. Vicencia*) Cá está a azarotada!

João

Leve o caldo, Poncia; não quero caldo agora.

Poncia

Ha de comer o caldo, quer queira quer não. Vamos a isto. A senhora ha de dar licença que o snr. Joãosinho coma.

D. Vicencia

Eu privo-o?

Poncia

Vá; bote p'ra baixo, que é de franga. O menino não come, e eu depois é que o aturo quando não póde com uma gata pelo...

João

Scio! Veja lá como falla.

Poncia

Eu fallo como sei. Olhe lá se quer que eu mude de lingua?

João

Leve o caldo, já lh'o disse, snr.ª Poncia.

Poncia, *ironica*

O' minha senhora, faz favor de pedir ao snr. João que coma o caldo da franga?

João, *erguendo-se irritado*

Poncia! Veja lá!...

Poncia

Sabe que mais? Tenha tino n'essa cabeça! O que me falta é vêl-o comprar tambem um cabritinho! (*Sahe*).

SCENA XIV

D. VICENCIA *e* JOÃO

D. Vicencia, *rindo ás gargalhadas*

Tem raiva á minha cabra a sua criada! Não çuidei que esta mulher era da sua *ménagerie*. Já hoje me applicou a receita do juizo tambem.

João

A v. exc.ª!?

D. Vicencia

A mim, pois porque não! A velhinha tem a mais estupida das liberdades...

João

Vou despedil-a do meu serviço!...

D. Vicencia, *rindo*

Deixe-se d'isso, que eu não lhe agradeço o sacrificio. Vá tomar o seu caldinho, vá, que lhe peço eu. Vou vestir-me para sahir. Estimei muito conhecêl-o pessoalmente. Saiba que tem em mim uma admiradora do seu estylo. (*Corteja e recolhe-se ao quarto*).

João

Oh! minha senhora!...

SCENA XV

JOÃO *e* PONCIA

Poncia, *que entra logo pela porta fronteira com o caldo*

Ora ainda bem que se foi o berzabum da mulher. Vamos ao caldo, que está frio.

João

A snr.ª Poncia atreveu-se a muito!...

Poncia

Quer ralhar á velhinha que o viu nascer? Pois ralhe, ralhe; mas tome o caldinho para ter mais forças p'ra ralhar. Sua mãe, quando o cá deixou, entregou-m'o a mim; já agora hei de morrer a dizer-lhe as verdades. (*Limpa os olhos*).

João, *commovido*

Tem razão, minha Poncia; perdôe, e dê cá um abraço. Eu sou um doudo. (*Toma o caldo*).

Poncia, *alegre*

O caldinho tem ortelan e umas folhas de salsa. Está gostoso?

João

Está muito bom, muito gostoso.

Poncia, *fiando na roca, que traz á cintura*

Como ella veio logo aqui pespegar-se! A doutora de não sei que diga! O menino não póde vêr uma mulher! Coisa assim! Fica logo atarantado! Ora o snr. João que não ha de tomar inclinação a uma lavradeira, que tenha arranjo de casa, e que trate do menino, quando eu morrer! Que graça tem esta serigaita com a cabra atraz d'ella?

João, *mansamente*

Falle baixo, tia Poncia; eu não tenho nada com a mulher. Estava a disfructal-a. Leve a tigella, que eu tenho que escrever aqui uma carta.

Poncia

Tenha juisinho, sim? (*Vae a sahir*).

João

Pois sim... deixe-me escrever.

Poncia, *voltando á scena*

Olhe que á noite ha de pôr as papas de linhaça na bocca do estamago...

João

Pois sim; vá com Deus. (*Sahe Poncia*).

SCENA XVI

JOÃO, *e depois* BERNARDO

João, *lendo as ultimas linhas do rascunho*

Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens córadas de luz, calçada de estrellas, coroada com o arco iris, sentada na lua... (*Prosegue a escripta*).

Bernardo

Aqui estou! Que é da carta?

João, *sem levantar mão da escripta*

Estou com ella.

Bernardo

A mulher olhou-me de certa maneira.

João, *escrevendo sempre*

Sim?

Bernardo

Appareci-lhe em todas as lojas em que ella entrou.

João

E então?

Bernardo

Fiz-me do rancho, e cheguei a dizer-lhe que qualquer chapéo ficava bem á sua formosura.

João

Bravo! e ella que tolice respondeu?

Bernardo

Fez-se vermelha.

João

Pois agora vai ficar amarella. Está prompta a carta.

Bernardo, *esfregando as mãos*

Vamos a isso. Lê lá.

João, *á frente, lendo com muita emphase*

«Com o coração em viva braza, lanço mão da penna tremula para expôr á vossa compaixão o triste sudario da minha alma.

«Os vossos olhos são frechas do implacavel Cupido, que não perdôa a reis nem a vassallos, que abranda o coração da panthera de Java, e enternece as melodias do rouxinol.

«Ingrata serieis, ó Hermenegilda amada, se mostrasseis indifferentes á dôr os olhos que tamanha dôr causaram. Não! E' impossivel que n'esse peito de alabastro, ninho dos prazeres, se aninhe a vibora da ingratidão.

«No vosso angelico sorriso, ó cara pomba, pousou a minha felicidade, que, ha muito, busco por toda a parte, como andorinha que perdeu o trilho aerio da sua patria, e ficou erma e só na região das neves.

Bernardo, *interrompendo*

Ella não entende isso!

João

E' justamente o que nos convem. Se ella entendesse fasia da carta dois papelotes, e mandava-te á fava. Escuta lá: (*Lê*).

«Eu sou como o viajante nos desertos da Mezopotomia, ardente de sêde, pedindo a cada miragem uma gotta d'agua, e bebendo candeias accezas nos raios do sol oriental.

Bernardo

Isso parece-me asneira! *Bebendo candeias accesas!* Viu-se já maior disparate!

João

Tu queres que ella te perceba, ou não?

Bernardo

Quero que perceba: é boa a pergunta!

João

Pois, se tu lhe disseres que bebias no deserto linguas de fogo em logar de candeias accesas, entender-te-ha melhor? Candeias sabe ella perfeitamente o que são; e linguas, em quanto a mim, só conhece a de porco, e de vacca. Se me começas a contrariar, recolho a inspiração, e deixo-te nas trevas. (*Lê.*)

«Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens córadas de luz, calçada de estrellas,

coroada com o arco iris, sentada na lua, com o sol engastado no peito, e o globo terraqueo a seus pés. Ereis vós, Hermenegilda! Apenas vos vi, reconheci-vos como o molosso reconhece o dono, a rola o ninho, a lebre a cama, e a truta a colheita! Vêr-vos e não amar-vos, seria morrer de vêr-vos; e amar-vos sem vêr-vos só eu pude; e que faria eu depois, ao vêr-vos, se não amar-vos?

Bernardo

Acaba depressa com isto! — *Vêr-vos, não vêr-vos, amar-vos, e vêr-vos, e não amar-vos*... que diabo de embrulhada é esta?

João, *declamando*

E's um sandeu! Está explicado o segredo da tua nullidade perante as mulheres. Tens trinta annos, e todas as tuas conquistas reduzem-se á filha d'um chapelleiro de Braga. Podias ter um nome em Portugal, se ao teu patrimonio quasi dissipado, e á tua excellente figura, quasi em decadencia, juntasses um pouco de estylo. Todo o conquistador deve ter um arsenal bem fornecido de bombas phraseologicas. A idéa não é que persuade uma mulher: é a palavra. O que tu chamas *embrulhada*, meu tolo, é o melhor que se póde dizer, quando não ha nada que se diga.

Bernardo

Suppõe tu que ella me não entende!

João

Certo d'isso estou eu.

Bernardo

O que se segue é não me responder.

João

E' justamente o que te convem.

Bernardo

Ora essa!... *que me convem?*

João

Sim! Convem-te que não responda; porque, não respondendo, falla-te. Que lucras tu com a correspondencia epistolar d'esta creatura?

Bernardo

Pensas bem, João! E's um grande homem! Ora anda lá... diz mais alguma asneira. Estavas no *vêr-vos e não vêr-vos, amar-vos e não amar-vos*...

João, *lendo*

«Cezar, foi! viu! e venceu! Eu, vim! vi! e fui vencido! (*Grande estrepito de chuva nas vidraças, e estrondo de trovoada*).

SCENA XVII

Os *mesmos, o* MORGADO, HEITOR,
D. HERMENEGILDA, PONCIA *e* D. VICENCIA *depois*

(*Os tres primeiros vem sacudindo os fatos molhados. Hermenegilda traz um balão enorme, e um pequenissimo chapéo. Poncia traz um coto de vela benta accêsa*).

Morgado

Que tal está a molhadéla!...

D. Hermenegilda

A barretina escangalhou-se, ó paesinho!

Heitor

Se trouxesses a outra, não te molhavas, rapariga; mas vossês não querem fazer o que eu digo!

Morgado

Isso torna a endireitar-se. Saccuda o balão, prima, que se lhe não vá metter a humidade nos ossos. Assim... (*Ajuda a saccudir o balão*).

Poncia, *áparte indicando o balão*

Olha que preparo aquelle!...

D. Vicencia, *muito afflicta*

Não ha ninguem que lhe accuda! Não ha uma generosa alma que me salve a minha cabrinha!

João, *com vehemencia*

A sua cabrinha, minha senhora! Onde está a sua cabrinha!...

D. Vicencia

Está á chuva, correndo espavorida na alamêda... Veja, veja... (*Leva-o á janella.*)

João

Corro a salval-a! Corro a salval-a!

Poncia, *retendo-o pelas abas do chambre*

Não vai, que está doente, e molha-se...

João

Largue-me, tia Poncia!

D. Vicencia

Salvem-me a Dejhali!

João

Corro a salval-a!

Poncia

Não vai, que tem rheumatismo! Eu depois é que o aturo...

D. Vicencia

Oh!... que infortunio! Que infortunio!...

João

Corro a salval-a! (*Deixa ficar o chambre nas mãos de Poncia, e sahe accelerado.*)

Poncia, *colerica e solemne*

A senhora da cabra hade dar cabo de meu amo! Eu a arrenego! O meu menino atraz das cabras com este temporal!

Morgado

Não te afflijas, Poncia! Isto de quem ama hade andar com a cara p'ra diante. Não é assim, prima Hermenegilda?

D. Hermenegilda, *apertando o balão*

Eu não sei lá d'essas coisas. Está-me a querar cahir o balão!

Morgado

Elle parece que ganhou vento!

SCENA XVIII

OS MESMOS *e* JOÃO, *com a cabra nos braços*

D. Vicencia, *transportada*

Mil agradecimentos! O cavalheiro é um heroe!...

João

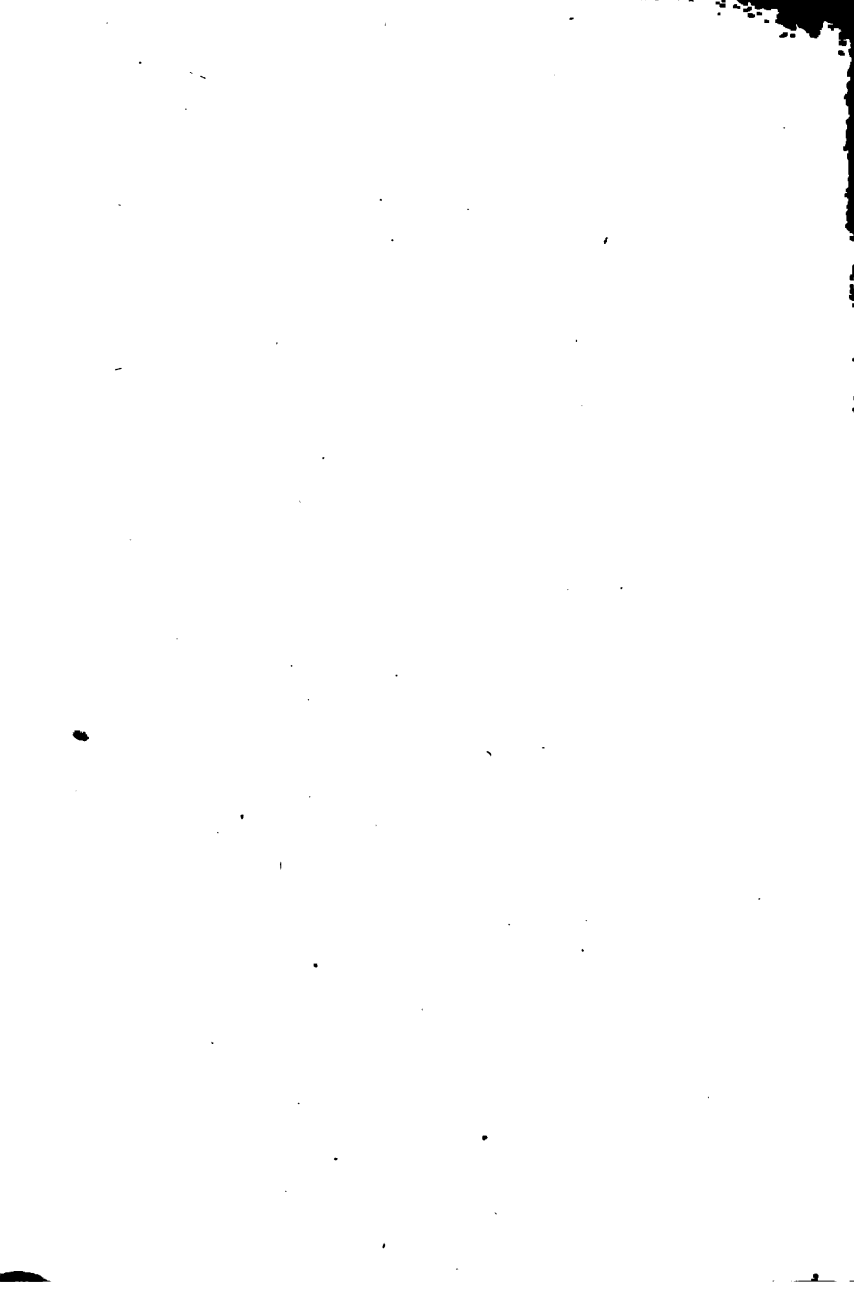
A sua cabra está salva!

D. Vicencia

Tão molhadilha! (*Começa a enxugar o felpo da cabra com o rob-de-chambre que Poncia lança aos hombros de João*).

Poncia, *arrancando-lhe das mãos o chambre com furia*

Olha o demonio da mulher!... a limpar a cabra com o casaco de meu amo!... Eu t'arrenego!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A scena passa-se no terreiro do hotel. A casa tem algumas janellas de serventia, e figura-se de esguêlha, de modo que se veja a lua prateando o mar. A' direita do espectador, sobranceiro ao edificio, ha um terraço de serventia. Presume-se que a estrada atravessa o palco na parte mais convisinha da platéa. E' noite.

SCENA I

BERNARDO *e* JOÃO, *encapotados melodramaticamente*

João

E como podeste entregar-lhe a carta no corredor? Isso havia de ser difficil sem o morgado vêr, ou o pai.

Bernardo

Não foi: ella ia sósinha, e eu, com o mais timido acanhamento de respeitoso amante, pedi-lhe se me lia aquella carta. Ella ficou azabumbada um pouco; mas eu não lhe dei tempo a reflectir. Mas o resto, o admiravel, o espantoso é que tu não sabes!

João

Deste-lhe um osculo na mão?

Bernardo

Não. Muito mais do que isso.

João

Foi na testa que lhe déste o osculo?

Bernardo

Que mania é essa d'*osculos?* Porque não dizes beijos como toda a gente?

João

Por causa da censura.

Bernardo

Pois eu, respeitando a censura, não lhe dei osculo nem beijo. Pedi-lhe que me fallasse hoje ás nove horas da sua janella para a rua. E ella, quando eu receava alguma má resposta...

João

Disse-te que...

Bernardo

Que sim, se não adormecesse.

João, *rindo*

Mas é que ella a essa hora está a dormir como uma pedra.

Bernardo

Estará?!

João

Homem! eu conheço vinte e cinco especies de mulheres; mas esta da tua Hermenegilda é nova para mim. Póde ser que esteja acordada, posto que, segundo boas informações que tenho de um conhecido d'esta familia, sei que a flôr d'Amarante come o seu caldo verde ás sete horas, deita-se ás oito, e ás nove é massa bruta. Ora agora, se o amor é capaz de a despertar com os seus aguilhões, isso é que estamos para vêr. Entretanto, já sabes quaes são os costumes em casa de teu futuro

sogro. A's oito horas has de estar no thalamo conjugal com tua esposa, tu com um barrete de troçal, e ella com uma touca de linho cru, e ambos a ressonar o mais estupidamente que se póde.

Bernardo

Estás enganado, João! Se eu casar com ella, pensas que me vou degredar na Amarante!? Isso sim!... Hei de viajar a Europa. Que póde viver o pai? Dois annos ou tres. Queres tu ir viajar comnosco?

João, *sorrindo*

Oh! pois não hei de querer! Havemos de ir viajar á roda, por cima, e por baixo do globo!

Bernardo

Não se póde fallar sério comtigo!... Olha lá: seria eu imprudente em lhe pedir o *rendez-vous?*

João

E's uma creança! E's como todos os principiantes em amor. Cuidam vossês que é da tarifa devorarem em silencio, antes de se revelarem, as melhores phrases que tem para convencer! Grande contra-senso! Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram á perdis, quando ella vai muito longe do alcance do chumbo. Fia-te em mim, Bernardo: a mulher, que principia a amar, tem oito dias de alienação. E' aproveitar-lh'os... Ahi vem o parvo do morgado com a serenata de hontem á noite.

Bernardo

Não quero que me conheça. Escondamo-nos n'esta travessa. (*Sahem*).

SCENA II

MORGADO, *um homem de realejo,* D. HERMENEGILDA, *depois, n'uma janella, e* PONCIA *n'outra*

Morgado, *collocando o tocador em frente da janella de D. Hermenegilda*

Toca uma moda bonita. Não sabes a Maria caxuxa?

Tocador

Caxuxa? mi saber Caxuxa?

Morgado

Sim! (*Cantando:*)

> **Maria caxuxa,**
> **Com quem dormes tu?**

Torcador

Não sabe *caxuxa eu.*

Morgado

E a Cana-verde? sabes? (*Canta:*)

> **A cana verde no mar;**
> **A cana verde na arca.**

Sabes isto?

Tocador

Cane? nó; cane?

Morgado

Então que diabo sabes tu? Toca lá o que souberes. (*O homem toca qualquer coisa. — Assoma na janella Hermenegilda, e Poncia n'outra janella*).

Morgado, *que passeia radioso na scena*

Gosta d'esta moda, priminha?

D. Hermenegilda

Elle não sabe tocar o...

Morgado, *mandando parar o realejo para ouvir*

Que diz, amor?

D. Hermenegilda

Elle não sabe tocar aquella moda: «Muito bem seja apparecido n'esta funcção?»

Morgado

Rapaz! tu saber cantar este coisa (*Canta:*) «*Muito bem seja apparecido n'esta funcção. Bate as palmas c'o seu peixinho, c'o seu peixinho, su pechão.*»

Tocador

Peixon? no saper modas do peixon.

Morgado

O bruto não sabe nada. Anda lá, vae tocando o que sabes. (*Continua o realejo*).

Morgado, *com os seus botões*

Eu sei como se levam as mulheres! Estes janotas d'agora não sabem vencer o coração das damas. Eu, com dois dedos de realejo, tenho feito mais que outros com muita papelada e palavriado. Agora é tempo de lhe fallar. (*Paga ao tocador*). Vai-te embora; e ámanhã apparece á mesma hora.

Poncia, *fechando a janella*

Com bem passe a noite, sr.ª D. Hermenegilda. (*Baixo*). D'aqui a migalho venho aqui; preciso muito de lhe fallar p'ra negocio de muita aquella. Não se deite, não?

D. Hermenegilda

Pois, sim. Traga-me d'aquelles pasteis de hontem á noite, sim?

Poncia

Já aqui os tenho. (*Alto*). Boas noites, sr. Morgado.

Morgado

Adeus, Poncia.

SCENA III

MORGADO *e* D. HERMENEGILDA

Morgado

Amada Hermenegilda! O meu coração é vosso. Dizei-me se o vosso coração é meu.

D. Hermenegilda

Isso veremos. A gente, como diz lá o ditado, em quanto anda por este mundo, ninguem sabe para o que nasceu.

Morgado

Se me tendes affecto, egual ao que vos tem meu coração, para ser minha esposa viestes ao mundo, meu adorado bem.

D. Hermenegilda

Antes que cazes olha o que fazes.

Morgado

Isso é como diz; mas a minha pomba não topa marido que lhe queira tanto como eu.

D. Hermenegilda

Pois sim; mas o primo tem já muita idade; e eu estou muito rapariga.

Morgado

Não sou tão velho como a senhora cuida. Se eu quizer meninas novas, tenho-as no Porto ás duzias. A apostar que a prima gosta mais d'estes salta pocinhas que andam de luneta e bigode, sem uma de x na algibeira?...

D. Hermenegilda

Não se esteja a incazinar, primo. Eu não disse que gostava d'outro derriço.

Morgado

Pois não disse, não; mas de mim, pelos modos, tambem não gosta lá grande coisa.

D. Hermenegilda

Está feito .. podia ser menos; de cá se vai a lá; o que o meu coração sente, eu cá o sei.

Morgado, *alegre*

Ah! então a priminha estava a dizer isso p'ra me ouvir? (*Ouve-se ao longe a musica da esturdia*).

D. Hermenegilda

Vem ahi uma festa?

Morgado

São lá os meus rapazes de Fafe, que chegaram hoje p'rá romaria do S. Bartholomeu, e que nos vem tocar á porta.

D. Hermenegilda

Ai! que regalinho! Elles trarão cantadeiras?

Morgado

E d'aquella casta! (*Bradando*). E' p'ráqui, rapaziada!

SCENA IV

(*A esturdia, composta do seguinte instrumental: duas violas, rebeca, clarinete, bombo, e ferrinhos. Grupo de quinze ou mais pessoas. As mulheres trajam capotilhos encarnados, sobre as saias de chita clara. Na cabeça lenços de cambraia, sobre outros escarlates, por baixo dos chapeos desabados; nos pés chinelas de differentes côres*).

GRUPO DOS ROMEIROS, MORGADO,
e D. HERMENEGILDA, *e* PONCIA, *na janella*

Vozes

Viva o sr. Morgado, a mais sua noiva!

Morgado

Viva Fafe, e a bella rapaziada! Isto é que é gente! (*Estão afinando os instrumentos*). O' Poncia! fazes favor de dizer lá ao estalajadeiro que ponha lá no pateo um cantaro de vinho para a rapaziada?

Poncia

Cá vou dizer. (*Sahe e volta depois para a janella*).

(*Rompe a musica com descante. A primeira copla é cantada por homem, a segunda por mulher, e as outras o mesmo interpoladamente com curtos intervalos*).

CANTOR

E viva o Senhor Morgado
E mai la sua noiva querida;
Que e a fidalga da Amarante,
Por nome D. Hermenegilda.

CANTORA

D. Hermenegilda se chama
A fidalga d'Amarante
Que tem no peito o sr. Morgado
Que é o mais sensivel amante.

CANTOR

O mais sensivel amante,
Agora te vou responder
Aquillo é homem como se quer
Que nos vai dar de beber.

CANTORA

Que nos vai dar de beber,
Victo serio regalar,
Viva a sr.ª D. Hermenegilda
A mái l'o seu lindo par.

Morgado

Obrigado, rapazes, obrigado! Vão vossês beber até lhe chegarem com o dedo.

Vozes

Viva o fidalgo! e a fidalga! viva! viva! (*Sahem*).

Morgado

O'. Manuel da Boiça! deixa-me cá ficar a tua viola.

Manoel da Boiça, *rindo alvarmente*

Ora o fidalgo quer agora sacudir os dedos o seu todonada! (*Dá-lhe a viola e sahe*).

Morgado

Quero vêr se ainda me lembram as cantigas da minha mocidade!

SCENA V

O MORGADO, D. HERMENEGILDA, *e* PONCIA

Morgado, *depois de arpejar com ridiculos esgares*

O' prima, olhe lá se gosta d'isto: (*Canta*).

Althea, mimosa Althea,
Me maltractas com rigor;
E eu por ti ardendo sempre
Em vivas chammas d'amor!

Poncia, *rindo*

Ora, com effeito! .. O amor deu-lhe volta á cabeça, ó sr. morgado!

Morgado

Que dizes tu lá, ó serpente!

Poncia

Serpente!... Olha o pelludo a chamar-me a mim serpente! Tenha juizo! Não sei o que me parece um fidalgo da sua casta a cantar na rua! (*Fecha a janella com força*).

SCENA VI

MORGADO *e* D. HERMENEGILDA

Morgado, *arpejando outra vez*

Quer que eu cante a modinha outra vez?

D. Hermenegilda

Agora não, que vou comer o caldo. Está o paisinho á espera. Adeus até ámanhã.

Morgado

Pois então até ámanhã, Hermenegilda amada! Sonhe comigo, ó priminha.

D. Hermenegilda

Com bem passe a noute, primo. (*Sahe*).

SCENA VII

MORGADO *e* BERNARDO *rebuçado cautelosamente, e parado na esquina fronteira*

Morgado

Que encapotado é este?... (*Avisinha-se*). Olé!... que quer aqui?... Falle, ou despejo-lhe um bacamarte no buxo!

Bernardo, *sem mostrar o rosto*

Póde passar que ninguem embarra comsigo. (*Ouvem-se nove horas*).

Morgado

Aqui ha coisa!... Já me não escapa... (*Sahe e esconde-se, ficando visivel á platéa*).

SCENA VIII

BERNARDO *e* D. HERMENEGILDA

(*Bernardo vae postar-se sob a janella de D. Hermenegilda, que a descerra cautelosamente*).

Bernardo

Sois vós?

D. Hermenegilda

Sou eu; mas estou a comer o caldo, e volto logo. (*Fecha a janella*).

Bernardo

Está a comer o caldo!... Oh que monstro de innocencia bruta!... (*Sahe*).

SCENA IX

MORGADO *e depois* HEITOR

Morgado, *furioso*

E' Bernardo! Agora é que eu dei n'ella! A mulher tem-me ingrampado! Por isso ella disse que eu sou velho!... Ferve-me a cabeça! .. Não sei se dê cabo d'elle!

Heitor, *á janella espectorando uma tosse de valentão*

Quem é que está ahi?

Morgado

Sou eu, primo Heitor.

Heitor

Ah! isso é outra coisa! Cuidei que a rapariga tinha estado a fallar com algum petimetre. Trago cá ás minhas desconfianças...

Morgado

Tu que desconfias, ó primo?

Heitor

Anda-me aqui aquelle amigo do João Alvares...

Morgado

Déste no vinte; é elle mesmo. Vi-o com estes

Heitor

Que viste tu?!

Morgado

Depois fallaremos. Tu vais-te deitar?

Heitor

Não; ainda vou procurar um homem lá de riba qu
me traz o dinheiro de uns bois, e não sabe onde e
moro.

Morgado

Então vamos ambos.

Heitor

Sobe, e bebes uma pinga do maduro. (*Recolhem-se*).

SCENA X

JOÃO, D. VICENCIA *e* PONCIA

(*Poncia mui recatada na janella, cantemplando o terraço. Vem surgindo a lua*).

João

Anjo das noites formosas, confidente das estrellas, fada da minha vida, virás tu contar áquella lampada dos ceus o mysterio do teu amor? (*Apparece Vicencia no terraço, preludiando n'uma viola franceza, em attitude de inspirada*). E' ella! Como a natureza conspira toda a fazel-a mais linda!

D. Vicencia, *cantando*

Meiga lua, que segrêdo
Sabes tu do meu amor?
Dás-me tu um anjo ledo
Dos que adoram teu fulgor?

Meiga lua
Mãe do amor,
Desce um anjo
A' minha dôr.

João

Seria uma barbaridade interrompê-la! Que magia que paraizo terreal este!

Poncia, *a meia voz*

Que toleima! que casa d'orates!

D. Vicencia, *cantando*

(*João faz apaixonados gestos em quanto ella canta*)

Neste mar, que te retrata,
Quem me dera andar perdida!
Lá por entre ondas de prata
Voga a flor da minha vida.

Minha vida
É toda amores,
Toda sonhos,
Toda flores!

João, *sahindo da sombra*

Não posso mais!... (*Alto.*) Ingrata será a meiga lua se vos não responder, ó inspirada cantora!

Poncia, *áparte*

Agora é que ellas vão ser!

D. Vicencia

Quem me falla?

João

E' João Alvares, a alma excruciada de João Alvares, que vos ama, senhora, que vos adora, archanjo, que se humilha perante a vossa soberania!

Poncia, *áparte*

Perdeu o siso o meu pobre menino! Nossa Senhora dos Remedios lhe accuda!

D. Vicencia

Os meus amores não os tem a terra, senhor! Vago perdida como a ave que perdeu a memoria das suas florestas. O seu coração dê-o ás filhas das paixões mundanas, que eu, miserrima entre as mulheres, não espero encontrar alma que comprehenda a minha!

Poncia, *áparte*

Deixa que eu te vou botar agua na fervura! (*Alto.*) O' sr.ª D. Vicencia, sr.ª D. Vicencia!

D. Vicencia

Quem é?

Poncia

E' a Poncia. Faz favor de me dizer se a cabra ainda fica esta noite no quarto?

D. Vicencia

Que vil prosa a d'esta mulher!

João

Sr.ª Poncia, recolha-se!

Poncia

Não se faça desentendida, ouviu? Olhe que eu, se me não tira a cabra de cima da cabeça, acaba-se esta noite o mundo!

D. Vicencia

Sr. João Alvares, a bestialidade de sua serva reflecte em v. s.ª (*Sahe*).

SCENA XI

JOÃO *e* PONCIA

João

Vossemecê envergonha-me!

Poncia

Venha deitar-se, que estão as papas promptas! Má mez p'ra mulher! Olha o demonio que havia de vir agora lá de cascos de rolha com a cabra e com a guitarra! Venha deitar-se, sr. João! Eu cá lhe vou arrefecer o caldo.

SCENA XII

JOÃO, MORGADO *e* HEITOR

(*Os ultimos sahem da porta do hotel. João vae a retirar-se*)

Morgado

Elle ali está o Bernardo.

Heitor, *lançando-lhe a mão*

O' su amigo!

João

Que quer o senhor?

Morgado

Ah! este é o João Alvares. Enganei-me.

Heitor

Perdoará. Cuidei que era o seu amigo Bernardo. Diga lá a esse borra-botas que eu sou homem de lhe tirar a collada pelas costas, ouviu?

João

Ouvi perfeitamente, que o senhor tem um excellente pulmão.

Heitor

Diga-lhe lá que se tornar a bolir com minha filha, mando-lhe quebrar o espinhaço.

João

Com que então o meu amigo Bernardo boliu-lhe com a filha? Forte marôto!

Heitor

Vossê está o mangar comigo?

João

Deus me defenda! Eu estou protestando contra o tratante que desinquieta meninas. O direito paternal é o mais sagrado dos direitos.

Morgado

Apoiado!

João

V. ex.ª tem carros de razão em quanto sustentar o

decoro dos lares, e mantiver immaculada a prosapia illustrissima de que borbulhou.

Heitor, *ao morgado*

Que diz elle?

Morgado, *assentindo com gravidade*

E' aquillo que elle diz.

João

Mas, a fallar a verdade, eu não sei se v. ex.ª tem razões assaz fortes para tamanha zanga. O sujeito que namora sua filha é filho segundo de uma illustre casa de Celorico de Basto. Por *Gamas*, deve pertencer ao venerando tronco do que dobrou o cabo tormentorio, segundo consta de João de Barros, Lucena, Camões, e da Historia genealogica da casa real. Por *Castros*, descende por bastardia de um irmão de Ignez de Castro, que veio casar a Celorico, e houve quatro filhos de D. Mecia da Gama, um dos quaes foi dom abbade de frades bentos, outro foi prior-mór de Christo, o terceiro morrèu em Alkacer-Quibir, e o quarto morreu em cheiro de santidade, e está inteiro. Já vê v. ex.ª que o amante de sua filha não é qualquer borra-botas, como sua senhoria lhe chamou, no auge de sua paternal iracundia. O que o sr. Heitor deve indagar é se é honesto o intuito d'este amor; e caso seja, apressar o enlace matrimonial.

Morgado

Tudo aquillo é pêta! e hade perdoar, sr. João. O senhor esteve ahi a improvisar. Qual filho de Ignez de Castro! Elle é lá d'essa familia! Cuida que eu não sei que o avô d'elle foi almocreve! Meu pai deu-lhe muitas cargas de presuntos para Lisboa.

João

Heide desmentil-o com as genealogias mais acreditadas, sr. morgado!

Morgado

Bem me importa cá a mim as suas *geologias*, ou que deabo é.

Heitor

Está arrumado! Diga-lhe o meu recado, e acabou-se a pendencia! Vamos ao homem dos bois que é tarde. *(Sahem.)*

SCENA XIII

João, *só*

Vou avisar Bernardo, que não vão estes brutos deslombal-o; mas onde o encontrarei eu? Talvez a jogar por conta do dote de Hermenegilda. (*Sahe.*)

Poncia, *á janella*

Então, sr. João, vem tomar o caldo?

João

Maldita sejas tu! (*Sahe com arremeço*).

SCENA XIV

PONCIA *e* D. HERMENEGILDA

Poncia, *batendo com o cabo da vassoira na janella de D. Hermenegilda*

O' menina, ó fidalguinha!

D. Hermenegilda

Estava aqui á espera de vossemecê.

Poncia, *passando-lhe um lenço atado na ponta do cabo*

Tome lá uma duzia dos pasteis de Santa Clara.

D. Hermenegilda, *comendo um*

Bem haja! sabem que é um regalinho!

Poncia

Pois coma, coma, minha querida menina. Olhe lá: sempre está na idéa de casar com seu primo morgado?

D. Hermenegilda, *com a bocca cheia*

A'gora estou! O berzabum é que anda atraz de mim, que tem coisa má!

Poncia

Mal empregada senhora nas unhas d'aquelle brutamontes! A menina, se quizer casar com rapazes novos, e civilisados não lhe hão de faltar!

D. Hermenegilda

Pois isso é o que eu quero.

Poncia

A sr.ª D. Hermenegilda gosta bem sei eu de quem...

D. Hermenegilda

Vá a vêr se adivinhou.

Poncia, *com tristeza*

Nem lh'o quero dizer!... Se soubesse que extravagante elle é!...

D. Hermenegilda

O Bernardo?

Poncia

Sim, meu anginho do ceo; o Bernardo tem perdido quanto tem a jogar. Por mais que meu amo o tenha querido tirar do vicio, não se emenda. Ai! o meu amo! isso é que é um rapaz de mão cheia. Se houver de casar, minha fidalga, escolha um marido como o sr. Joãosinho. Andam todas as mulheres atraz d'elle, e elle não tenha medo. Não quer nenhuma nem que lh'a pezem a oiro. Ainda hontem eu lhe disse: ó sr. Joãosinho, se v. s.ª encontrasse uma menina como a fidalga da Amarante!!—Com essa casava eu—disse elle logo.. Coma outro pastel, minha menina.

D. Hermenegilda, *comendo*

Elles são tão bons!

Poncia

E a fidalga casava com o sr. Joãosinho, se acontecesse... sim... se, como diz lá o outro...

D. Hermenegilda

Eu não se me dava, se o paesinho deixasse...

Poncia

Pois olhe, minha senhora, não se despeça de casar com elle... A gente quando quer deveras tudo se faz... Ahi vem gente...

D. Hermenegilda

Então vou-me embora; não vá ser o paesinho.

Poncia

Até ámanhã... pense muito no sr. Joãosinho, sim?

D. Hermenegilda

Faça-lhe visitas da minha parte. (*Sahem das janellas*).

SCENA XV

BERNARDO *e* D. HERMENEGILDA

(*Quando Bernardo está atirando pedrinhas á vidraça de Hermenegilda passa o Morgado escoando-se ao longo da parede do terraço, e fica espreitando*).

Bernardo, *a Hermenegilda*

E' tal o prazer que me enche o coração, que não posso exprimir-vos quanto por vós sinto, desde o ditoso instante em que vêr-vos e adorar-vos foi obra de um momento. O sentimento que meu terno peito nutre por vós, acaso ao vosso terá passado?

D. Hermenegilda

Eu passei bem, e o senhor?

Bernardo

Como passará bem do corpo quem arde em vivas chammas d'amor?

D. Hermenegilda

O senhor tambem sabe cantar a modinha das *vivas chammas de amor?*

Bernardo

Nada, não sei.

D. Hermenegilda

O primo morgado de Fafe canta que é um regalinho ouvil-o esta moda: *(Recita: — Gesto de contentamento do Morgado)*.

> Althea, mimosa Althea,
> Me mal tratas com rigor,
> E eu por ti ardendo sempre,
> Em vivas chammas d'amor.

O senhor não sabia este soneto?

Bernardo

Não fallemos das cantigas do Morgado que é um bruto. *(Gesto de raiva do Morgado, que sahe)*. O que me importa saber é se tendes um affecto egual ao meu.

D. Hermenegilda

Isso lá, é consoante. Meu paesinho o dirá.

Bernardo

Pois vosso pai é que vos manda amar?

D. Hermenegilda

O que elle diz é o que se faz. Casamentos não me faltam. Tem-me pedido muitos morgados, e elle diz que não.

Bernardo

Mas eu não pergunto se quereis casar comigo.

D. Hermenegilda

Que quer então o Senhor?

Bernardo

Quero casar comvosco; mas primeiro devo experimentar o vosso coração. Quero ser amado antes de ser vosso marido. Que sentís por mim?

D. Hermenegilda

Sinto muito bem.

Bernardo

A minha carta que impressão vos fez?

D. Hermenegilda

Fez-me muita. Está muito bonita. Parece mesmo que é coisa de livros de historias. Tenho lá na Amarante um livro chamado os *Contos do Trancoso,* e outro chamado as *Aventuras* de Theofilos ou Theofanos, ou uma palavra assim, que trazem muitos palavriados como a vossa carta.

Bernardo, *comsigo*

Que prodigio de estupidez! (*Alto*). Vejo que me não amais!...

SCENA XVI

OS MESMOS, *e o* MORGADO *com o quer que seja debaixo do capote de quartos*

Bernardo

Vejo que me não amais! O vosso coração é do Morgado de Fafe!

D. Hermenegilda

Pois não fôste!...

Bernardo

Faltava-me ser vencido por um rival tão bruto!

(*O Morgado sahe da esquina onde está encuberto. Arranca de sob o capote um varapáo, e cinge-se com a parede em atitude de valentão de arraial, escarrando grosso, a espaços*).

D. Hermenegilda, *assustada*

Fuja que é o primo morgado de Fafe, fuja.

Bernardo, *tirando um par de pistolas*

Eu não sou homem que fuja! Quem é que está ahi a grunhir?

Morgado

Faça o acto de contrição, que vossê está ahi está na cova. Vai levar tapona de crear bicho! (*Bernardo engatilha*). Ah! vossê traz pistolas?! Então o caso muda de figura. (*Tira do bolso interior do capote um bacamarte*).

D. Hermenegilda, *sahindo da janella*

Ai Jesus!

SCENA XVII

OS MESMOS *e* JOÃO

João

Isto que vem a ser?

Morgado

Um de nós hade lavrar o chão com os focinhos. Arrede-se lá, sôr João, que eu quero matar o casaquinha!

João

Com que direito? o senhor quer matar um homem por que elle é amado d'uma mulher, infiel ao sr. morgado? Por 'ventura tem aquelle homem alguma obrigação de ser mais digno que a mulher que atraiçôa o morgado?

Morgado

Homem! vossê a modo que tem razão. Ella é que me-

recia um bom par de cachações. (*A Bernardo*). Vá com Deus, homem!

João

Seja sempre assim, discreto. A valentia imprudente é a furia d'um louco. (*Sahe, com Bernardo).*

SCENA XVIII

MORGADO, *e depois* D. VICENCIA *no terraço*

Morgado

Que heide eu agora fazer? Como heide eu vingar-me da traidora, que parecia mesmo uma lesma!

D. Vicencia, *no terraço*

Ainda bem que todos estes alarves dormem! Agora poderei, a sós com a natureza, expandir a minha alma. (*Preludia no violão e canta fitando a lua:*)

(*O morgado encosta a clavina e o páo ao muro do terraço, e vai contemplar do centro*).

Quando em ti meus olhos pasmo
Doce rainha dos ceus,
Sinto ardente enthusiasmo
Do porvir rasgando os veus.

Vejo um anjo
Todo amor,
Que, a sorrir,
Me diz: «ó flôr!»

Morgado, *batendo as palmas*

Muito bem, bravo, parece um rouxinol!

D. Vicencia

Que gritaria! Quem faz tanta algazarra?

Morgado

Sou eu, D. Vicencia, sou eu, que dou cavaco pelo que é bom. Eu corto as orelhas se na opera das comedias de S. Carlos na capital ha quem cante como a senhora. Faz favor de tornar a cantar isso?

D. Vicencia

Ora deixe-me, sr. morgado! Vou recolher-me.

Morgado

O' minha senhora, faça favor; eu não sei dizer melhor as cousas, se não dizia: Por quem é, cante mais um migalho que me enche o coração de prazer.

D. Vicencia

Por obediencia canto. (*Repete*).

(*O morgado mostra-se vivamente enthusiasmado. Tira do dedo um brilhante, e embrulha-o no sobrescripto de uma carta. Vê se João embuçado na esquina fronteira*).

Morgado

O' sr.ª D. Vicencia! A senhora ha de perdoar o meu atrevimento. (*Atira-lhe o embrulho*).

D. Vicencia, *apanhando*

Isto que é? um annel com brilhante? (*João apparece na janella do primeiro andar, e Poncia logo na do segundo*).

Morgado

Custou-me quarenta libras e uns pósinhos. E' uma memoria d'estes ditosos instantes que a senhora me deu. Eu estava triste como a noite; tinha cá dentro o demonio a trabalhar comigo, e desde que ouvi a menina, foi como se estivesse a arder, e me atirassem uma caldeira de agua fresca pela cabeça abaixo. Fiquei consolado!

D. Vicencia

Mas eu não devo acceitar este annel por modo nenhum.

Morgado

Oh senhora, não me faça uma desfeita... Faça de conta que o recebeu da mão de um noivo.

D. Vicencia

De um noivo! isso tem mais que se lhe diga.

Morgado

Isto é um modo de fallar... Eu bem sei que a senhora se não penteia para mim; mas pr'amigo sirvo como os que servem.

D. Vicencia

Guardarei o annel como lembrança de um sincero amigo...

Morgado

Pois guarde, guarde, e o resto quem viver o verá.

D. Vicencia

O resto?!

Morgado

Isto é um modo de fallar... *(João e Poncia soltam uma gargalhada)*. Vossês que estão ahi a rir?

Poncia, *debruçando-se para vêr o terraço*

A mulher terá fadario de gata, que anda a miar pelos telhados? *Biche, biche, biche, farruca?*

(Outra risada de João. O morgado braceja furioso).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

A decoração do primeiro acto

SCENA I

D. VICENCIA, *com a cabrinha*

(*Entra um criado, que lhe entrega uma carta, e sahe*)

D. Vicencia, *abrindo a carta*

E' do procurador. *(Lendo)*. «Com o maior desgosto participo a v. exc.ª que a sua demanda foi hontem decidida na Relação, e v. exc.ª foi (*grande sobresalto*) victima da mais manifesta iniquidade. Deram como nullo o testamento de seu marido. A lei apenas concede a v. exc.ª o usofructo dos bens livres, que, segundo creio, pouco valem! (*Cahe prostrada na cadeira*). Estou pobre!... Estão vingados os meus inimigos! Venceu a estupidez! (*Enchuga as lagrimas e continua a leitura:*) Se v. exc.ª permitte que eu lhe dê um conselho, ouso lembrar lhe que o mais conveniente passo que tem a dar é entrar n'um convento, onde póde viver com pouco em modesta obscuridade! (*Amachuca na mão a carta*). Não! convento, não! Nasci para a luz! (*Ergue-se de golpe*). Quero a luz! quero a liberdade! Hei de achar um canto do mundo debaixo do sol!»

SCENA II

D. VICENCIA *e o* MORGADO

(*O morgado traz um cabrito preso com uma fita*)

Morgado, *muito meigo*

O coração amante apanha as inclinações do coração amado. Deu-me tambem na venêta de ter um cabritinho, minha rica senhora. Olhe como elle é bonito! E a cabrinha parece que está contente de o vêr! O meu cabritinho tambem quer ter um nome. V. Ex.ª ha de ser a madrinha. Ora diga lá como se ha de chamar o meu bicho?

D. Vicencia, *meditativa*

Encontra-me afflicta, snr. morgado!

Morgado

A cabra está doentinha? não me parece!... Então que tem? Dar-se-ha caso que estes pelintras de Cabeceiras de Basto lhe fizessem alguma? Eu estou aqui para os trazer pelas orêlhas á sua presença.

D. Vicencia

Não, senhor, ninguem me offendeu. São negocios de familia.

Morgado

A senhora não esteja zangada lá pelo que disse a Poncia. Aquillo é uma azemola que não póde vêr que eu vos ame, e que vós me ameis, porque o amo d'ella amava a vós. Forte pateta! Metteu-se-lhe no toitiço que vós podieis amar a elle! Pedaço de...

D. Vicencia

Coitado! Parece-me um moço delicado o tal João Alvares!

Morgado

Ora adeus! Aquillo é um pandilha! Tem botado a perder muita cachopa, e mulher de juizo nenhuma lhe dá trela. Depois, o que elle tem não vale oito centos mil réis. Lá esperto é elle, segundo diz o meu irmão frade; mas isto de esperteza cá p'ró arranjo do almoço, jantar e ceia, acho que é malhar em ferro frio. Olhe que eu mal sei escrever o meu nome; mas não sou asno. Quem ama tem o ôlho muito fino. Já dei fé da senhora gostar d'elle, e a fallar-lhe a verdade, senti cá por dentro uns... uns... sim... uns, assim a modo de calafrios na espinha. *(Com vehemencia)* Em fim, o que ha de dizer-se ao tarde, diga-se ao cedo... eu tenho-lhe amor de raiz! *(Ajoelha aos pés de Vicencia)*.

D. Vicencia

Snr. morgado! eu estou pasmada!... Queira erguer-se! *(Dá-lhe a mão, que elle beija, e aperta-lhe uma pulseira rica no braço)*. Que é isto? que faz?

Morgado

Perdoai o meu atrevimento! E' o coração que me obriga a estas asneiras! A paixão é cega. Chegou a minha hora de morrer de amor! Se não quereis amar-me, sêde minha amiga, perdoai os meus atrevidos atrevimentos! O coração arrebenta-me d'amor! Oh ceus! não sei que digo.

D. Vicencia

Tranquillise-se, snr. morgado! Reconheço a nobreza

de suas intenções, e não posso senão louval-as. Acho-o digno da minha estima. O meu coração é grato.

Morgado, *ajoelhando de novo*

O' Vicencia amada, sêde minha esposa!...

SCENA III

OS MESMOS *e* JOÃO

(João contempla o grupo. O morgado, ao vêl-o, ergue-se)

João, *entre ironico e pasmado*

Dar-se-ha caso que Jupiter se convertesse em boi para arrebatar a formosa Europa!

Morgado

Vossê chama-me boi, ó sôr João!?

João

Pergunte á snr.ª D. Vicencia a explicação d'esta poetica imagem. S. exc.ª, como entendida em altas philosophias do amor, póde dizer-lhe quando é que fica bem a um deus do Olympo metamorphosear-se em boi. (*Contempla o cabrito*). Temos cabritinho! Era justo que Paulo e Virginia se fizessem pastores! (*Ri ás gargalhadas*). Com effeito! O ridiculo está tomando umas porporções assustadoras!

D. Vicencia

Eu é que me não presto voluntariamente ao ridiculo, senhor!

Morgado, *a D. Vicencia*

Elle disse-lhe alguma?

D. Vicencia

Devo-lhe contas das minhas acções, sr. João?

Morgado

E eu tambem devo-lhe conta das minhas?

João

Devem contas á sociedade; porque a sociedade é o juizo inexoravel dos ridiculos de cada individuo da sociedade.

Morgado

Homem, guarde lá o palavriado p'ras gazetas, e não se faça menino bonito, ouviu? Esta senhora devo-lhe alguma cousa?

João

Esta senhora deve-me o que deve ao mundo: a explicação da sua irrisoria inclinação!

Morgado

Vossemecê quer policia, sr. João!

João

Não me ameace, Morgado. Olhe que eu contra a força bruta do pulso tenho um *rewolver!*

D. Vicencia

Sempre desejo saber o que o senhor quer de mim!

João, *riso sarcastico, postura solemne*

Aqui está o que são as mulheres romanticas! As mulheres que acham poesia na cabrinha branca! As mulheres que remedam a Esmeralda de Victor Hugo! As mulheres que, alta noite, sobem aos terraços a descan-

tar trovas á lua. As mulheres que erram na face da terra buscando coração de anjo que as comprehenda! As mulheres romanticas são isto! Depois de chorarem oito dias e oito noites, com saudades de um serafim que o ceo lhes nega, acertam de encontrar o Morgado de Fafe e apaixonam-se d'elle! N'isto se resolveu o amor da cabra, o amor da lua, e o amor do anjo! Oh! miseria, vilipendio, e exemplo atroz a futuros amadores de mulheres romanticas!

D. Vicencia

Desprezo os seus sarcasmos da altura da minha dignidade!

Morgado

Tambem eu! E calle-me o bico, que eu boto-me a perder! Vossê importa-lhe que a sr.ª D. Vicencia seja minha esposa?

João, *trovejando*

Importa-me desmascarar hypocritas diante d'um publico respeitavel!

Morgado

Vossê não me grite, homem!

SCENA IV

OS MESMOS *e* PONCIA

Poncia

Que gritaria é esta? O sr. Joãosinho está tão amarello! Que tem?

João

Deixe-me!

Ponoia, *ao morgado*

Que foi isto! O senhor fez-lhe alguma! Desembuche, ande!

Morgado

Não lhe fiz nada. Elle é que está ahi a botar pela aquella bocca fóra quanto lhe lembra. Não queria que eu estivesse a conversar com a sr.ª D. Vicencia. Vossê já viu um lorpa d'esta casta?

Ponoia

Lorpa será elle! Olha o inxuvèdo que vem cá chamar lorpa a um homem que tem estudos. (*A João*). E o menino que se lhe importa que elle converse com ella? Lé com lé, e cré com cré! Venha d'ahi, sr. João!

D. Vicencia

Eu retiro-me! não sirvo para estas scenas vergonhosas!

João, *ironico*

A senhora a fallar em vergonha tem graça!... Espere! que ha de ouvir-me! (*Colloca-se-lhe á frente, e ella recua para o Morgado, que lhe toma a vontade*).

Morgado

Olhe que eu passo a vias de facto, ó su atrevido!

Ponoia, *agarrada ás abas do chambre de João*

Não se bote a perder, sr. Joãosinho! (*Pucha-o para o lado esquerdo da scena, em quanto Vicencia faz o mesmo ao Morgado*).

Morgado, *arremettendo-o*

Espatifo-o! quero trincar-lhe os figados!

João, *o mesmo*

Quero ensinar um bruto! deixe-me tosquiar este camêlo!

As seguintes coplas são cantadas, e ajustadas á musica do quarteto do 3.° acto d'«I due Foscari». Cumpre que os actores, arremedem os tregeitos furiosos dos cantores n'aquelle quarteto.

Morgado *só*

Não te faças fino,
Que eu bem sei quem és,
Hei-de pespegar-te
Quatro pontapés.

João *só*

És quadrado zote,
És bruto indecente,
Digno da Vicencia,
Vergonha da gente.

D. Vicencia *só*

Deixemos o parvo,
Que não tem pataco;
Vem, meu Antoninho,
Não lhe dês cavaco.

Poncia *só*

Deixemos a tola
Que falla co'a lua;
Venha, Joãosinho;
Mande-os á tabua!

Morgado *só*

Ai! que eu vou-te ás ventas
Sem dó nem clemencia,
Se tu me namoras
A minha Vicencia.

João *só*

A mim faz-me nojo
Essa tal Vicencia
Que te está vendendo
A vil consciencia.

Todos

Que vão bugiar
Não digas mais nada
Não demos cavaco
A tal canalhada.

Repete

SCENA V

OS MESMOS, *e quatro sujeitos*

Que sahem dos quartos lateraes embrulhados em cobertores com barretes de dormir. Entram a passo grave.

Um sujeito

Que infernal bulha é está! São dez horas da manhã. Estamos no primeiro somno. E ha uns alarves que vem gritar aqui sem respeito ao repouso dos seus visinhos!

Morgado

Os senhores não tem vergonha de virem assim diante d'esta senhora? (*Indicando Vicencia*).

Poncia, *indicando-se a si*

E d'esta?

Morgado

Vão-se vestir! Tragam um casaco, se não que quizerem levar uma casaca! Recolham-se, senão vou dar parte ao regedor! Apparecerem assim diante d'uma menina!

Poncia, *tapando o rosto com o avental*

Isso é verdade!

Um dos sujeitos

Respeitemos o pudor do bello sexo.

Todos

Respeitemos. (*Sahem*).

D. Vicencia, *apertando a mão ao morgado*

Morgado! para a vida, e para a morte! (*Sahe*).

Morgado

Qual morte nem meia morte! Agora é que nós vamos viver. (*Sahe e volta á scena*). O' su amigo, agora, se quer alguma coisa, é cá para fóra! Venha d'ahi, se homem! (*João quer sahir. Poncia agarra-o*).

Poncia, *ao Morgado*

Eu vou buscar o cabo da bassoira!...

Morgado

Pois vai, minha giboia!

Poncia, *ainda retendo João*

Ah! grande bruto!... (*O morgado sahe*).

SCENA VI

JOÃO *e* PONCIA

Poncia

Menino, eu estava a vêr se a sr.ª D. Hermenegilda dava fé d'esta desordem por causa da Vicencia!

João

E que tinha isso? que me importa a mim a Hermenegilda?

Poncia

O senhor está a lêr! Então não sabe que, se Deus S. Gonçalo d'Amarante nos ajudar, o menino está aqu e está rico a não saber o que tem de seu?

João

Não entendo! Como é isso, tia Poncia?

Poncia

Calle-se, calle-se, que já tenho esperanças de morrer contente, deixando-o nos braços de sua mulher, com uma casa farta e cheia de tudo. Hermenegilda é sua mulher, ou eu não sou Poncia do Rozario.

João

Que está a dizer a mulher?! Pois não sabe que Hermenegilda namora o meu amigo Bernardo de Castro?

Poncia

Isso está desmanchado! Mau foi eu metter-me n'isto!... Tanto se lhe dá ella do Bernardo como do Morgado. O que ella quer é casar com o sr. Joãosinho.

João

Mas eu é que não sou capaz de atraiçoar o meu amigo. A minha principal riqueza é a honra. E de mais d'isso, Hermenegilda é muito estupida.

Poncia

E' estupida? As espertas é que são boas, não são? Olhe lá no que deu a esperteza da Vicencia! Aquella é que lhe servia, sim? Ora, sr. Joãosinho! sempre lhe digo que essa sua cabeça é uma abobora! Levou uma lição d'aquella casta, e não apprendeu nada! Pelos modos, o menino vai vêr se encontra outra fiducia que te- a uma cabra, e que ande pelos telhados a botar ver- s aos planetas! Valha-o Deus, que está cada vez mais nto! Sr. João, tome o meu conselho: mulher para o ranjo da vida como a D. Hermenegilda, más maleitas e apanhem, se o senhor topar outra. Não quer? O hor torcerá as orelhas. A culpa tenho-a eu de andar

mettida n'estas balburdias. Que hei de eu agora dizer á pobre menina? De mais a mais fiquei de arranjar com que o sr. Joãosinho lhe fallasse hoje para se declararem um ao outro, e vai agora...

João

O' mulher, vossemecê é mentecapta! Pois cuida que, ainda mesmo que eu quizesse casar com Hermenegilda, o pae m'a dava?

Poncia

Isso deixe-o por minha conta; eu arranjarei tudo.

João

De que modo? explique-se.

Poncia

Não tenho tempo agora. Quer ou não quer?

João

Eu não sei que faça!... Vossê está a tentar-me, Poncia! Sinto que se está torcendo a minha vocação! Isto é um phenomeno! Por ventura, estarei eu tambem corrompido! A indignidade do coração humano será contagiosa?!

Poncia

O senhor está ahi a prégar? isto é páo-páo, pedra-pedra. Vou buscal-a?

João

Buscar o que?

Poncia

A noiva.

João

Em fim!...

Poncia

Demore-se um migalho... Oh! com a breca!... Ahi vem o Bernardo. Impõnte-o depressa!... (*Sahe.*)

SCENA VII

JOÃO *e* BERNARDO

Bernardo

O' João, podes emprestar-me duas libras até me chegar dinheiro de casa?

João

D'onde vens tu, que te não vejo ha dois dias?

Bernardo

Da espelunca. Lá comi e dormi e larguei as ultimas reliquias de vinte libras.

João

E a respeito de Hermenegilda?

Bernardo

Nem mais me lembrou a parva creatura! Aquillo não me serve, porque ha de ser difficil de mover o quadrupede paternal! Mas em quanto a ella, fazes lá idéa da selvagem que ali está! Cada palavra que diz são tres asneiras das que gelam o mais vulcanico amor! Deixa-a ir p'ro morgado, que vai para onde a destinou a natureza.

João

Decididamente não queres mais nada da Hermenegilda?

Bernardo

Queria-lhe o chapeo que ella trouxe da Amarante para me embarcar n'elle para a California, em perdendo a ultima geira do patrimonio! Dá cá as duas libras, que me foge o palpite.

João

Faz-te desarranjo vir buscal-as logo? A Poncia é que tem o dinheiro; e, se eu lh'o vou pedir agora, a mulher sabe que é para ires jogar, e não m'o dá.

Bernardo

Então volto logo. Vou á praia vêr uma Felizarda de Athei que é menos boçal que Hermenegilda, e não é menos rica. Até depois. (*Sahe*).

SCENA VIII

JOÃO, PONCIA, *e depois* HERMENEGILDA

Poncia, *espreitando*

Já sahiu?

João

Já (*Poncia retrocede*). Agora já a minha dignidade não soffre.

Poncia, *para fóra*

Venha, menina; não tenha vergonha.

João, *indo receber Hermenegilda*

Minha senhora, acabo de receber a agradavel noticia de que v. ex.ª me ama, e deseja ser minha esposa. Eu não me atrevia a mostrar-lhe o egual desejo, que me

domina, desde que tive a dita de a vêr ; mas agora, visto que os nossos corações se encontraram, saiba v. ex.ª que eu a amo com todas as veras da minha alma.

D. Hermenegilda, *com muito pudor*

Tambem eu.

Ponoia

Conversem, conversem que eu vou aqui p'ra janella espreitar que não venha o paesinho. (*Vai debruçar-se na janella*).

João, *dando-lhe uma cadeira*

Queira sentar-se, meu amor.

D. Hermenegilda

Estou bem de pé ; é p'ra crescer.

João

Então, por quem é, sente-se, minha querida menina. (*Sentam-se ambos aproximados*). Está, pois, resolvida a ser minha esposa ? (*Toma-lhe uma mão com meiguice, e ella retrahe a mão com enfado*).

D. Hermenegilda

Não vale bolir-me nas mãos.

João

O' minha senhora, peço-lhe que não se offenda de uma acção tão innocente. Cuidei que o anjo que ha de ser minha esposa me consentiria que eu lhe beijasse a mão, que brevemente ha de ser minha.

D. Hermenegilda

Quando fôr sua, então a beijará.

João

Pois sim, minha querida. Respeito as suas vontades todas. Ora diga-me (*A'parte*). Cego seja eu, se sei o que lhe hei de dizer! Ora diga-me... Tem realmente vontade de ser minha esposa?

D. Hermenegilda

Pois eu!... se o paesinho deixar...

João

E havemos de ser muito venturosos, muito amiguinhos... (*Vai a tocar-lhe a mão, que ella retira*).

D. Hermenegilda

Não bula.

João

Perdão, minha adorada; o amor faz-me imprudente... Deixe-me dizer-lhe: essa sua repugnancia em se deixar acariciar, faz-me suppôr que me não ama.

D. Hermenegilda

A gente póde amar sem estar a bolir nas mãos.

João

Diz bem, minha cara menina. A virtude é assim; e eu tão raras vezes tenho encontrado a virtude, que sinto vontade de lhe dobrar o joelho! Se me concedesse ao menos que eu a adorasse... (*Ajoelha*).

D. Hermenegilda

Eu não sou santa nenhuma. Isso de que serve?...

João

Por que não me hade permittir que eu lhe beije a mão?

Poncia, *para fóra*

Deixe-lhe beijar a mão, menina; todas as noivas deixam beijar as mãos a seus maridos.

D. Hermenegilda

Pois então ahi tem.

(*Quando João lhe está beijando a mão, surge Vicencia á porta do seu quarto, e solta uma gargalhada. Erguem-se*).

SCENA IX

OS MESMOS *e* D. VICENCIA

D. Vicencia, *ironica*

Aqui está o que são os homens romanticos! Os folhetinistas ideaes de Guimarães! As almas excruciadas que se humilham aos archanjos! Estes poetas, quando encontram a Hermenegilda da Amarante apaixonam-se d'ella, e mandam o seu estylo e as suas satyras aos estupidos de presente aos tolos! Oh! miseria! vilipendio! e exemplo atroz a futuras namoradas de homens romanticos! (*Entra e fecha a porta com força*).

SCENA X

JOÃO, PONCIA *e* D. HERMENEGILDA

Poncia

Ouviu, ó sua bisbilhoteira?

D. Hermenegilda

Ella que esteve a dizer?

Poncia

E' que endoudeceu a pateta da mulher! Não faça caso.

D. Hermenegilda

Ah! ella está doidinha?

João

Penso que sim, minha querida.

Poncia, *agitada*

Ahi vem o sr. Heitor. Vão-se embora, que eu fico a esperal-o aqui. (*Sahem*).

SCENA XI

PONCIA, *e depois* HEITOR

Poncia

Agora é que eu me vou vêr em apêrtos! Meu S. Gonçalo d'Amarante, não me desampares. (*Entra Heitor*). Deus lhe dê muito bom dia, sr. Heitor.

Heitor, *sem reparar n'ella, atravessando*

Viva.

Poncia

Leva muita pressa?

Heitor

Vossê que tem com isso?

Poncia

Queria-lhe uma palavra em particular.

Heitor

Então que temos?

Poncia

Faz favor de se sentar, que é negocio de costa arriba.

Heitor

Negocio?! eu não tenho negocios com vossê.

Poncia

E' negocio de familia.

Heitor

Que tem vossê que dizer á honra da minha casa?

Poncia

Bemdito seja o Senhor! não tenho que dizer senão bem.

Heitor

Então, bote cá fóra o que tem no bucho.

Poncia

Lá vamos, lá vamos; mas faça favor de sentar-se, que eu, se dá licença, tambem me sento.

Heitor, *sentando-se*

Vamos a isso.

Poncia

V. ex.ª, fidalgo, é um pai como ha poucos, e quer que sua filha tenha bons creditos.

Heitor

E a minha filha tem máos creditos?

Poncia

Não tem, graças ao Altissimo; mas é bom casal-a para que as más linguas lhe não peguem a sujar a virtude.

Heitor

Quem é que suja a virtude de minha filha? é o Bernardo? esse patife do jogador?

Poncia

Quem é que falla no Bernardo! Olha quem! Se a sua menina dava cavaco ao engrimanço! A sr.ª D. Hermenegilda tem muito juizo, e sabe o que lhe convem. O marido que ella quer é outro, que só eu sei o que vale.

Heitor

Então quem é? Pois a rapariga escolheu marido?

Poncia

Foi o seu anjo da guarda que lh'o escolheu. Erga as mãos a Deus, fidalgo! que genro assim não topa o senhor outro!

Heitor

Como se chama?

Poncia

Sou Poncia do Rosario para o servir.

Heitor

Não digo vossê, é elle.

Poncia

Ah! o namorado da senhora sua filha? E' meu amo.

Heitor, *erguendo-se*

Quem? o João Alvares de Freixêdo?! Vossê acho que bebeu de mais ao almoço, ó mulher!

Poncia

Agora bebi; estou muito no meu juizo.

Heitor

Pois seu amo, que não tem coisa que valha duas juntas de bois, e que é um troca-tintas, atreveu-se a olhar p'ra minha filha?

Poncia

Sr. Heitor, meu amo não é troca-tintas, e tem uma casa que lhe dá p'ra comer e beber á farta. O fidalgo está enganado com elle. Em quanto a sangue olhe que é do melhor de Cabeceiras de Basto, e, se não é rico, tambem não pede nada a ninguem.

Heitor

Não me conte lérias. Não quero, não quero, não quero similhante genro!

Poncia

Pois não queira, sr. Heitor; mas olhe bem o que eu lhe digo... Sua filha está ali está acolá nas ondas do mar.

Heitor

Que diz vossê?

Poncia

Chegue cá a orelha. (*Heitor chega-lhe o ouvido, e escuta alguma coisa que o faz saltar*).

Heitor

Vossê está a mentir, mulher!

Poncia

Oxalá que mentisse!...

Heitor, *furioso*

Eu vou matar seu amo!

Poncia

Snr. Heitor, venha cá, não metta a sua alma no inferno. Olhe que a vida são dois dias. Se o mata a elle, mata sua filha, mata-me a mim, mata-se a si, morremos todos. Oiça o que lhe diz esta velha, que tem visto muita coisa. Deixe casar sua filha, que tapa as boccas do mundo. Olhe que ella bota-se a afogar, em sabendo que v. exc.ª sabe da sua desgraça. Lembre-se que aquelle anginho de perfeição não se fez para o comerem os peixes. Em bom panno cahe uma nodoa, e o casamento é a melhor barrela d'estas nodoas. D'aqui a pouco, o fidalgo ha de ser tão amigo do seu genro e dos seus nétinhos que inda me ha de dizer: «O' Poncia, tu fostes um anjo que me appareceste!» Snr. Heitor, lembre-se que está c'os pés na cova, e que sua filha não lhe fecha os olhos, se v. exc.ª a não deixa casar.

Heitor, *bufando afflicto*

Isto é de dar cabo de um homem!...

Poncia, *muito meiga*

Snr. Heitor! Tenha paciencia, que tudo se remedeia com o casamento. O snr. Joãosinho inda ha de vir a ser um grande homem! Olhe que elle já serviu tres annos de juiz ordinario em Cabeceiras de Basto, e falla-se em que vae para deputado, e elle já disse que, em sendo deputado, não volta á terra sem vir commendador ou barão! Snr. Heitor, tenha alma! dê o *sim* a sua filha, e veja as minhas lagrimas!

Heitor, *comsigo*

Que hei de eu fazer-lhe !... Não tenho senão aquella !... Maldita hora em que vim á Foz !...

Poncia

Não diga isso que é peccado. Isto já assim veio talhado lá de cima, fidalgo. Vou dar-lhe a boa nova? vou?...

Heitor

Não lhe diga nada; vá-se embora; deixe-me pensar.

Poncia, *sahindo*

Cahiu na ratoeira! Eu sempre sou uma grande mulher!

SCENA XII

HEITOR *e* MORGADO

Morgado

Que estás ahi a fazer tão casmurro, ó primo?

Heitor

Deixa-me que estou p'ra dar um estoiro!

Morgado, *á parte*

Ha de ser por eu lhe não casar com a filha! (*Heitor ergue-se e passeia muito agitado*).

Heitor

P'ra que vim eu á Foz! A rapariga estava tão socegada lá em riba! Andava tão alegre a cantar lá pelos soutos, e a tratar dos perus e dos patos! Era a minha

alegria vêl-a a fazer a barrela com as criadas!... Ai! que eu arrebento!

Morgado, *áparte*

Não me enganei. (*Alto*) Primo Heitor, eu vou-te a dizer o que sinto, e tem paciencia. Eu não caso com tua filha, porque aquella cabeça não regula bem. Tu já sabes o que aconteceu. Um homem, que casa deve olhar ao futuro, e atirar com o coração p'ra traz das costas, quando a coisa lhe não bacoreja. A fallar-te a verdade, depois que tua filha começou a malucar, eu voltei-me para D. Vicencia, e ella cahiu-me no gôto. Fiz-lhe dois dedos de namôro, e conheci que ella me tinha amor de dentro. Dei-lhe a minha palavra de casar com ella, e agora não tenho remedio senão leval-a á egreja.

Heitor

Pois leva, e deixa-me, homem! Tu não sabes o que eu tenho!

Morgado

Sei que tens boa casa; mas eu p'ra viver á farta, graças a Deus, tambem tenho. Eu, se casasse com a tua filha, não era p'rámor do dote, ouviste?

Heitor

Quem te falla n'isso, homem? A minha filha deu em droga. Agora não ha remedio senão casal-a.

Morgado

Deu em droga! Põe lá isso em miudos!

Heitor

Não me perguntes nada. Vai tratar da tua vida!

SCENA XIII

OS MESMOS, D. HERMENEGILDA, JOÃO *e* PONCIA

Poncia, *para fóra*

Faça como eu lhe ensinei. Veja lá!...

D. Hermenegilda, *entrando, e indo ajoelhar aos pés do pae*

Snr. paesinho! eu quero casar com o sr. João Alvares.

Heitor

Ingrata filha! fizestel-a boa!... pódes limpar as mãos á parede! Foi p'ra isso que eu te trouxe a banhos do mar. Que fizeste, Hermenegilda!

D. Hermenegilda

Eu não fiz nada! Se o paesinho me não deixa casar, vou-me botar ao mar!

João, *ajoelhando ao lado d'ella*

Snr. Heitor Falcão, os culpados são dois, devem ser duas as victimas da sua justiça. Castigue-me a mim, e poupe sua virtuosa filha, que está innocente.

Heitor

Não está má a virtude! Ponham-se a prumo. Não quero cá ninguem de jiôlhos como nas comedias.

Morgado, *rindo muito*

Eu estou pasmado do que vejo! Que manfarrico de embrulhada é esta!?

Poncia

De que está a rir-se este pelludo?

Morgado, *serio*

Olhe que eu dou-lhe um tapa ôlho, sua lagarta.

Poncia

Pois não déste! Venha para cá!...

Heitor, *a Hermenegilda*

Com que então queres casar com este sujeito?

D. Hermenegilda

Pois eu!...

Heitor

Pois tu!... Ah! velhaca, que parecias uma lorpa, e enganaste-me!... Casem, casem. Lá se avenham.

João

Permitta que eu lhe beije a mão, e lhe dê o dôce nome de pae.

Poncia, *a Hermenegilda*

Vá a menina pelo outro lado, e faça o mesmo.

D. Hermenegilda

Permitta que eu lhe beije a mão, e lhe dê o dôce nome de pae.

Morgado, *gargalhando*

Ai! que comedia! isto é perdido em pouca gente!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, D. VICENCIA, BERNARDO
e os sujeitos dos cobertores

D. Vicencia, *sahindo do seu quarto*

Que bulha, que bulha fazem!

(Os sujeitos sahem dos quartos lateraes).

Um sujeito

Não é possivel dormir n'esta infernal casa!

Morgado

Calem-se lá, sus indecentes! D. Vicencia, veja isto, veja isto! O amigo João vae casar com a menina da Amarante!

D. Vicencia

Não me espanto!...

Poncia

Nem se deve espantar.

Morgado

Quem te chamou cá, ó abelha-mestra?

Poncia

Ninguem; vim eu responder áquella senhora, que é muito esperta.

Morgado

E tu és muito bruta.

Bernardo, *á parte a João*

Tu agora pódes emprestar-me cem libras a vêr se me desforro?

João

Isso não é pr'áqui. Falla-me ámanhã.

Morgado

Oiçam lá, que vai fallar um homem! Estão feitas as pazes! São dois casamentos no mesmo dia, e d'aqui vamos comer as assaduras a minha casa. D. Vicencia, minha adorada esposa, tu has de ensinar a prima Hermenegilda a fallar francez.

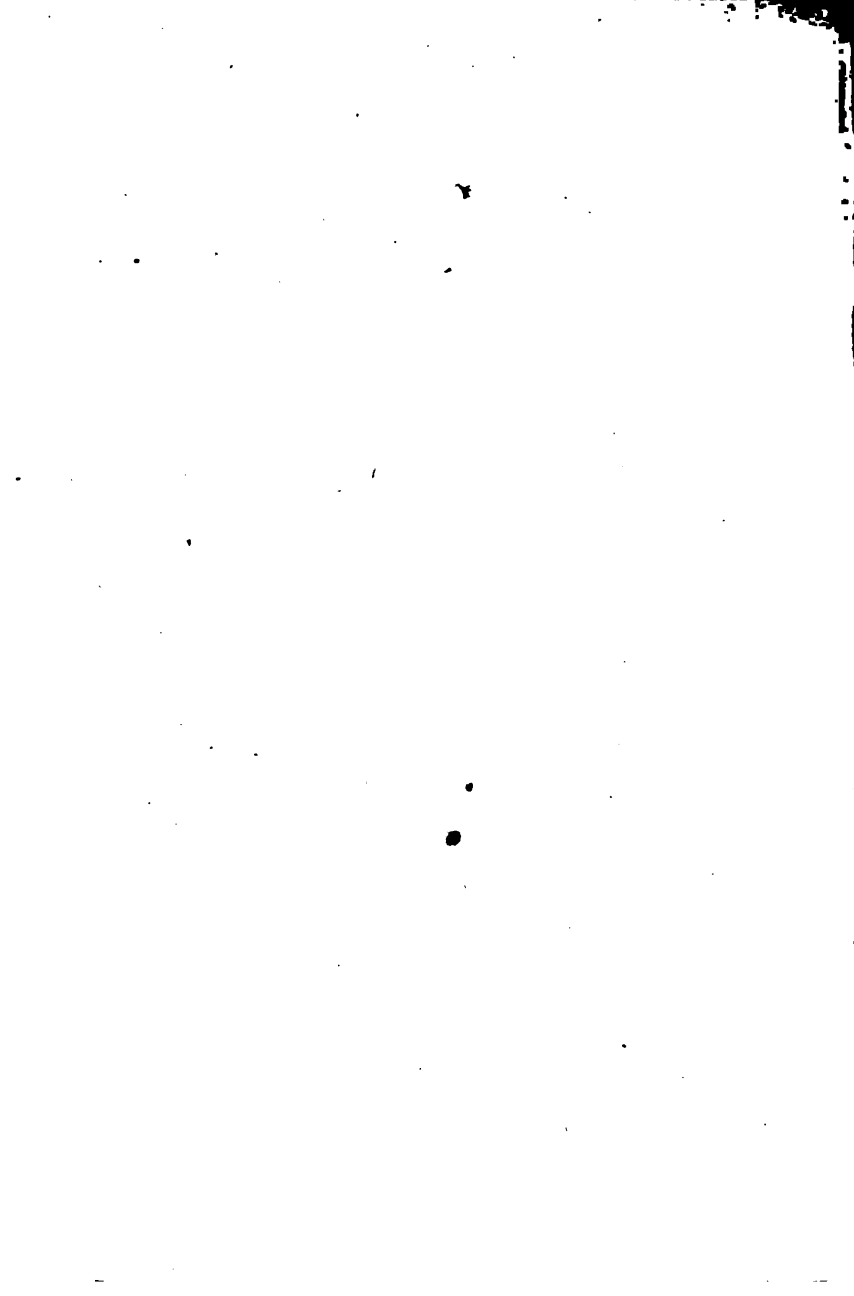
João

Não quero que minha mulher saiba francez... Muito obrigado!

Morgado

Pois eu vou aprender francez, e depois vamos viajar. P'r'o anno hei de ir a Lisboa mostrar quem é o Morgado de Fafe; e as lisboetas hão de ficar de bocca aberta, quando virem minha mulher.

FIM

O ULTIMO ACTO

PERSONAGENS

D. ANNA AUGUSTA	22 annos
D. LUIZA	17 »
EDUARDO SEVERINO	50 »
JORGE DE VALLADARES...............	30 »
JOÃO PINTO	45 »
O MEDICO.	
UM CRIADO.	

O ULTIMO ACTO

SCENA I

EDUARDO SEVERINO *e* LUIZA

Luiza, *inclinada para o pae, que está com a face occulta entre as mãos, debruçado sobre uma mesa.* — Meu pae... então!

Eduardo, *erguendo a face.*—Que é, filha?

Luiza—Não posso vel-o assim... Olhe para mim.

Eduardo — Aqui tens... sorrir-te é que eu não posso.

Luiza—Pois não sorria; mas, ao menos, veja-me com olhos enxutos.

Eduardo—E os teus? Por mais embaciados que estejam de lagrimas, lá vejo n'elles reflectida a imagem de tua irmã. Não chores tu, Luiza. Deixa-me apagar a mim com lagrimas este resto de luz.

Luiza — Mas a Anninhas está hoje melhor, meu pae...

Eduardo—Foi ella que o mandou dizer?

Luiza—Foi, e não tarda ahi. Dormiu duas horas hontem á tarde sem tossir.

Eduardo—E' a morte, que a deixa adormecer no seu regaço. (*Ergue-se.*) Que te disse ella hontem? Conta-me tudo, filha... Não enganes teu pae... Porque

ficou ella sósinha comtigo? Porque sahiste a chorar do quarto? (*Luiza chora.*) Ahi está o que é atormentar-me.

Luiza—Eu lh'o direi quando....

Eduardo—Quando ella tiver expirado?

Luiza—Não me obriguei a isso; mas penso que é um religioso dever...

Eduardo—Calar o segredo a teu pae? Então é certo que Anna vae criminosa d'este mundo!

Luiza, *com vehemencia.*--Vae santa, meu pae!... Eu digo tudo... póde dizer-se tudo... Fallou-me de Jorge.

Eduardo—Basta... sei o que te diria... Leva-o no coração á presença de Deus, não é assim?

Luiza—Deixa-o no mundo a orar por ella.

Eduardo, *recahindo no lethargo.*—Fui eu que os matei...

SCENA II

OS MESMOS *e* O CRIADO

Criado—O sr. João Pinto.

Eduardo—Vem só?

Criado—Sim, senhor.

Eduardo—Que entre.

Luiza, *a meia voz.*—Estou tremendo!

Eduardo—E' admiravel... ás oito horas da manhã!

SCENA III

OS MESMOS *e* JOÃO PINTO

Pinto—E' madrugar de mais, não acha, senhor Eduardo?

Eduardo—Más novas?

Pinto—Tem a bondade de retirar-se, mana Luiza? E' conversação de homens. (*Luiza sahe.*)

SCENA IV

EDUARDO *e* JOÃO PINTO

Pinto—E' a primeira denuncia, e o primeiro desabafo que trago a sua casa. O meu decoro foi ultrajado por sua filha, senhor Eduardo.

Eduardo, *após instantes de sereno silencio*—Estou escutando, senhor.

Pinto—Mas parece que me escuta com admiravel estoicismo!

Eduardo—Imagine que o não creio...

Pinto—Como?!

Eduardo—Imagine que eu julgo sua mulher tão incapaz de ultrajal-o, que nem sequer a surpreza das suas palavras me inquieta.

Pinto—Pois queira escutar-me, e faça de conta que eu não ouvi as suas palavras pouco delicadas... Não me crê... (*Sorrindo.*)

Eduardo—Não o creio, senhor Pinto, sempre e todas as vezes que injuriar a bondade d'essa padecente que nos perdôa a ambos...

Pinto—Não esperdicemos o tempo, senhor Eduardo... Sua filha rasgou hontem o véo da vida mysteriosa que vivia comigo ha dois annos.

Eduardo—*Vida mysteriosa!* Minha filha, senhor, agonisa ha dois annos, e morre talvez ámanhã com o coração immaculado.

SCENA V

OS MESMOS *e* ANNA AUGUSTA

Anna—Póde ser que seja hoje, meu pae; mas com o coração immaculado, não.

Eduardo—Como vens incendiada, minha filha. Senta-te.

Anna—Sentar-me-hei no banco dos réos. Meu pae não póde ser advogado e juiz. Basta que me condemne.

Pinto—Não me emmudece a sua presença, Anna. Censuro-lhe, porém, o desembaraço de seguir os meus passos.

Anna—Vim a casa de meu pae. Não segui os seus passos, senhor Pinto; segui os signaes das lagrimas que derramei quando sahi de cá. Vim porque o meu anjo bom quer subir ao ceu, logo depois da minha morte, sem se deter na terra a defender-me a memoria... Foi o meu anjo da guarda que me avisou. (*Sorrindo.*) Aqui me tem, senhor Pinto, accuse-me.

Pinto—Quem a obrigou a ser minha mulher?

Eduardo—Fui eu.

Pinto—Fez mal.

Anna—Não me obrigaram a casar com o senhor Pinto. Meu pae propoz, e eu accceitei... propoz, porque não quiz mandar.

Pinto—Não devia acceitar.

Eduardo—Essa censura é atroz. O senhor sabe que me propoz a compra, e eu vendi minha filha. Quem obrigou minha filha a casar fui eu; quem acceitou esta mulher obrigada, foi o senhor.

Anna—Voluntaria ou obrigada, faltei aos meus deveres? Responda, senhor Pinto.

Pinto—Faltou.

Anna—O' meu Deus! Desminta-se, senhor, que me mata já.

Pinto—Faltou guardando sempre no coração as recordações de um outro amor.

Anna—Respiro, Mãe Santissima!... E' verdade... guardei essas recordações.

Pinto—Aliás criminosas.

Anna—Se o foram, estão expiadas. Devoraram o coração que as encerrára... mataram-me. A Providencia vingou-o, senhor. Que mais quer agora? Um pelourinho para a minha memoria? Pois sim... Quero ser invilecida, infamada, coberta de opprobrio; mas o pregão da ignominia hade soltal-o a sua consciencia, meu marido.

Pinto—Não vou tão longe.

Anna—Vá, vá; no céo ha justiça... e eu pedirei que haja tambem misericordia para quem da minha sepultura fizer reflectir a deshonra na face de meu pae e de minha irmã.

Pinto—Não vou tão longe, já disse. A senhora escondeu até hoje o seu segredo; escondeu-o como se esconde um crime.

Anna—Diga, diga.

Pinto—Eu devia entendel-a no decurso de dois annos. A frieza do seu caracter, a quasi indifferença em que tinha as minhas acções, o desapego que mostrava para tudo que lisongeava o meu genio, o desinteresse com que acceitava ou regeitava os recreios que eu lhe offerecia...

Anna—E' o meu crime, pois. O meu crime é chorar no que é alegria para os outros. O meu crime é fugir da sociedade cujo contentamento escandalisava a

minha aflição. O meu crime é não poder participar dos prazeres que lisongeavam o genio de meu marido. O meu crime é passar as noites e os dias cortados de dores, familiarisando-me com o vulto da morte, emquanto meu marido ia espairecer dos dissabores de uma mulher enferma, nos theatros, e nas salas. O meu crime é ter no seio a morte que me não deixava saborear a vida. O meu crime é ser infeliz... Isto é duro!...

Eduardo—Martyr. (*Aconchegando-a ao seio.*) O senhor ainda não accusou esta desgraçada! Ahi... ha um coração mau. O senhor Pinto está a grangear remorsos que o hão de atormentar.

Pinto—Eu não fallei ainda, senhor Eduardo.

Anna—Vae accusar-me agora. Meu pae, chame minha irmã, sim?

Eduardo—Que queres, filha

Anna—Quero que essa innocente aprenda a córar commigo. A minha vergonha hade chegar a todos os meus. Chame-a... supplico-lh'o. (*Eduardo tange a campanhia.*)

Pinto, *a meia voz*—Creio que não posso...

SCENA VI

OS MESMOS, UM CRIADO *e depois* LUIZA

Eduardo, *ao criado*—A senhora D. Luiza que venha cá.

Anna—Deus é a summa bondade. Nunca me senti com tantas forças. Se esta vida não é um emprestimo, meu pae, devo de estar na convalescença.

Luiza, *beijando a irmã*—Como te sentes, Anninhas?

Anna—Estava agora a dizer que fizera crise a doença; se não houver alguma recahida, (*sorrindo, e abraçando-a*) tens irmã para muitos annos. Senta-te ao pé de mim, Luizinha. Escuta o que vae dizer teu cunhado. Diga lá.

Pinto—Acabe-se isto. Eu não sou o homem cruel, que o senhor Eduardo imagina. Respondo á sua aleivosia com o silencio.

Eduardo — Regeitamos a benevolencia. Falle, sr. Pinto.

Pinto—Já disse; não tenho accusações a fazer.

Anna—Sou eu quem se accusa. Quero castigar meu marido... (*Sorrindo.*) Já agora serei má esposa até ao fim... Affeiçoei-me de innocente amisade, quando era creança, e amei, já mulher, um homem e depois... adorei-o, e, afinal... matei-o...

Eduardo—Jorge de Valladares não morreu, filha.

Anna—Morreu. A vida é a esperança. Viver é anciar a felicidade possivel e a impossivel. A vida de Jorge era eu. Um dia puz-lhe o pé no coração, como n'um degrau para subir a uma opulencia miseravel... Apontei-lhe a sepultura... e... (*repara em Pinto que sorri*).

Pinto—Supponho, porém, que o padecente tomou por outro caminho: pelo menos a agonia tem sido demorada.

Anna—Não insulte o infortunio, meu marido. Admire-lhe a probidade, se não póde compadecer-se. Não ha mulher forte quando paixão e remorsos a quebrantam... Jorge poderia ter querido perdoar o meu crime, impondo-me a condição de uma culpa... Não o fez.

Pinto—E se o fizesse...

Anna—Se o fizesse... não era o anjo, o santo que é... Seria apenas um homem, prouvera ao Senhor que

sim. Eu agradeceria ao Deus das misericordias ter-me desopprimido o coração de terriveis responsabilidades. Eu antes queria que elle me julgasse indigna de saudade duradoura. Antes... Se me julgasse mulher vulgar, póde ser que eu viesse a esquecel-o como homem tambem vulgar. Não tenho podido. Ha dois annos que Jorge deixou esta casa, onde meu pae continuaria a recebel-o com indulgencia e amisade, e...

Eduardo—E com respeito, accrescenta, minha filha. A simulada paciencia d'elle parece que me accusava sem comtudo me offender. Quando se proferia o teu nome, rasavam-se-lhe os olhos de lagrimas, dizia-m'o Luiza, porque elle... nunca os levantou para mim, talvez para me não arguir. Eu respeitava a dôr d'este honrado moço, quasi meu filho, e senti a perda d'um amigo e d'um exemplo, quando se despediu por alguns annos o pobre Jorge. Tenho, porém, a certeza de que vive.

Anna—Tambem eu, e é d'esta certeza que meu marido me accusa. Eu recebi antes de hontem uma carta de Jorge Valladares. Meu marido, sabendo que eu recebêra uma carta, exigiu-a imperiosamente. Não era necessario empregar o tom severo do senhor para escrava. Mostrar-lh'a-ia, ainda com o receio da profanação.

Pinto—Comprehendo a *lisonja*...

Anna—Não o offendo... Seria profanação. A unica pessoa capaz de verter uma lagrima sobre a carta de Jorge, sou eu. Perdôa-me, minha irmã, tu choraste muitas... Eis aqui a carta, meu pae.

Eduardo—Bem, filha, guarda-a.

Anna—Leia-a, porque ha de julgar-me.

Eduardo—Estás julgada.

Anna—Mas eu quero que Jorge seja absolvido co-

migo. Leia, que eu não posso. *(Eduardo lê mentalmente)*. Alto, meu pae, peço-lhe.

Eduardo, *lendo*—«Sei que morres, Anna. Irei ajoelhar ao pé da tua sepultura, anjo, que o mundo não conheceu. Erguerei á Providencia dos infelizes estas mãos onde os teus labios innocentes imprimiram o primeiro beijo do coração. Ver-te-hei sempre formosa como te vi, porque não posso vêr-te agora cadaverica já com o resplendor da eternidade na face. Direi o teu nome, e tu ouvir-me-has. O teu coração não póde ser devastado pelos vermes que devoram o cynico e o perverso. Nem eu nem tu sabemos os mysterios da morte; mas a suprema desgraça dá o sexto sentido que os adivinha. Quando assim me vires ajoelhado ao pé da tua campa, mandarás á minha alma um raio da tua gloria. Das pessoas que te amaram, sou eu quem mais pobre fica na terra, pobre de tudo que é a riqueza das organisações fadadas para amarem o impossivel. Verás, á luz do céo, como foste amada. Hei de ouvir a tua voz dizer-me «vem». Ha de a tua mão descarnada pousar sobre o meu coração, e desfazel-o na ultima lufada de sangue.» *(Commovido, dando-lhe a carta)* Não continúo.

Anna—Eu digo o resto. *(Sem lêr)*. «Eras tudo o que eu tinha. Eras o meu estimulo de alegria, intelligencia, fé, amor unico, e até da honra. Por ti chegára a ser bom, caridoso, christão, grande aos meus proprios olhos. Quando o odio entranhado aos homens se desafogava no sarcasmo, vinham os teus labios beber do meu fel, dizendo-me: «perdôa, e não desprezes; faz-te querido pela humildade e pela paciencia.» Quando o desalento expiatorio das minhas culpas me quebrantava o animo, vinhas tu, como a pomba da arca Santa, annunciar-me que as tempestades da vingança divina acalmariam uma

vez. Desde que me trouxeste do céo a luz da esperança, anjo redemptor, nunca mais a vi apagar-se nos teus olhos, agora cerrados para sempre. Quando viste que a minha alma estava amparada entre a caridade e a fé, morreste.

«Ao dar-te o ultimo adeus, disse-te que ficaria no mundo offerecendo ao Senhor as minhas dôres como resgate das impaciencias com que repellisses o teu calix. Disse-te que vestiria, aos olhos d'esta gente que escarnece os martyres do coração, a tunica, a mortalha do homem que espera de mãos erguidas o chamamento de Deus. Cumpri. O mundo injuria-me se souber que te choro. Dirá que infamo a tua memoria. Rirá do hypocrita que arrasta o seu luto bem á vista de todos para celebrisar a sua saudade. Tu sabes que o mundo mente. Sabes que venho á tua sepultura dizer que honrei na terra a tua memoria; que alliei á minha morte o teu nome para que me perdôem as deshonras do coração que tu purificaste. Quem poderá insultar-me sem remorso? Leva-me depressa para ti, anjo de Deus. Salva-me de mim mesmo, porque receio manchar as vestes do sacerdote com o sangue do suicida.

«Continúa no céo a obra da minha redempção, pedindo ao Senhor que me aligeire este paroxismo.

«Murmurarei estas palavras ao pé da tua campa. Depois, Anna, perdoando ao mundo que nos detrahir a memoria, offerecer-lhe-hei um cadaver, e um nome glorificado por ti.

Jorge.»

Eduardo — O sr. João Pinto entendeu esta carta, creio eu. Não é possivel que te condemne por ella. Isto,

é um nobre infeliz que diz a uma moribunda: «vê com que honrado coração te amei!»

Anna, *erguendo-se* — Estou absolvida? sou digna da sua estima, meu pae?

Eduardo, *muito commovido*—Assim eu fosse digno do teu perdão. (*Anna beija-lhe a mão*).

Anna—O senhor Pinto tem dó de mim... Tambem me absolve, não é verdade? (*Apertando-lhe a mão*).

Pinto, *beijando-a na fronte*—Não será elle só a chorar-te, minha amiga.

Anna—Seja Deus bemdito!... Luiza, vamos ao meu antigo quarto, ao quarto onde nasci, e onde nossa mãe morreu. Ha de ser-me lá mais suave a morte.

Pinto — Que quer isso dizer, Anna?! Deixas a tua casa?

Anna, *sorrindo* — A minha casa são oito palmos de terra; mas as agonias, que a posse custa, hei de passal-as na casa de meu pae, que offereço a meu marido em nome d'elle. Vem, Luiza, dá-me o teu braço... (*Sahem*).

SCENA VII

EDUARDO SEVERINO *e* JOÃO PINTO

Pinto — Creia, senhor Eduardo, que tenho sido um marido exemplar. Sua filha não me ouviu, durante dois annos, uma só palavra ingrata ao seu melindre, nem contraria ao seu genio. Não se ajustavam nossas indoles, mas eu amoldei-me quanto pude aos caprichos d'ella.

Eduardo—*Caprichos!* Diga antes impaciencias do seu muito soffrer.

Pinto—Se não renunciei totalmente aos meus habi-

tos de sociedade, foi porque me persuadi de que as minhas acções lhe não importavam. Esta indifferença magoava-me, e comtudo resignei-me, e abafei o dissabor. Suspeitei sempre que tinha um rival, o mais deslumbrante de quantos ha, uma imagem impalpavel das que tornam aborrecida a realidade, e odiosas as pessoas que se nos sacrificam. Traguei em silencio esta affronta ao meu amor proprio, e ao outro, não menos pungente, o do coração. Veio agora esse homem imprudente magoar a pobre mulher com umas demasias de sentimentalismo, que nem eu sei se vem da alma, se da phantasia. E' então que eu dou largas aos primeiros queixumes, e ainda assim o arrependimento suffoca-me logo. Quem poderá dizer que fui um máu marido?

Eduardo — Ninguem. O senhor Pinto não foi máu marido; fez uma má escolha de mulher. Ha dois annos e meio, quando mostrei aos credores os meus livros, pelos quaes provava que apenas ficava com o pão quotidiano de minhas filhas, deixado por sua mãe, os credores disseram que eu era... um ladrão. Puz uma pistola ao ouvido, mas as duas filhas, que eu tinha no coração, bradaram-me coragem e heroismo, em nome da virtude. Appareceu-me o senhor João Pinto, que, lamentando a minha ignominia, me offereceu a mais nobre de todas as rehabilitações.

Abriu-me a sua gaveta, e mandou-me tirar o preço da minha honra. Disse que não tinha caução alguma com que podesse remir o empenho. Respondeu-me que era uma pessoa da minha familia logo que eu o recebesse no mesmo abraço com minha filha Anna. Redargui que suspeitava um enlace de coração entre minha filha e um moço honesto e pobre que frequentava a minha casa. O senhor Pinto meditou por alguns momen-

tos, e disse-me: «pergunte-lh'o a ella, mas descreva de ante-mão as suas circumstancias.» Obedeci como obedecem todos os miseraveis. Minha filha já sabia quem fôra o meu salvador; viu-me lagrimas quando lhe pedi que se immolasse á gratidão de seu pae: pôz a mão no seio, e disse: «Pois sim, serei a mulher do nosso bemfeitor, do salvador da sua honra, mas reservo o coração para o entregar puro no céo á victima que se sacrifica commigo.» Dei esta resposta ao senhor Pinto, e v. s.ª replicou dizendo que a natural inconstancia da mulher e do homem concertaria estes desmanchos de um amor de creanças. Instou, e obteve minha filha. Escolheu desgraçadamente. Levou uma moribunda que o affligiu até ao arrependimento. O dedo de Deus... Não foi máu marido, repito, senhor Pinto: foi um marido inconveniente.

SCENA VIII

OS MESMOS, LUIZA, *e* O CRIADO *a uma das portas*

Luiza, *alvoroçada* — Meu pae, a Anninhas está muito mal... Perdeu os sentidos... Venha depressa... parece-me que morre...

Eduardo — Que dizes, filha? (*Seguem Luiza*).

Criado — Um padre procura v. s.ª

Eduardo — Um padre! Que entre e que espere. (*Sahem*).

SCENA IX

JORGE DE VALLADARES, *com trajos sacerdotaes*

Jorge, *apoz alguns momentos de silencio em que relancêa os olhos por tudo que o cerca, enxugando as la-*

grimas — Animo, animo, meu Deus. *(Pausa)*. Enganei-me! Preparei-me por espaço de dois annos, e a todas as horas para este momento. Cuidei que deixaria o coração a pedaços na subida para este calvario. Enganei-me. Se a Providencia não vem em meu soccorro, menti ao ceu; ultrajei o altar onde me dei em holocausto; morrerei impenitente. Meu Deus, meus Deus, porque me desamparaste! (*Senta-se extenuado, por alguns segundos*). Estava ali, n'aquella cadeira, a ultima vez que a vi. «Ajuda-me a salvar meu pae» foram as ultimas palavras que ella me disse. «Pois sim, salvemol-o, mas pede a Deus que me salve a mim.» E pediu. Sou um homem de quem Deus se ha de compadecer. Estou esperando que ella vá d'este mundo... Depois virá para mim a divina graça da morte.

SCENA X

JORGE DE VALLADARES, *e* EDUARDO SEVERINO

(*Jorge ergue-se ao ouvir-lhe os passos. Eduardo vacilla na incerteza*)

Jorge, *estendendo lhe a mão* — E' o filho do seu amigo Filippe de Valladares. (*Eduardo abraça-o com transporte e larga-o para enxugar as lagrimas*).

Eduardo — Eu sei a tua desgraçada vida, Jorge.

Jorge — A minha vida não é desgraçada, senhor Eduardo. O Evangelho só reconhece infelizes n'este mundo para lhes assegurar o mundo consolador dos martyres. Desgraçado é só o impio. Este luto, senhor Eduardo, são as galas do céo, quando esta capa se dá ao pobre para elle cobrir a sua nudez. O sacerdote, segundo Christo, enxuga tantas lagrimas que nem tempo lhe

resta para verter das suas. «Quem quizer entrar no meu reino, tome a sua cruz e siga-me» disse o divino Mestre. A via dolorosa é curta, e o penitente cobra animo, quando vê tão perto o paradeiro da sepultura. Não sou desgraçado, senhor Eduardo... E a sua vida é attribulada?

Eduardo — Tu sabes a minha vida, Jorge... Sei que a sabes... Tenho uma filha nas agonias da morte.

Jorge—Sei. E' o anjo que dilacera o involucro para voar para a sua patria. Deixal-a ir para o regaço da mãe. Vejamol-a subir com rosto alegre. As lagrimas da saudade christã são doces como as do Evangelista ao pé do cadaver de Maria. E Luiza?

Eduardo — Luiza?... Está talvez bebendo a peçonha, que mata, nos labios da irmã. Vivo para isto, Jorge. Sustenho em cada braço a pedra que as ha de cobrir. Depois d'este transe, padre, segundo o Christo, vèm apertar a mão ao pobre velho, e fica pedindo por todos nós, e por mim mais que por ellas...

Jorge, *como abstrahido*—Ha de haver quinze annos que eu vi um anjo sentado ali áquelle piano. Tocava... Era uma musica que me cerrava o coração. O senhor Eduardo estava n'esta cadeira e chorava. As suas duas filhas, uma de dois, outra de sete annos, tinha-as eu sentadas nos meus joelhos. Sua senhora acabou de tocar, ergueu-se com a vehemencia da dôr, e tossiu uma lufada de sangue no lenço. Reparou em si, deu-lhe um beijo, e murmurou: «estou melhor.» Viu-me lagrimas, beijou-me tambem, e disse-me: «Jorge, serás sempre o irmão de minhas filhas.» Quinze dias depois fui orar sobre a sepultura d'esta santa, e balbuciei: «Serei sempre o irmão de suas filhas.» Venho cumprir a promessa, senhor Eduardo.

Eduardo—Está cumprida, logo que entrares em casa do pae de tuas irmãs, e nos chamares a nós a tua familia, e te sentares á nossa mesa, na cadeira... em que se sentava Anna.

Jorge—Pois sim, acceito por alguns dias o meu talher em casa de meu pae; sahirei depois por alguns annos, e voltarei quando...

Eduardo—Onde vaes tu, Jorge?

Jorge — A Marselha embarcar com os missionarios para a China.

Eduardo—E' um adeus para nunca mais, que vens dizer-me?

Jorge — O christão nunca se despede para nunca mais, senhor Eduardo. O seio de Deus é um foco luminoso para onde convergem todos os raios d'este ponto. Lá nos encontraremos. Cada exilado tem a sua hora de regresso á patria. Aquelle de nós, que primeiro fôr, chore o que ficar. Estou-o amargurando, bem sei, meu pae... *Meu pae!* (*Abraçando-o*) quantos filhos terão sentido esta commoção!

Eduardo—E deixas-me?

Jorge—Amparado por Luiza... Queria vêl-a.

Eduardo—Eu chamo-a.

Jorge—Ainda não. Ouça primeiro o irmão de suas filhas. Eu era pobre ha dois annos. Hoje sou rico...

Eduardo — De virtudes, filho... Que thesouro encerras n'este seio! (*Abraçando-o*).

Jorge — Rico de bens de fortuna, rico de oiro, herdeiro de uma casa cujos rendimentos excederiam a minha ambição ha dois annos. Um irmão de minha mãe, estabelecido em Loanda, voltou a Bragança, ha oito mezes. Encontrou-me lá mendigando a parentes ricos um patrimonio para me ordenar. Tentou a minha vocação

com os regalos da opulencia. Já não era tempo. Eu tinha vestido esta mortalha, que seria preciso arrancar com pedaços do coração, como a tunica de Nesso. Meu tio morreu, dois mezes depois, legando-me todos os seus haveres, que se contam por dezenas de contos. Quando me liam o testamento, vi a imagem da mãe de Luiza que me dizia: «tens uma irmã». Não cuidei que o ouro podia dar ao espirito delirio de felicidade só comparavel á dos annos! Fiz lavrar doação de todos os meus bens á minha irmã Luiza, e trago aqui a cópia da escriptura. O que ha de mais valor n'este papel são as lagrimas de prazer que verti n'elle quando o lia.

(Eduardo toma nas mãos convulsas o papel que leva aos labios; ajoelha: Jorge tira do seio da batina um crucifixo pendente do pescoço).

Jorge—Ao Christo, sim! Ao Deus compensador de todas as angustias! Ao Deus que ouviu os rogos da santa que pediu pelo pae e pelo irmão de suas filhas.

(Ergue-o e senta-o quasi desfallecido).

SCENA XI

OS MESMOS *e* LUIZA

Luiza—Meu pae, meu pae... *(Pára, reparando em Jorge).* Jorge!... E'; meu pae!

Jorge, *risonho*—E' o padre Jorge. Disse-t'o o coração, minha irmã? Como me conheceste?

Eduardo, *erguendo-se*—Aos braços do martyr, filha.

Luiza, *abraçando-o* — O' Jorge!... Então minha irmã ouviu-o... Sabe que está aqui...

Jorge—Tua irmã! Anna está n'esta casa!?

Luiza—Vá lá, meu pae, vá lá que o mano Pinto não póde sustel-a... Está lançando golfadas de sangue, e quer por força cá vir.

Eduardo—E porque não ha de vir?

Jorge—Meu Deus, este calix é impossivel!

Eduardo — Mostra-nos a magestade do teu soffrimento, Jorge. Consente que a minha filha veja o homem que fica pedindo por ella a Deus. Ensina-a a morrer com a santidade da predestinada.

Jorge—Ella ahi está... Jesus!

SCENA XII

OS MESMOS, ANNA, *e* JOÃO PINTO

Anna, *encostada ao alisar da porta, acena ao pae e irmã que a vão amparar*—Sou cruel, meu amigo, podia poupal-o a este espectaculo, e não quiz. Sei que está aqui Jorge; mas apenas diviso o vulto. Se elle receia aproximar-se de mim, levem-me ao pé de meu irmão. *(Jorge adianta-se alguns passos para ella. Anna solta um grito, e desprende-se dos braços que a sustem).*

Jorge, *com violenta serenidade* — Não fuja d'estes tristes habitos, minha irmã. Verá que se afaz depressa ao religioso terror que lhe infunde a minha estranha presença.

Anna—Uma gota d'agua, Luiza... Meu pae, meu marido, meu irmão, peçam todos a Deus que me livre depressa d'estas agonias... Jorge, a sua alma santificada pelo que soffreu e soffrerá, hade apiedar o Altissimo. Rogue-lhe... E' aqui... *(pondo a mão sobre o*

lado esquerdo). Arrançam-me a pedaços o coração, Mãe Santissima!

Pinto, *baixo a Eduardo*— Vou chamar o medico.

Anna — Não se retire, senhor Pinto... Tenha paciencia até ao fim. Todos os que tomarem seu quinhão d'este transe ajudem-me a passal-o.

Luiza—O medico vem já, Anninhas.

Anna — A que?!... Jorge, veio á hora destinada pela Providencia. Não respondi á sua carta. A minha alma viria responder-lhe, ou então a eternidade das almas é uma visão de infelizes. Prometteu-me offerecer por mim os merecimentos das suas angustias. Offereça: peça muito a Deus o descanço da sua amiga... Sentirá a minha alma como um bafejo do céu. Leve-me com as suas orações onde eu possa pedir por amigos e inimigos. Dê-me a sua mão. Esta mão hade ter enxugado muitas lagrimas, acalmado muitas dôres, e hade ter recebido muitos osculos do desvalimento remediado. A mais infeliz das creaturas tambem a beija agora... e logo, será abençoada por ella.

SCENA XIII

OS MESMOS *e o* MEDICO

Medico, *tacteando-lhe o pulso* — Que progressão! Houve indispensavelmente uma causa extraordinaria!

Anna — Isto está por instantes, senhor doutor?

Medico — Não, minha senhora. V. exc.ª affligiu-se e está extremamente agitada... Isto declina. (*A' parte a Eduardo*) Já os soccorros espirituaes, e os extremos. Eu dou a ordem ao criado, e volto logo. (*Sahe*).

SCENA XIV

OS MESMOS, *excepto o* MEDICO

Anna—Isto passa já... Estou melhor. Para os soccorros espirituaés não é preciso fortalecer o corpo. A alma está cheia de vigor para a jornada; mas ainda atada a um fio que resiste aos golpes. A minha confissão póde ser publica. Todos sabem o que eu tenho sido. Os que me injuriarem, é melhor que o não saibam. Amei Deus com a fé ardente de uma desgraçada que precisa crer e esperar um mundo melhor. Amei meu pae... como devia amal-o. Não se póde ser filha de outro modo. Tenho sido amiga, e quasi mãe de minha irmã. Fil-a confidente das minhas dôres para a fortificar contra as suas, quando o anjo da amargura a visitar. Fui para meu marido um encargo penoso... turvei-lhe durante dois annos a felicidade que a riqueza podia dar-lhe, e uma esposa mais favorecida da sorte compartiria, augmentando-lhe a do coração. Nunca odiei alguem, nunca julguei as acções alheias, nunca dei occasião voluntaria a que as minhas escandalisassem a virtude. (*Ao marido*). E' isto verdade, meu amigo?

Pinto—Duvidei eu da tua nobre alma, alguma vez, Anna?

Anna — «Perdoai-nos, Senhor, as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.» Perdoado, meu amigo. Nunca o remorso lhe punja na consciencia. Senhor padre Jorge, poderá ser absolvida esta penitente?

Jorge—Para entrar no seio de Deus.

Anna—Ainda não. Resta supplicar um perdão, e de joelhos, se me ajudarem.

Jorge, *sustendo-a nos braços quando se lhe ajoelha* —A mim, minha irmã?

Anna—A ti, Jorge, que tinhas uma mocidade que eu destrui... Cerquei a tua alma de trevas. Fiz que tomasses a maior parte, a mais dolorosa do meu sacrificio. Condemnei-te a tormentos maiores que os meus. Mereci á piedade divina este rapido fim, e não lhe roguei que te resgatasse a ti primeiro. Perdôa-me, Jorge!

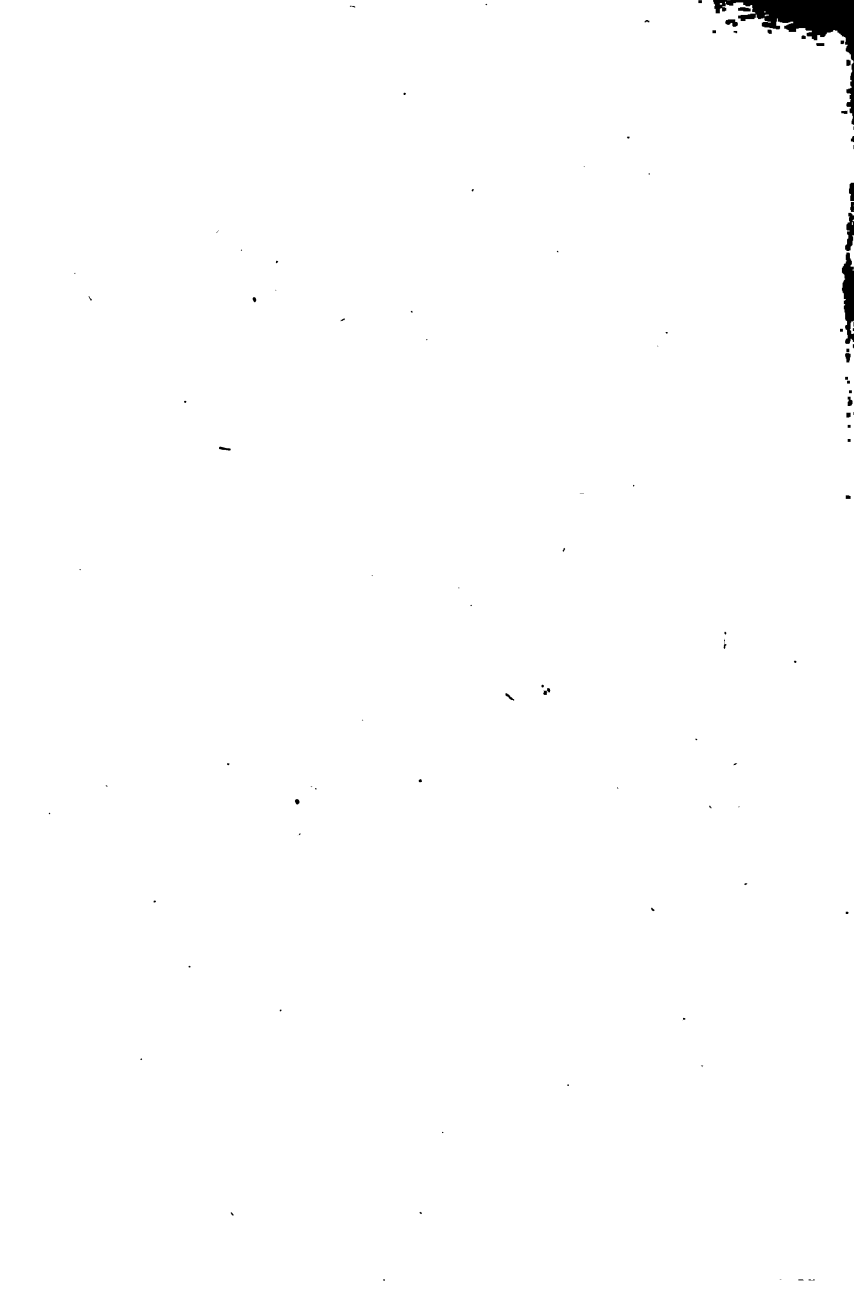
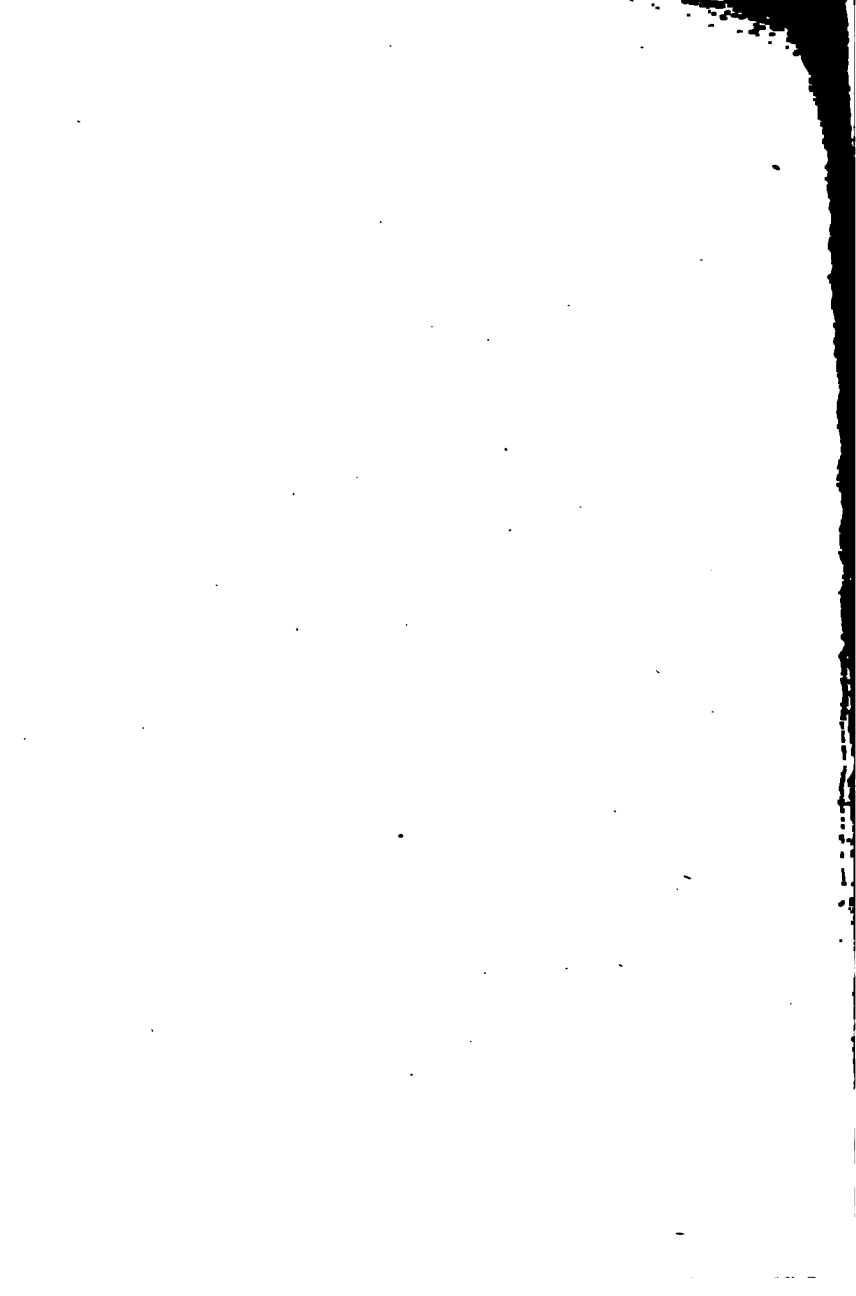
(Ouve-se o toque da campainha do Viatico que se approxima.)

Jorge, *pondo-lhe a mão na fronte*—Pois vae, irmã, e seja o premio do teu martyrio ouvir-te Deus as supplicas que vais fazer-lhe. Lembra-te dos que deixas excruciados no teu Golgotha. Manda ao espirito de teu consternado pae as alegrias da velhice e a esperança de unir-se a ti na eterna juventude das almas. Envia o teu bom anjo com a lampada da luz celestial ao lado de tua irmã, para guial-a por entre os precipicios do coração. Responde á oração saudosa de teu marido com a visão beatifica da tua gloria. Alcança o meu resgate, alma redemida pelos transes de Jesus Christo e pelos teus, cujo merecimento será redempção para todos nós.

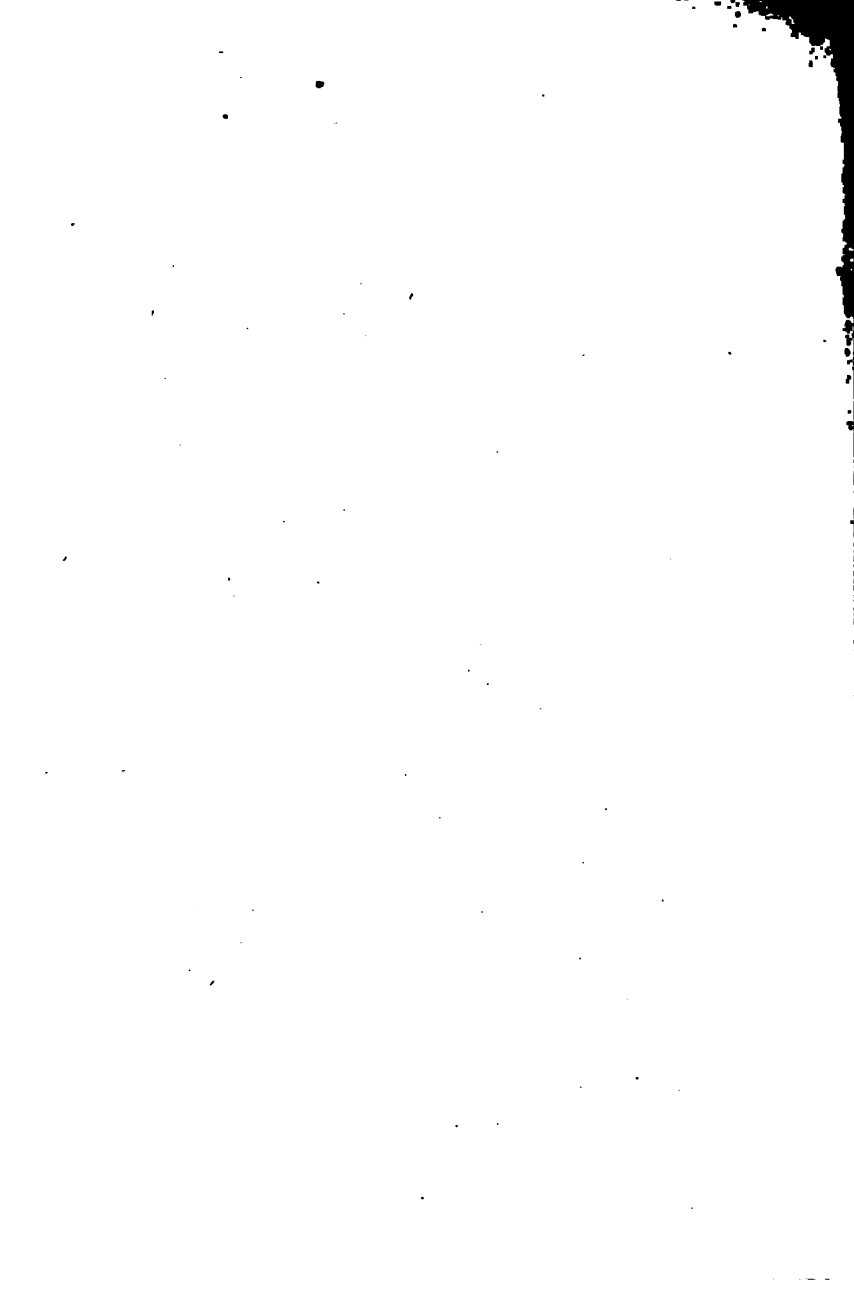
(*Anna faz um gesto affirmativo, e contorce-se nas vascas da morte*).

Luiza—Anna! Anna! Ella morre, meu pae!

Jorge—Vive. Nasce para a eternidade. (*Transportam-a expirante para uma cadeira*). Graças, meu Deus! (*Ajoelha e seguem-no todos*). A martyr está comvosco. (*Apertando a mão do cadaver*) Até logo.

FIM

ABENÇOADAS LAGRIMAS

PERSONAGENS

D. Augusta
Baroneza de Fanzeres
Margarida
Theotonio da Cunha
Jorge de Lemos
Barão de Fanzeres
Raphael
Um menino de 4 a 5 annos

Porto — Actualidade

ABENÇOADAS LAGRIMAS

ACTO I

Saleta ricamente adornada

SCENA I

JORGE DE LEMOS *e* MARGARIDA, *que embala um berço*

Jorge, *entrando*—Onde está a senhora?

Margarida—Está na capella a rezar. . ou a chorar; é o mais certo.

Jorge—Chorar! sempre chorar... porque?

Margarida—Pobre senhora! Ainda v. exc.ª pergunta porque ella chora!... Tivesse ella o coração de outras senhoras, e não choraria... Este mundo não serve para toda a gente.

Jorge—Mas a snr.ª D. Augusta que quer? que inveja ás outras mulheres?

Margarida—A's que são amadas por seus maridos, inveja-lhes o amor.

Jorge, *rindo* — Amadas por seus maridos! A sr.ª Margarida cuida que os maridos amam as suas mulheres? Está escandalosamente atrazada! (*Solta uma risada.*)

Margarida—Olhe que me acorda o menino, sr. Jorge! (*Embala, arrollando a creança.*)

Jorge, *brincando com os cordões do robe de chambre* O marido que dá o braço e camarote a sua mulher; o marido que dá a sua mulher credito illimitado em casa da modista, e a expõe á admiração nos bailes, é inquestionavelmente um marido patriarchal, como devia ser Labão e Jacob, se na Mesopotamia houvesse modistas e theatros, e bailes, e o senso commum do seculo XIX. Eu tenho camarote, vou a todos os bailes com minha mulher, sou roubado pelas modistas com a condescendencia d'um martyr dos caprichos da moda... e não sou ainda assim bom marido no entender da sr. Margarida! Pergunte á senhora que modelo de maridos devo eu imitar.

Margarida—Imite-se a si proprio, nos primeiros seis mezes de casado.

Jorge—Bem se vê que nunca foi casada a sr.ª Margarida. Se vm.ce tivesse pagado esse tributo á sã moral, veria que no fim de seis mezes um marido... Ora olhe... a palavra mesmo lh'o está dizendo.. Um noivo é um mar d'amor e um marido é esse *marido*. Entende vm.ce? (*Margarida arrolando a creança.*) Um marido namorado é ridiculo; fingir que o está, é incommodo; é contra os interesses domesticos; é desmentir a natureza. Finalmente, sr.ª Margarida, um bom marido é isto que eu sou, e uma mulher impertinente é o que é a minha. Então que diz vm.ce a isto?

Margarida—Digo que sim.

Jorge—Diz que sim o que? o que é que vm.ce diz que sim?

Margarida—Digo que a sr.ª D. Augusta é uma santa, e que v. ex.ª é um mau coração.

Jorge—Veja lá que se não exceda, sr.ª Margarida. Lembre-se que...

Margarida—Que sou sua criada... Esqueci-me, e peço perdão. Cuidei que estava ainda em casa dos paes de sua senhora, onde vivi sempre como irmã. Vi nascer a sr.ª D. Augusta que me estimava e respeitava tanto como a sua mãe. Até me lembra que v. ex.ª, quando namorava a menina, me dizia a mim que eu era a segunda mãe d'ella. Depois que v. ex.ª entrou n'esta casa, como dono, é que me convenci de que nunca fui senão criada. Não importa. Para v. ex.ª sou o que sou, e para sua esposa sou o que era d'antes.

Jorge—Muito bem, sr.ª Margarida, muito bem. Estou repeso e contricto da minha audacia. Desde hoje em diante declaro-me martyr; e como não ha martyrio sem algoz, fica sendo a sr.ª Margarida minha sogra honoraria, sogra prendada, attendendo ao seu muito mau genio, muita rabugice, e mais partes que concorrem na pessoa de vm.ᶜᵉ. E para não a infadar mais, com a devida venia, retiro-me, e quando minha mulher sahir da capella, tenha a bondade de dizer-lhe que eu hoje vou almoçar com uns amigos. (*Sahe.*)

(*Margarida senta-se um pouco afastada do berço, limpando as lagrimas.*)

SCENA II

D. AUGUSTA *e* MARGARIDA

D. Augusta, *depondo o livro e vindo ao pé do berço*—Deve muito a Deus a mulher que é mãe com eu sou. Embora lhe falleçam as alegrias do coração, restam-lhe

estes prazeres. Quando o Senhor nos põe um berço sobre a campa das illusões, injustamente nos queixamos dos rigores do destino. (*Ajoelha ao pé do berço.*) Consolação muda de tantas lagrimas .. Balsamo a tanta ferida que o mundo não vê!... Porção do meu sangue aonde não entrou ainda o veneno das lagrimas... Vem cá, Margarida! Vê como é lindo! Olha... a sorrir-se. Sonha uma festa de anjos... Deixa-me beijal-o ..

Margarida—Com cuidadinho .. Não acorde o menino... Estou a vêl-a, quando tinha dois annos, menina. — Era assim.—Quantas vezes sua mãesinha me chamou tambem ao pé do seu berço, e me disse:—«Margarida, qual será a sorte d'este anjo.

D. Augusta—E o coração que te dizia?

Margarida—O coração dizia-me que não ha ninguem feliz n'este mundo. Mas fosse eu dizer a sua mãe que Deus levasse a menina para si, antes de conhecer os perigos d'este val de lagrimas... Zangava-se comigo, e dizia-me que eu tinha inveja da sua felicidade. Depois, quando a sr.ª D. Augusta chegou aos sete annos, era um louvar a Deus a sua esperteza; e eu então dizia á mãesinha: «Esta menina é do ceu; uma esperteza assim não é d'este mundo.» Sua mãe então arrenegava-se toda, e perguntava-me se n'este mundo só ficavam os tolos.

D. Augusta, *sorrindo*—Podias dizer-lhe que contentes só ficam esses... Se esta creança me morresse agora, a que outra affeição se ampararia a minha vida!? Para mim não ha Providencia visivel, não ha signal de misericordia, senão aqui. Lanço os olhos ao meu futuro, e vejo sempre e unicamente meu filho. Deixa-me sorrir tambem a este raio de luz. Bemdito seja o Senhor, que me está ali creando um coração, ao mesmo tempo que o meu se desfaz em lagrimas.

SCENA III

AS MESMAS *e* JORGE

(Jorge vae passando, vestindo as luvas; olha casualmente, e pára.)

D. Augusta—Sahes tão cedo, Jorge?

Jorge—Já passa das dez.

D. Augusta—Não almoças em casa?

Jorge—Não, menina; já o disse a Margarida.

D. Augusta—Queres ver o anjinho, como dorme tão lindo e tão sereno?

Jorge, *chegando ao berço*—Está muito lindo... Até logo.

D. Augusta—Que frieza!

Jorge—Não cuidei que me querias ver abrasado na contemplação da creança.

D. Augusta, *com triste ironia*—Ardes em muitos fogos, Jorge... Bom é que te refrigeres n'estes insipidos prazeres de familia.

Jorge—E' uma ironia fina e imaginosa... Até logo... (*Aperta-lhe a mão que ella não larga*).

D. Augusta—Quando cahirá d'esta mão o calix de fel que me dás, Jorge?

Jorge—Estás tragica, menina! Se ha calix de fel, havemos de bebel-o ambos. Não principiemos mal o dia que está lindissimo. Ri a natureza; porque has de tu chorar?!

D. Augusta—Vae, vae rir com a natureza; mas não esqueças os que choram.

Jorge, *severo*—E porque choras?

D. Augusta—Porque te amo.

Jorge—E eu naturalmente odeio-te?

D. Augusta — Não me odeias, meu amigo: achas-me de mais na tua vida.

Jorge — Não amo realmente as mortificações, Augusta. Tenho o depravado gosto de aborrecer as lagrimas inexplicaveis. Estou bem com a minha consciencia — é tudo.

D. Augusta—Bem com a tua consciencia?... (*Gesto de enfado em Jorge.*) Vae, não te consumas.

Jorge, *ao tirar da algibeira um lenço, com impaciencia deixa cahir uma carta.* A tua generosidade já não vem a tempo. Vou vêr como todos os homens são felizes. (*Sahe.*)

SCENA IV

D. AUGUSTA *e* MARGARIDA

D. Augusta, *ao pé do berço* — Acolhe-me tu, meu filho! quando abrires os olhos, verei a luz do amor, e mais tarde a do amor compadecido.

Margarida, *erguendo o papel*—Uma carta aqui

D. Augusta—Dá-m'a. Cahiu talvez da algibeira de Jorge.

Margarida—Sem sobrescripto, senhora!... Não leia.

D. Augusta, *tremula* – Que não leia?! porque?...

Margarida—Olhe que póde ser coisa que a faça soffrer muito.

D. Augusta, *abrindo a carta*—A incerteza é peior... incerteza! pois não sei eu tudo? .. (*Lê.*) «A's dez horas e meia em ponto.»

Margarida — Só isso?

D. Augusta—Só! «A's dez horas e meia em ponto.»

Margarida—Isso não quer dizer nada. E' d'algum senhor que o convidou a almoçar ás dez horas e meia

D. Augusta—Espera... O papel está marcado... Oh meu Deus... isto é impossivel... (*Lendo.*) Barão de Fanzeres...

D. Augusta, *afflicção muito concentrada* — Tambem tu, Sophia! (*Sorrindo.*) Que importa! sejam todas!... Alma, meu Deus!

SCENA V

AS MESMAS *e* JORGE

(*Jorge entra, procurando disfarçadamente; vae sahir da scena por uma porta lateral.*)

D. Augusta—Está aqui. (*Mostrando o papel.*)

Jorge, *confuso*—O que?... ah! é o bilhete do barão de Fanzeres...

D. Augusta—Não era isto o que vinhas buscar?

Jorge—Não... vinha buscar umas luvas, que me cahiram os botões d'estas.

D. Augusta—Pois não te demores, Jorge. São dez e doze minutos. A pontualidade é prova de fina educação com os homens, e de primor de coração com as mulheres.

Jorge, *com gravidade*—Que quer dizer isso?

D. Augusta, *idem*—Quer dizer que vás. Respeita-me, ao menos, Jorge. E' a primeira vez que passo por estupida aos teus olhos. Estupida é a baroneza de Fanzeres, que determina as horas das suas entrevistas em papel com marca de seu marido. Vae, que é digna de ti. (*Ao sahir da sala*) Margarida, traz o terço de méu filho. (*Sahem*).

SCENA VI

JORGE, *só*

Jorge, *reparando na marca do papel*—E' realmente estupida a baroneza! Escreve-me uma linha de letra torta, e sem assignatura para se não comprometter, e leva o excesso de cautella até a escrever n'um papel em que vem o nome e o brasão de seu marido. E' esperta a creatura! Pelo que vejo, o papel n'esta casa é commum de dois. Hei de indagar se o barão escreve as suas cartas amorudas no papel da baroneza. Sublime systema das compensações! sobeja-lhe em formosura o que lhe falta em intelligencia! Não tem pratica—é, o que é. Mas como será isto com Augusta! Ia-me esquecendo que eram amigas intimas...

SCENA VII

JORGE *e* THEOTONIO DA CUNHA

Cunha, *entrando*—Olé!...

Jorge, *á parte*—Que vem aqui fazer agora este homem?

Cunha—Que madrugada é esta! Um elegante, de ponto em branco ás dez horas da manhã! Aventura amorosa, de certo não, por dois principios, um do codigo social, outro do codigo do *bom tom:* primeiro, porque o snr. Jorge de Mello é um modelo de esposos... (repare como eu disse isto em voz alta, e admire-se da minha discrição). Segundo, porque não ha senhora de boa sociedade, visivel ás dez horas da manhã, *(ao ouvido)* a

não ser a baroneza de Fanzeres, que ás nove e um quarto passava de carruagem no campo de Santo Ovidio.

Jorge, *risonho*—O snr. Theotonio da Cunha vem bonito! Quem me dera o seu *bom humor*...

Cunha—Hoje não m'o inveje, meu caro amigo. Ergui-me phrenetico, sahi ás sete horas da manhã, e preciso de victimas. O snr. Jorge ha de sacrificar-se á minha zanga, ha de ter a condescendencia de ser hoje a minha victima.

Jorge—Não póde esperar a victima até á noite?

Cunha—Não posso, por duas razões. Ha de notar que eu tenho sempre duas razões para todas as coisas. Primeira razão, porque d'aqui até á noite receio que se me desvaneça a idéa com que me ergui, de ressuscitar a cavallaria andante... Se quizer, chame-me o *cavalleiro da triste figura,* que eu não me offendo. Ora, se o proposito de endireitar tortos se desvanece, receio muito que o meu amigo, de torto que está, não torne mais a endireitar-se. Segunda razão, porque não posso esperar a victima até á noite, é porque receio que o snr. Jorge de Lemos vá ser victima n'outro holocausto mais cruento. Dito isto, conduza-me a um esconderijo de sua casa, onde possâmos conversar sem ser ouvidos nem interrompidos.

Jorge—Minha mulher está longe d'aqui, e ninguem nos interromperá. Sente-se.

Cunha—Se me dá licença, passeio... Leio-lhe a impaciencia na testa, snr. Jorge. Está morto por me dizer com que auctoridade lhe imponho estes meus ares de importancia, que o molestam. Respondo, e dou-lhe uma novidade: o pae de sua senhora morreu-me nos braços, n'aquelle quarto, e as ultimas palavras que me disse foram estas: «se não quizeres ser marido de minha

filha, sê pae d'ella». A primeira pessoa, a quem revelo as palavras do moribundo, é o snr. Jorge. Desde este momento, similhante revelação obriga o meu amigo a olhar-me, se não com mais estima, pelo menos com mais seriedade. Fica sabendo quem sou. *(Jorge sorri)*. Esse riso, tradusido á letra, devia ser uma ironia apimentada e alegre:

Jorge—Não, senhor. Acho apenas alguma novidade na sua posição... E' assim uma especie de procurador de defuntos...

Cunha—Não lhe disse eu que havia de ter graça a sua idéa? Era pena perder-se isso... Agora sentar-me-hei. Veja se póde ouvir-me sisudamente. Eu fui a pessoa a quem o snr. Jorge se dirigiu solicitando a mão de Augusta. Fui na qualidade de sub-tutor quem moveu o consentimento do conselho de familia, abonando as suas boas qualidades... abono de que principío a arrepender-me.

Jorge—Isso é forte, snr. Cunha!

Cunha—As suas boas qualidades para marido... completo a idéa. Ora, destas duvida o senhor tanto dellas como eu... (*rindo*) parece-me...

Jorge—Pois eu sou mau marido?!

Cunha—E' pessimo.

Jorge—E' incrivel que me falle seriamente.

Cunha—Pessimo marido e pessimo pae. Eu tenho a historia das suas leviandades de cinco annos de casado. Talvez que o senhor a não saiba tão circumstanciada, nem se recorde como eu dos nomes das heroinas. Quando se quizer rever nos seus feitos illustres falle comigo, que me dei á enfadonha honraria de ser o seu Plutarcho. Em cinco annos, entre duas duzias de mulheres, a que menor quinhão tem tido no seu amor, é

sua mulher. E ella sabe-o, porque o meu amigo, de todas as suas affeições, o mais que tem saboreado é o escandalo. Augusta não vive n'uma sociedade em que se lhe esconda por compaixão o desdouro e a perfidia. A pretexto de a lastimarem, as suas amigas mostravam-lhe ao dedo as indignas rivaes que v. ex.ª lhe dava.

Jorge, *rindo*—Rivaes! Ora, pelo amor de Deus... Mulheres!

Cunha—Mulheres que o senhor levanta n'um pedestal de barro; mas, em quanto dura o barro, julgam-n'o ellas pedestal de bronze, e riem da mulher que já nem de barro o tem... Disse que é pessimo pae. V. Exc.ª está casado ha cinco annos. Metade do que havia de ser patrimonio de seu filho está dissipado.

Jorge—O que dissipei era meu, era o meu patrimonio.

Cunha—E começa agora a dissipar o patrimonio de sua senhora.

Jorge—E' possivel.

Cunha—Mas póde ser difficil.

Jorge—Quererá o snr. Cunha annunciar-me que me vae ser tirada a administração da casa?!

Cunha—Não, senhor; mas receio que v. exc.ª, passados alguns dias, não tenha casa que administrar.

Jorge—E quem me pedirá contas?

Cunha—As lagrimas de sua mulher; mais tarde o odio de seu filho; e mais que tudo o despreso publico. Sabe o snr. Jorge que tremendas contas dá a uma sociedade avultadora o que foi expulso della com o ferrete de pobre?

Jorge—Eu não estou pobre. O patrimonio de minha mulher está intacto. Ahi estão as propriedades que recebi no valor de cinconta contos de réis.

Cunha—Decorridos cinco annos, a fome ha de entrar n'esta casa. Do patrimonio de Augusta ha de sahir ámanhã a pulseira de brilhantes para brindar a baroneza de Fanzeres no seu natalicio; e as alfaias para mobilar a casa da costureira, e a sege da actriz, e os lautos banquetes aos que lhe vendem as ovações da cantora. O snr. Jorge está perdido, e resvala ao abysmo pela ladeira do vilipendio. Um cavalheiro despeja os seus haveres n'um charco de lama, e respeita como sagrado o dote de sua mulher.

Jorge—Repare que me está offendendo, snr. Cunha. (*Ergue-se*).

Cunha—E' que eu estou ouvindo as palavras do pae moribundo de Augusta: «se não quizeres ser marido de minha filha, sê pae della».

Jorge—E porque não foi marido?

Cunha—Respeitei-lhe o coração; e a Providencia pagou-me esta rara virtude dando-me o pesar de ter sido o motor do seu casamento.

Jorge—Franqueza por franqueza, snr. Cunha. Eu não sou feliz.

Cunha—Que novidade me dá! A felicidade não se encontra no caminho que o senhor trilha. Um homem feliz não faz desgraçada sua mulher. Para que a tristeza e o tedio da vida lhe amargurem os prazeres criminosos, basta-lhe contemplar em sua casa o espectaculo d'uma angustia silenciosa. Não é feliz o homem que esconde á reprovação publica os seus contentamentos. Snr. Jorge, eu vou fechar o enfadonho aranzel com uma maxima de minha lavra: «As quedas d'algumas mulheres justificam-n'as alguns maridos».

Jorge—Mas eu sou daquelles maridos que preferem justificar-se d'um assassinio quando as mulheres cahem.

Cunha—O' meu pobre barão de Fanzeres, porque não vens aqui aprender lições de dignidade! Estou já de bom humor, snr. Jorge. O intono da sua austeridade de marido restituiu-me ao mundo patarata. Siga o seu destino. Eu fico para vêr Augusta.

Jorge—A materia não está discutida, snr. Cunha. Vou sahir, mas fallaremos hoje.

Cunha—Quando queira.

(Jorge sahe.—Cunha senta-se profundamente pensativo).

SCENA VIII

CUNHA *e* MARGARIDA

Margarida—Venho pedir lhe que não saia sem fallar á senhora.

Cunha—Eu ia mandal-a chamar.

Margarida—Dê-lhe animo, que está hoje muito afflicta.

Cunha—Que houve?

Margarida—Appareceu aqui no chão um bilhete da snr.ª baroneza de Fanzeres.

Cunha—E ella viu-o?

Margarida—Desgraçadamente... Ella ahi vem.

Cunha—Deixe nos, Margarida.

SCENA IX

D. AUGUSTA *e* CUNHA

D. Augusta—Não lhe trago o meu Carlos, porque está a dormir profundamente. Ha pouco abracei-me a

elle, e nem assim acordou. Ainda bem que a creancinha é insensivel ás ancias afflictivas com que ás vezes a abraço.

Cunha—Não precisa dizer-me que soffre. Assim envelhece muito cedo. Deixe fallar o coração... Queixe-se do seu destino.

D. Augusta—Já nem me queixo. Os golpes novos, quando chegam, já não encontram fibra inteira no coração.

Cunha—Que novo golpe temos?

D. Augusta—Novo... nenhum: é uma dôr similhante ás outras.

Cunha—Diz bem; dôres similhantes, e mulheres similhantes ás outras dôres e mulheres.

D. Augusta—Mas esta ultima affronta doe-me mais. A baroneza era minha amiga de infancia, minha visita de todos os dias, e até minha hospeda no campo. Deplorava o meu infortunio, e encarecia a vantagem de ser casada com um homem idoso, amigo desvelado como um pae, e morto para as paixões que impeçonham a felicidade domestica. Fallava-me do seu bem-estar com enthusiasmo, e da pureza de seu coração com vaidade. Tão discreta se fazia em pontos de honra, que não visitava, nem recebia mulher suspeita á opinião publica. Quando eu lhe pedia que fosse menos austera, porque ha casos em que é caridade o perdão, reprovava a minha tolerancia, dizendo que nunca ha desculpa. Ha poucos dias me ouviu ella fallar com dó e sympathia de uma mulher forçada á culpa por indifferença e despresos de seu marido; irritou-se tanto, que chegou a perguntar-me se eu seria capaz de tão infame desforra. Ora, aqui tem a mulher que escreve a meu marido, snr. Cunha.

Cunha — E' mais um facto que lhe sobeja, minha senhora, para estar contente, ufana e orgulhosa de si. Chore, que tem rasão. Ai d'aquella que não chora, quando tem o seu viver! Desengano apoz desengano. O coração amigo, em que vertia Augusta as suas lagrimas, offerece-se-lhe agora cheio de peçonha. A virtude não é sempre um respiradouro para afflicções tamanhas. Ha uma honra que suffoca e mata, o mundo applaude-a, como nos circos se applaudia a coragem dos martyres; mas deixam-nas morrer. Isto ha de remediar-se, minha filha. E' a primeira vez que lhe dou este nome, e dar-lh'o é adoptal-a, Augusta.

D. Augusta — Reserve todo o seu bem fazer para meu filho, sr. Cunha. Eu nada quero, se é certo que perdi o amor de Jorge. Vingança só praticaria uma — a que podesse restituir-m'o. Dizem-me que a pobreza me ameaça: não penso n'isso. Pobre e amada por elle abençoaria a desgraça que me ensinasse a tirar do coração recursos com que podesse vencêl-a. O infortunio deve identificar-se mais intimamente duas almas apaixonadas. Quem me déra conhecer a adversidade, de modo que Jorge me pedisse a mim... só a mim... alentos para resistir-lhe!...

Cunha—Nobre alma! Espere, Augusta; espere dias melhores. Veja que não está só no mundo.

D. Augusta — Estou... Perdoe-me Deus!... só, não. Tenho o meu filho, e verei sempre n'elle o meu Jorge. Resta-me aquella imagem do amor dos dias felizes. Mãe como eu sou nunca outra o será de filho tão querido. Nenhuma outra ha de abençoar Jorge, por lhe deixar nos braços um confidente de lagrimas. Sabe-se o que é ser mãe, quando se pede a um filho a compen-

sação de todo o amor que se perdeu... Venha vêl-o, sr. Cunha.

Cunha — Vamos já; mas primeiro responda-me. A sr.ª D. Augusta, por amor de si propria e de seu filho, quer divorciar-se de seu marido?

D. Augusta — Como?! divorciar-me por amor de meu filho!?

Cunha — Sim. Quer salvar-lhe o patrimonio?

D. Augusta — E para isso é necessario separar-me de Jorge?

Cunha — E'.

D. Augusta — Não me separo de meu marido, sr. Cunha.

Cunha — Mas seu marido em poucos annos desbarata o restante da casa.

D. Augusta — Paciencia.

Cunha — E o seu futuro, e o futuro dessa creança?

D. Augusta — Será o trabalho; eu, trabalhando para sustental-o, dar-lhe-hei o exemplo.

Cunha — E não receia que elle venha a pedir-lhe contas?

D. Augusta — Hei de educar meu filho de modo que elle nunca ouse pedir contas a seus paes. Quem acredita no amor da mulher que arrasta, por amor da fortuna, seu marido aos tribunaes?

Cunha — Que mulher!

SCENA X

OS MESMOS *e* A BARONEZA

Baroneza — Eu vou entrando sem me annunciar.

D. Augusta — Ella! meu Deus!

Cunha—Sr.ª baroneza, minha senhora.

Baroneza—Isto que é, Augusta? Que sobresalto, e que pallidez te causou a minha chegada! Que tens tu? (*Senta-se Augusta anceada.*) Não me diz o que significa isto, sr. Cunha?

Cunha—Significa um incommodo nervoso... (*Aproxima-se de Augusta, em quanto a baroneza, a distancia, medita concentrada.*) Constranja-se, e seja superior a si mesma.

Baroneza, *áparte*—Será desconfiança! Jorge não está em casa....

D. Augusta—Ah!... ouço chorar meu filho... Eu volto já .. (*Sahe.*)

SCENA XI

A BARONEZA *e* CUNHA

Baroneza — Coisa exquisita! Estará ella zangada comigo?

Cunha, *depois d'uma risada sarcastica* — V. ex.ª como passou?

Baroneza—Que maneiras! Acho toda a gente transfigurada!

Cunha—Toda! pois já encontrou lá fóra trasfigurações? O sr. barão de Fanzeres como está? Transfigurado tambem?

Baroneza, *a meia voz* — Sabem tudo!... (*Alto.*) Sr. Cunha, queira fazer os meus cumprimentos a Augusta. (*Faz menção de sahir.*)

Cunha—Ella ahi vem, minha presada senhora... Conversem que eu vou ver o pequeno, e volto logo. Console-a, e seja sempre a sua verdadeira amiga.

SCENA XII

A BARONEZA *e* D. AUGUSTA

D. Augusta—Não te sentas, Sophia? Sahiste muito cedo. Ha alguma novidade?

Baroneza—Não. Meu marido partiu de madrugada para Braga. Acompanhei-o duas leguas, e voltei. Estava tão melancolica, tão aborrecida, que sahi outra vez para distrahir-me, e vim estar comtigo um bocadinho.

D. Augusta—Fizeste mal, menina. Estou hoje insoffrivel! Se precisas que eu te mitigue as saudades, ou te adoce o azedume da solidão, não podias vir a peior porta. Tomára eu animo para poder com a minha desventura.

Baroneza— Pois que tens, Augusta? Dissabores com Jorge, não é assim?

D. Augusta—Tenho este viver que tu sabes. (*Fitando-a.*)

Baroneza—Eu!

D. Augusta—Sim... Pois não tens sido sempre a minha amiga unica no desabafo? Não tens sondado tantas vezes as feridas da minha alma? Como não ha de chorar sempre a mulher que se vê sósinha com um filho que não lhe entende as dôres? Tremenda deve ser deante de Deus a responsabilidade de quem me faz tanto soffrer! Se essas mulheres, que me roubam a pedaços o coração de meu marido, vissem, como tu, Sophia, o que é este demorado morrer amando, morrer sem poder odiar o homem, que nem sequer me perdôa as lagrimas!... (*Exaltada.*) Infame seria aquella que se não compadecesse de mim! Infame serias tu, se visses a olhos enxutos... (*Suspende-se comprimindo a fronte*).

Baroneza, *em sobresalto*—Augusta! que exaltação!

D. Augusta, *quebrantada*—Olha, Sophia... a imaginação não póde idéar os quadros feios que se acham na vida real. São muito engenhosos os expedientes da desgraça! Faz-me já nojo a vida! Deus me feche os olhos, que não quero vêr mais. Deus me leve meu filho, antes que elle amaldiçôe quem lhe deu o ser. O' Sophia... (*Apertando as mãos convulsamente.*) Como isto é triste! Tu...

Baroneza—O quê, filha?

D. Augusta—A ti pediria eu que levantasse a tua voz de esposa digna, e fulminasses a mulher sem alma e sem pudor, que viesse verter mais fel no meu calix. A ti pediria eu que viesses ganhar para mim o coração de meu marido... Era a ti que eu iria queixar-me da amiga que me atraiçoasse... Onde está a minha quasi irmã? a consoladora das minhas magoas? a esposa exemplar que dava licções de paciencia e dignidade áquellas que, por despresadas, oscillavam entre o dever e a tentação?

Baroneza—Eu ouço-te uma linguagem, Augusta! E' possivel que tu imagines um absurdo repugnante!...

D. Augusta—Calla-te, que eu sei tudo. O vilipendio é para nós ambas. A maior dôr e a maior vergonha é para mim. Não sei com que palavras se castiga a grandeza do teu crime!... Para que vieste aqui? Se amas Jorge porque me não odeias a mim?

Baroneza—Se amo Jorge! Enlouqueceste, Augusta! Ousou elle insinuar a suspeita de que o amo?

D. Augusta, *sorrindo*—E amal-o-has tu, ainda que elle o creia? Estás tu bem segura de que o amas á hora mesma em que te espera? Não é o tremor nem a pallidez que te denuncia... Não te irrites contra esses

abalos de consciencia... Se tivesses a arte, que se aperfeiçôa no habito do crime, mal de ti! Ainda bem que descoras! Olha .. O infortunio tem-me quebrantado. Ouviste-me muitas vezes fallar das mulheres, que valiam mais que eu aos olhos de meu marido. Lembra-te que nunca proferi contra ellas expressões rancorosas. Tu mesmo te espantavas da minha angelica paciencia. Viás-me estender-lhe a mão, e indignava-te a minha indulgencia. (*Toma-lhe a mão.*) Sou para ti o que tenho sido para todas, e tu ficas sendo para mim tanto como ellas.. Isto não é vingança que te dôa; mas se tiveres um resto de nobreza d'alma, ha de ser-te suave a penitencia.

Baroneza—Tu estás enganada, Augusta! mentiram-te! estou innocente! Juro-te que...

D. Augusta, *levando-lhe as mãos aos labios*—Não te faças peior...

Baroneza — Juro-te por tudo quanto ha sagrado, pelo amor que tens a teu filho...

D. Augusta—Que profanação! Que has de tu jurar, Sophia! Não podes ter duas honras—uma para jurar aqui, e outra pela qual devias ás dez horas e meia jurar amor a Jorge.

Baroneza—A's dez hsras e...

D. Augusta, *com muita brandura*—Fizeste mal... Se Jorge fosse um anjo com todos os encantos da seducção, e tu fosses uma mulher sequiosa d'amor, devias vencer-te, e repellil-o por amor de mim. Tu sabias que eu amo apaixonadamente meu marido; sabias que não posso reconciliar-me com o desamparo, e que vou d'hora a hora ganhando annos para a sepultura... Devias esperar que eu um dia te chamasse para ensinares meu filho a orar por mim. Tu, Sophia, tu, minha rival!

(*Impetuosa.*) Como poude vencer-te essa infernal tentação!? Fugiria a um tempo da tua alma honra e piedade?... (*Serena e alquebrada.*) Vae, Sophia, vae. Tens tido muita coragem ou muita paciencia... Vae, que não me has de odiar nunca. Se dominares o coração de Jorge mais tempo do que eu pude, se me sobreviveres na posse d'esse thesouro tão facil, não lhe falles de mim, Sophia; falla-lhe de meu filho... é para meu filho que eu peço a esmola da tua compaixão.

(*Cunha apparece no umbral da porta por onde sahira.*)

Baroneza, *abraçando-a, e soluçando* — Estás vingada, Augusta! Vê as minhas lagrimas, e perdoa-me, santa! Qualquer mulher poderia julgar-se innocente na minha situação; mas eu confesso o crime. Nunca fallei a Jorge sem testemunhas; nunca lhe escrevi mais que tres palavras, mas sinto-me esmagada pelo peso do meu remorso. (*Ajoelha*). Augusta, ergue-me tu de teus pés. Rehabilita-me diante de mim propria, que sou uma infame mulher...

D. Augusta, *erguendo-a e retendo-a abraçada* — Quem poderia accusar-te, perdoando-te eu?

SCENA XIII

AS MESMAS *e* CUNHA

Cunha — Ser fraca não é ser infame, sr.ª baroneza. A culpa que se confessa com lagrimas de arrependimento, começa a ser virtude. (*A baroneza soluça nos braços de Augusta*).

SCENA XIV

OS MESMOS *e* JORGE

Jorge, *estupefacto diante d'ellas, que se abraçam chorando.* Que situação é esta? A sr.ª baroneza chorando!...

Cunha — E' o crime humilhado e remido. E' a virtude de sua esposa salvando uma desgraçada que o senhor ia fazer.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Na mesma casa, a mesma ou differente decoração do primeiro acto

SCENA I

JORGE *só*

Jorge, *lendo e voltando a folha de uma carta*—«Ro«go-lhe, pois, encarecidamente, que não torne mais affli«ctiva a minha vida. Respeite o remorso que com o tem«po me ha de ir purificando, até que eu possa um dia «abraçar a minha querida, a minha generosa, a minha «santa amiga, sem córar d'ella, de mim, de si mesmo, «e de alguma outra pessoa, que me viu debruçada á «beira do abysmo. E' inexoravel, sr. Jorge! Chega a «ameaçar-me com as quatro palavras que imprudente«mente lhe escrevi! Divulgue-as muito embora, que eu «acceitarei o escandalo como expiação. Quando a con«sciencia me absolva, insulte-me a sociedade. Perdoe-me «Augusta, e condemnem-me todos...»—Ha pouco que esperar d'esta mulher! Tres annos de incançaveis solicitações... e uma paixão que não posso abafar... a paixão que faz e irrita as contrariedades... a paixão do homem que precisa do ar do coração, da poesia da vida, da independencia do amor livre, d'isto para que eu nasci, e que me falta n'este viver de tedios, de en-

fados, e de monotonia brutificadora. Oh! se hei de estar aqui face a face d'uma mulher que não póde dar-me a felicidade, nem recebel-a de mim, mil vezes o divorcio!

SCENA II

JORGE *e* CUNHA

Jorge, *com gesto de enfado*—Por cá, o sr. Cunha...

Cunha, *risonho* — D'esse gesto carrancudo, a mandar-me sahir não irá longe, sr. Jorge!

Jorge — Pelo contrario, alegra-me a sua vinda, que tinha de o procurar.

Cunha—Aqui me tem com as melhores disposições para cumprir as suas ordens.

Jorge—Soou a hora improrogavel da franqueza. O senhor sabe que eu sou desgraçado. Eu não me reformo, porque sou o que sou; não me fiz, e é preciso que me acceitem como fui feito. Augusta não é mais feliz do que eu, porque tem grandes defeitos, e pretendendo corrigir os meus, não emenda os d'ella.

Cunha — De que defeito quer o sr. Jorge que se emende Augusta?

Jorge—Dos defeitos da vaidade, do orgulho, da soberba, de absoluto predominio que quer ter sobre as minhas acções e intenções. Que significa uma scena que presenciámos aqui ha dias? Que veio aqui fazer a baroneza de Fanzeres?

Cunha—Veio procural-o.

Jorge—Procurar-me!?

Cunha — Justamente. Eu tive a perversidade de o reter aqui até ás dez horas e tres quartos. A baroneza esperou-o até ás dez horas e meia. O senhor não foi;

veio ella, amante impaciente, saber porque não tinha ido.

Jorge—E depois, minha mulher...

Cunha—Sua mulher continuou a fazel-a confidente dos seus dissabores. A baroneza envergonhou-se de si propria, sacrificou o coração á consciencia, e obedeceu a dois anjos que porfiaram em salval-a — o anjo das lagrimas, que era Augusta; e o outro anjo, chamado da guarda, a quem o sr. Jorge já tinha cortado as azas. (*Risonho*).

Jorge—Seja o que fôr. E' extremamente grave o que vou dizer-lhe, sr. Cunha. Quero separar-me de Augusta. Não posso com este viver opprimido, manietado, escravo de considerações sociaes, que não respeito nem supporto.

Cunha—Isso é possivel, com tanto que sua senhora condescenda.

Jorge—Ha de condescender. N'esta casa já não ha nada commum entre nós. Se me conservo ainda aqui, é porque não quero dar aso ás explicações escandalosas do publico.

Cunha—Sim, senhor... O motivo que v. exc.ª allega para divorcio é estar apaixonado pela baroneza de Fanzeres. Quer-me parecer mediocremente honesto o motivo...

Jorge—Allego que me não conformo ao genio de minha mulher; allego que sou martyr dos seus ciumes ha mais de quatro annos; allego que estou envelhecendo n'este motuo continuo de desgostos; allego finalmente que...

Cunha—Que não está bem assim, e quer estar melhor... A razão de estar envelhecendo é que me não

parece muito attendivel... se os maridos, pelo facto de envelhecerem, requeressem divorcio...

Jorge—Não zombe comigo, senhor.

Cunha—Não zombo. A hora da franqueza soou para ambos. Eu já aconselhei a sua senhora o divorcio, e ella respondeu que não queria. Lembrei-lhe a necessidade de salvar o seu dote, que v. exc.ª dissipava, e ella redarguiu-me que nem para salvar da fome o filho, citari seu marido aos tribunaes. Ahi tem uma razão mais que allegar: póde tambem dizer que quer o divorcio porque sua senhora é tão intractavel que, mesmo arriscada a pedir pão para si e seu filho, não quer separar-se judicialmente de seu marido.

Jorge—Repito que não zombe, snr. Cunha.

Cunha—Sim, senhor, respondo com a zombaria ao Indecôro. O snr. Jorge sahe fóra dos limites da seriedade e da decencia, allegando as lagrimas de sua mulher como causa de divorcio. Lagrimas... são o unico queixume de Augusta. O senhor que quer d'essa infeliz? Querel-a-hia bastante depravada para fazer ás suas amigas o elogio de seu marido? Queria que ella quinhoasse da sua immoralidade dando á baroneza de Fanzeres os parabens da conquista? Espera que ella, quando o senhor entra em casa saciado de libertinagens, ou raivoso contra as contrariedades, lhe sáia ao encontro com os labios cheios de sorrisos, e o coração contaminado pelo seu exemplo? Não deixe passar sem reparo esta phrase: *o coração contaminado* pelo seu exemplo, snr. Jorge...

Jorge—Reparei, e indigna-me a supposição.

Cunha—Não se indigne, admire-se de ficarmos na hypothese. Augusta é uma d'essas mulheres para quem olham todos os homens. O senhor é um d'esses maridos que authorisam as esperanças mais mal-intencionadas.

Quando se mata com insultos o coração de uma mulher, não ha que esperar da sua virtude, se ella não trouxe do céo a immortal innocencia do anjo e a predestinação do martyr. Mas o senhor não crê em anjos nem em martyres, e é forçoso que creia em mulheres. Em que se estriba o seu orgulho para julgar-se invulneravel na sua dignidade de marido? E' na virtude de sua esposa? Pois então respeite-a, se não póde amal-a; veja-lhe silencioso as lagrimas, se não póde enxugar-lh'as... Tomo a liberdade de lembrar as palavras do moribundo pae de Augusta: «se não a quizeres para esposa, sê pae d'ella».

SCENA III

OS MESMOS *e* AUGUSTA

D. Augusta—Estava aqui o snr. Cunha?!

Cunha—Ia agora cumprimental-a, minha senhora.

D. Augusta—Jantas hoje em casa, Jorge?

Jorge—Estou ainda indeciso. Se poder desembaraçar-me d'alguns negocios importantes, jantarei; mas se ás cinco horas não estiver em casa, não me esperem. Vou vestir-me. Até já, snr. Cunha. *(Sahe)*.

SCENA IV

D. AUGUSTA *e* CUNHA

Cunha—Minha filha! coragem. Olhe que a virtude triumpha infallivelmente. Esperança!

D. Augusta—Resta-me uma. Vou fazer uma dolorosa experiencia no coração de meu marido. E' a inspi-

ração que brilha n'um espirito quatro annos em trevas. Obedeço-lhe; posso ganhar muito, ganhar tudo: a certeza de que ainda sou amada.

Cunha—Que vae fazer?

D. Augusta—Sabe-o logo... d'aqui a momentos...

Cunha—Receio algum desatino, minha senhora!...

D. Augusta—Se o fôr, já não posso valer-lhe. Não é desatino .. verá. Ora o meu amigo, que tanto sabe do coração humano, diga-me se o crime não é um meio infallivel de acordar um amor entorpecido?

Cunha—E', quando o amor está entorpecido; note, porém, Augusta, que os symptomas de torpor e morte são muito similhantes. Não vá enganar-se, ferindo o orgulho em vez de ferir o amor.

D. Augusta—Se me enganar... *(com altivez)* se me enganar, invoco a minha dignidade, orgulho contra orgulho, e ergo-me desta baixeza, deste desapreço em que estou aos olhos de Jorge.

Cunha—Ergue-se; mas com todo o orgulho da sua virtude, não é o que quer dizer?

D. Augusta—Nem eu sei que mulher possa erguer-se d'outro modo.

Cunha—Separar-se de seu marido?

D. Augusta—Sim.

Cunha—Com o seu patrimonio?

D. Augusta—Não, senhor; pobre, com o meu filho.

Cunha—Romance...

D. Augusta—Oh! nem o senhor conhece a minha alma!... nem o senhor que m'a vê formar-se desde o berço... Ahi vem Jorge. Retire-se comigo, que é necessario. Venha, que eu conto-lhe tudo.

SCENA V

JORGE *e* RAPHAEL

(Cada um entra na scena por differente porta)

Jorge—Que queres tu?

Raphael—Queria a v. exc.ª muito em segredo.

Jorge—Deram-te alguma carta para mim?

Raphael—Carta para v. exc.ª? não, senhor... E' a respeito cá d'umas desconfianças...

Jorge—Diz o que é, depressa, que preciso sahir... Desconfianças de que?

Raphael—Eu vou contar tudo, porque sou muito amigo de v. exc.ª, e vivo do seu pão ha cinco annos.

Jorge—Pois sim... fazes bem... vamos ao fim.

Raphael—V. Exc.ª ha de dar cavaco com o que é; mas o melhor é o meu amo não se dar por achado, e pôr-se de alcatéa vêr se pilha o melro.

Jorge—Que diabo dizes? acaba com isso.

Raphael—E' que a senhora tem um namorado.

Jorge—O que?! torna a dizer...

Raphael—Tem um namorado a senhora.

Jorge—Tu mentes, miseravel! Provas disso, senão esmago-te!

Raphael—Esmaga-me! agora essa! ainda por cima esmaga-me! o tolo sou eu em me metter onde não sou chamado.

Jorge—Anda cá. Como sabes tu isso? Falla depressa, que não te faço mal.

Raphael—E' que eu vi... sim, eu vi... *(A meia voz, emquanto Jorge vae espreitar)* Valha-me Deus!

estou tão atarantado, que nem já me lembra o que a senhora me ensinou.

Jorge—Que viste tu... diz... foi um homem o que tu viste?

Raphael—E' verdade... foi um homem.

Jorge—Aonde?

Raphael—Na rua... sim, foi na rua... pois onde havia de ser.

Jorge—E depois?

Raphael—E depois?... mais nada... Ah! sim... o homem ás duas por tres olhava cá p'ra janella.

Jorge—E a senhora estava na janella?

Raphael—Eu do pateo não a enxergava, porque ella... sim; estando eu, á proporção, aqui no pateo, e sendo a janella cá por cima, assim um pouco para traz, eu não podia vêr a senhora; mas como pelos domingos se tiram os dias santos, acho que o homem olhava para a senhora.

Jorge—E que mais? fallava-lhe da rua? que figura tem elle? a que horas passa? E' todos os dias? e de noite tambem o viste? Ha quanto tempo? *(Torna a ir escutar).*

Raphael, *a meia voz*—Isto acaba por bordoada de criar bicho... Se desta escapo...

Jorge—Que dizes? falla.

Raphael—Já fallei...

Jorge—O que eu te perguntei, bruto!

Raphael—Ah! sim... se elle era alto, parece-me que é mais alto que baixo.

Jorge—Conhecel-o, se o vires?

Raphael—Acho que sim... elle até me deu...

Jorge—Deu-te, porque?

Raphael—Deu-me uma cartinha.

Jorge—Uma carta! e tu deste-a á senhora?... ella já respondeu?

Raphael—Acho que não podia responder ainda, porque eu ainda a tenho aqui...

Jorge—Jesus! bom rapaz! dá cá...

SCENA VI

OS MESMOS *e* CUNHA

Jorge—Vae espantar-se, snr. Cunha! *(Jorge abre a carta e corre com os olhos precipitadamente. O criado sahe a um aceno de Cunha).*

SCENA VII

CUNHA *e* JORGE

(Vê-se Augusta por entre o reposteiro d'uma porta ao fundo espreitando a intervallos).

Jorge—Trahido, snr. Cunha!

Cunha—Trahido! como assim? trahido por alguma das suas queridas?

Jorge—Trahido por Augusta! A minha honra enlameada! a minha dignidade esmagada sob o pêso do ridiculo! Veja essa carta!

Cunha—E' uma carta a sua senhora.

Jorge—Equivale o mesmo. E' uma carta escripta a Augusta. Eu vou chamal-a!

Cunha—Espere. Não vá ainda. Eu tomo tanto a peito a desaffronta da sua honra, como o senhor mesmo. Não precipitemos o desfêcho Vejamos a carta.

Jorge—Leia.

Cunha, *lendo*—«Amo-a até á perdição». (*Declama*) Amo-a até á perdição. Isso é possivel; mas a nossa questão é saber se Augusta está resolvida a aproveitar este homem perdido. (*Lê*) «Paixão como esta, quando cala no peito, é veneno de morte, se uma lagrima da mulher amada lhe não refrigera os ardores como orvalho do céo». (*Declama*) Este estylo costuma cavar o abysmo das mulheres tolas. A snr.ª D. Augusta, emquanto a mim, se lesse isto, ria-se, e ficava pura como um anjo. Até aqui o que vejo é um homem perdido, e parvo, que é alguma coisa peior.

Jorge—Veja o resto... veja a traição.

Cunha—Lá vou á traição. (*Lendo*) «Um sorriso de v. exc.ª abriu-me o céo». Isto é que é a traição?.

Jorge—Sorriu-se a esse homem!

Cunha—Este sorriso é o elogio da alta intelligencia de sua senhora. Augusta riu-se, porque adivinhou um mentecapto; riu-se por intuição desta carta, por vista dupla destas tolices; riu-se porque a mais modesta, senhoril, delicada e pungente resposta que uma senhora pode dar a um homem que a fita atrevidamente, é rir-se, embora esse sorriso lhe abra a elle um céo, como cá diz o lorpa, mas um céo de que falla o Milton, o céo dos tolos.

Jorge—O senhor está gracejando com a minha honra?

Cunha—Não, senhor. Estou gracejando com a carta. Dá licença que eu leia as ultimas linhas?

Jorge, *abstrahido*—Deshonrado! a irrisão dos meus inimigos! a fabula da gentalha engravatada!

Cunha, *lendo*—«V. Exc.ª não conhece o amor d'um anjo, e todavia precisa ser amada por um anjo. A sua

alma está viuva d'affectos ardentes. Vôe para mim n'este mundo, que nos tem sido um deserto para ambos, e colheremos ainda flôres nos jardins da vida». (*Declama*) Diz o homem que é anjo; e, como tal, convida sua senhora a segundas nupcias. Diz-lhe que vôe para elle; arranja um jardim no deserto, e promette ser com ella um modesto jardineiro. Tome lá a empada hedionda. (*Dá-lhe a carta*).

Jorge—Que conclue o senhor das suas impertinentes facecias?

Cunha—Concluo que v. exc.ª deve erguer as mãos á Providencia dos maridos, agradecendo-lhe os rivaes desta natureza.

Jorge—Augusta atraiçoou-me, snr. Cunha. Nenhum homem envia uma carta destas, sem a certeza de que lh'a acceitam. O meu criado acaba de informar-me miudamente de tudo. O homem que escreveu isto, passa frequentes vezes defronte das minhas janellas, e encontra sempre Augusta. Agora, snr. Cunha, agora o divorcio mais que nunca! Estou já infamado no conceito d'um homem. E' bastante: não preciso d'outra ignominia.

Cunha—Venha cá. Que vertigens são essas que o sacodem? Em que está soffrendo o snr. Jorge?

Jorge—Na minha honra.

Cunha—E no seu orgulho.

Jorge—Justamente.

Cunha—E no seu coração?

Jorge—O meu coração só póde ser ferido por alguns golpes d'uma arma nobre. A perfidia dessa mulher encontra morto para o ultraje o coração que já o estava para o amor.

(*Ouve-se um grito dentro dos reposteiros*).

Cunha—Nem aquelle grito lhe chegou ao coração, snr. Jorge?

Margarida, *dentro*—Acudam á senhora, que está desmaiada! snr. Jorge, snr. Cunha! venham depressa! depressa, meu Deus! *(Cunha corre a Augusta)*.

Jorge—E' a vergonha da surpreza. Eu tenho a generosidade de a desprezar. *(Sahe)*.

SCENA VIII

D. AUGUSTA, CUNHA *e* MARGARIDA

(D. Augusta amparada por ambos).

Cunha—Foi horrivel a experiencia, minha filha...

D. Augusta—Não foi. Isto havia de ser assim, ou d'outro modo. Estou desenganada. O punhal entrou fundo—chegou onde estava a esperança... sahem de uma vez pela ferida todas as lagrimas que havia de chorar. Vive-se assim e vive-se de todas as maneiras. Custa muito a morrer. Não ha dôr que mate quando se tem um filho...

Cunha—E um pae.

D. Augusta—Pois sim—seja-o; seja meu pae, porque eu tenho medo á solidão moral, ao terrivel *sósinha* da mulher desamparada.

Margarida—Desamparada! ..

D. Augusta—Fui má comtigo, Margarida. Começo a ser má para todos. Toda a gente se fere nos espinhos da minha corôa. Perdôa-me tu, minha amiga, amiga da infancia de minha mãe... Desde o berço que vejo n'esse teu rosto o mesmo amor. E' na desgraça que se aprecia um seio como o teu. Sei que serás sempre com-

migo no infortunio... Mas... para que choras tu, se eu não tenho lagrimas?

Cunha—Nem deve têl-as. Lembre-se de que me disse ha pouco: «se me enganar, invoco a minha dignidade; orgulho contra orgulho, e ergo-me desta baixeza, deste desapreço em que estou aos olhos de Jorge».

D. Augusta—E não cumpro? Cahi por ventura? A mulher só é fraca na felicidade. O heroismo faz-se nas angustias, quando ellas não matam logo. Como se não bastasse a religião a sustentar-me, tenho o meu filho; o meu segundo pae; e tenho-te a ti, *(a Margarida).* amiga, amiga unica...

SCENA IX

OS MESMOS *e* BARONEZA

Baroneza—Unica, unica amiga, minha Augusta!?

D. Augusta—Tu aqui?! E' uma surpreza...

Baroneza—O teu criado Raphael appareceu-me agora esbaforido, quando eu sahia de casa, dizendo-me que viesse acudir a uma grande desgraça.

D. Augusta, *risonha* — Desgraça, não, Sophia... Mas bom foi que viesses. Ha de haver n'este coração uma lagrima para ti... na despedida.

Baroneza—Na despedida?! para onde vaes tu?

D. Augusta—Deus sabe onde irei.

Baroneza—Jorge sahe do Porto?

D. Augusta—Não. Jorge fica em sua casa. Esta casa, onde nasci e morreram meus paes, não é minha, é de Jorge... Nem de Jorge é... Olha; ali está (*Indicando Cunha.*) quem para me fazer rica me fez infeliz. Se elle pedisse á herdeira de meus paes o que esta

casa lhe devia, eu seria hoje uma costureira feliz, a mulher de um artista amante da mãe de seus pobres filhos. Não me leve a mal, nem isto lhe dôa, sr. Cunha. A desgraça tem queixumes caprichosos. Fez uma grandiosa esmola: aproveite-se d'ella quem quizer e puder.

Cunha—Não sahe de sua casa, sr.ª D. Augusta.

Baroneza—E quando sahisses, irias para a minha.

D. Augusta, *serena*—Se me amam, se querem que esta dôr me não abafe, deixem liberdade á minha alma. Não me estorvem, que eu sou incapaz de dar um passo de que devam córar as pessoas que me estimam. Quando eu não fôr bastante para meu filho, então estenderei a mão em que elle tiver vertido as lagrimas da fome. Não queiram este espectaculo, que é triste. Vae para tua casa, minha amiga. O sr. Cunha acompanha-te, se vieste sósinha. Cá me fica a minha Margarida... Vão, vão...

Baroneza — Jesus! eu não comprehendo isto. Digam-me o que se passou. Isto que foi, sr. Cunha?

Cunha—Foi uma desventura grande que ha de mais tarde trazer á sua infeliz amiga fructos abençoados, porque são abençoadas as lagrimas. A sr.ª D. Augusta, suspeitando que seu marido tocára o extremo do fastio e da indifferença...

SCENA X

OS MESMOS *e* JORGE

Jorge, *contemplando o grupo*—Senhora baroneza...

Baroneza—Sr. Jorge, eu acabava de pedir a significação d'esta desgraça. Tenha bastante coragem para dizer com que alma faz soffrer esta martyr!

D. Augusta—Obrigada, minha amiga. Eu não me lamentei ainda. Aqui não ha martyr nem algoz.

Jorge—O que me falta ver é ser eu tido em conta de algoz da sr.ª D. Augusta.

Margarida — Pois que é o senhor, senão o algoz d'este anjo?

D. Augusta—Cala-te, Margarida.

Margarida—Deixe-me desabafar, senhora; que isto clàma justiça ao céo!

Jorge—Mas eu é que não dou ás minhas criadas a liberdade de erguerem a voz ña minha presença.

D. Augusta—Margarida já não é criada d'esta casa.

Jorge—Estimo muito, e até exijo que o não seja da senhora, no convento de Santa Clara onde vae entrar ámanhã.

Baroneza—No convento! porque? Contra vontade d'ella?

Jorge — Perdão, minha senhora. Aqui ha uma só vontade que é a minha. Meu filho fica na minha companhia.

D. Augusta, *com impetuosa furia* — Mentes! Meu filho é a minha vida! Verás então o que é a força d'esta mulher que tu julgas esmagada! (*Suspensão*). Mata-me, primeiro, Jorge; mate-me primeiro! (*Ajoelhando*). Oh! não me tires o meu filho... Eu nada te peço... deixo-te livre e feliz... nada levo commigo; mas deixa-me levar o meu filho, que tu não amas, nem poderá amar-te nunca... Que é d'elle... Margarida... vamos sahir já... (*Cunha suspende-a*).

Cunha—Não vá. Seu filho irá comsigo, Augusta. Dou-lhe a palavra de honra, que vale uma certeza.

Jorge—Com que direitos se recommenda a sua palavra de honra, sr. Cunha?

Cunha—Disputemos quando quizer e como quizer. A sr.ª D. Augusta não vae para o convento de Santa Clara. Não ha lei que a force.

Jorge—Preciso dar uma satisfação á sociedade.

Cunha—A sociedade pede-lhe ha quatro annos uma satisfação das suas devassidões, e v. ex.ª ainda lh'a não deu. Sua mulher responde por si.

Jorge—Isto é infernal! o senhor é aqui um homem extranho, e todos dirão que póde assentar-me um pé na garganta! Não o soffro, nem o isento de me dar uma plenissima satisfação.

Cunha—Enfureça-se, mas escute. Sr.ª baroneza, eu continúo a historia que o sr. Jorge interrompeu. Disse que a sr.ª D. Augusta, suspeitando que seu marido tocára o extremo do fastio e da indifferença, quiz experimentar se o amor estava n'elle extincto pela monotonia da intimidade, e pela certeza de que ninguem lh'o disputava. Lembrou-se do ciume como estimulante, e urdiu um simulacro de perfidia, sem consultar alguem, e ouvindo apenas os conselhos desvairados da sua paixão. O resultado d'esta experiencia foi o sr. Jorge considerar-se offendido no seu amor proprio, na sua honra egoista, no seu orgulho: mas do coração, confessou em termos desabridos e insultuosos que se não sentia ferido. Aqui tem v. ex.ª a historia.

Jorge—Não se podia sophismar mais habilmente o crime, com effeito! A carta que o criado recebeu para entregar áquella sr.ª, quem a escreveu? (*Sorrindo.*) Foi o senhor?

Cunha—Eu? é banal a pergunta! Foi ella. Aqui tem o rascunho que ella primeiro escreveu sem contrafazer a letra. Confronte-a com a que deve ter na algibeira.

Jorge, *sarcastico*—A sua memoria faz d'estes milagres... entendi...

D. Augusta—São tardias e inuteis todas as explicações, sr. Cunha. Poupe-me a alguma nova injuria de meu marido. A nobre curiosidade da minha amiga Sophia deve estar satisfeita. Creio que não desmereci aos olhos d'ella. As mulheres da nossa sociedade, penso eu que, poderão chamar-me indiscreta, por não ter sabido adivinhar o desprêso que todas adivinham e algumas retribuem... e são felizes. Pensem o que quizerem de mim; mas indigna de apertar a mão ás mais dignas esposas, isso é que não poderão com justiça condemnar-me. Tu, Jorge, julga-me como quizeres. Sou uma mulher morta para ti. Ha muito que eu agonisava fóra do do teu coração. Foram quatro annos infinitos como os dias da mulher aborrecida, quando n'ella póde mais o amor que a dignidade. A dôr passou. Nem sequer me comprazo em deixar-te o espectro do remorso no logar da minha imagem. Por nosso filho te juro que não. Matas-me; não tenho mais que te dizer.

Baroneza—Peça-lhe perdão, sr. Jorge.

Jorge—Perdão! de que hei de eu pedir perdão? de não acceitar com jubilo a perfidia?

Baroneza—Qual perfidia! pois ainda ousa proferir similhante injuria! Peça-lhe perdão, senhor.

D. Augusta—A injuria perdôo-lh'a. Perdão de me não poder amar? seria um sarcasmo a supplica. Aqui, minha amiga, de ora em diante não póde haver senão dois martyres.

Jorge—Diz bem... Dois martyres—é essa a palavra.

D. Augusta—A compaixão de hoje converter-se-hia ámanhã em odio. Não, não, meu Deus! eu não posso

com a idéa de ser mulher que se impõe pela força d'uma obrigação. Acceitei muita ingratidão, muito ultrage, muito supplicio com a alma atida a uma esperança. Esperava-o depois que o tedio dos vicios m'o restituisse. Agora sei que não voltará mais. Jorge, se eu puder tirar algumas lagrimas do coração, choral-as-hei por ti diante de Deus, quando a mão da Providencia te pedir contas do coração que rasgaste á mãe de teu filho!... Adeus; adeus, Jorge.

SCENA XI

CUNHA *e* JORGE

Cunha—O senhor é um homem para se admirar! E' impossivel que não caia abaixo da altura d'esse cynismo!

Jorge—Cruzarei os braços em minha casa, diante do insulto.

Cunha—Em sua casa! O sr. Jorge de Lemos não tem casa alguma. Está tão pobre como sua mulher e como seu filho. A'manhã lh'o provarei.

Jorge—Ha de ser curiosa a prova. (*Rindo.*)

Cunha—O satanaz despenhado tambem se ria; e eu por um extremo de civilidade, rirei tambem com v. exc.ª

Jorge—Ser-me-ha permittido, quando fôr expulso de minha casa, levar ao menos um par de pistolas?

Cunha, *offerecendo-lhe um par de pistolas.*)—E'-lhe permittido levar dois.

Jorge— Vêr-nos-hemos.

SCENA XII

OS MESMOS, D. AUGUSTA, A BARONEZA
e MARGARIDA

D. Augusta, *em modestos trajos de sahir, com o filho nos braços*—Vê, Jorge! não levo mais nada. Dentro d'este seio vae o coração que tiveste para mim. Deixo-te tudo, e deixo-te pobre. A rica sou eu. Espero que ainda me peças a esmola de um sorriso d'esta creança... Meu filho, estás sem pae! (*Abraçando-o.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Uma sala pobremente mobilada, com portas lateraes, e outra de serventia para a escada

SCENA I

MARGARIDA *só*

Margarida, *limpando, e contemplando depois os moveis*—E olha para esta pobresa com um sorriso de santa, aquelle anjo! Deus me perdôe, mas quando oiço dizer que a virtude tem n'este mundo o premio certo, olho para a vida d'esta senhora, e vejo que ha virtudes muito desgraçadas... (*Pancada na porta.*) Quem virá tão cedo? (*A'parte*) Quem é?

Baroneza, *fóra*—Sou eu, abra, Margarida.

SCENA II

MARGARIDA *e* A BARONEZA

Baroneza, *entrando*—Jesus! que casa esta! Augusta vive aqui?

Margarida—Pois então, sr.ª baroneza; onde ha de ella viver, senão na pobre casa da sua criada?

Baroneza—Ah! esta casa é da sr.ª Margarida?

Margarida—E' minha, porque eu tenho vergonha

de dizer que é da minha ama. Bem sabe que a sr.ª D. Augusta sahiu da sua casa sem nada.

Baroneza—Bem sei, mas eu, vendo-a sahir com o sr. Cunha, suppuz que elle não a deixaria passar a menor privação.

Margarida—Não; que a senhora não quiz. No dia em que sahimos, a senhora esteve em casa da sua costureira; depois eu aluguei esta casa, e viemos no dia seguinte. Logo que chegamos aqui, veiu uma criada de mandado do sr. Cunha, com um bilhete e um rolo de libras; mas a senhora tornou a mandar o dinheiro.

Baroneza—Eu tambem lhe mandei ha tres dias, uma nota n'uma carta, e ella devolveu-m'a, dizendo que não tinha precisão. Fiquei por isso mais certa de que o sr. Cunha lhe dava meios para ella viver em commodidades. Coitadinha da pobre Augusta! Quem diria que havia de encontral-a neste estado!

Margarida—Não lhe falle no sr. Jorge, não, minha senhora?

Baroneza—Onde está ella?

SCENA III

AS MESMAS *e* D. AUGUSTA

D. Augusta—Estou aqui, minha amiga. Aqui tens a Eva deste paraizo terreal. Para ser completa a imagem do paraizo, sinto-me tentada a desejar uma cadeira estofada para te sentares; mas em quanto o desejo se não realisa, prova a tua paciencia nesta cadeira de palha. Lembras-te dizer-te eu que morreria se me faltasse o sophá do meu quarto?! Que creancice! Deve ser bem futil a dôr da alma, quando as incommodidades moles-

tam o corpo! Graças ao Senhor, soffro tanto, que chego a achar engraçados os caprichos da má fortuna... Ora, olha, Sophia; eu não acceitei o dinheiro que tiveste a bondade de mandar-me, porque me era inutil. Não me tomes como argulho o devolver-t'o... Choras?! Então és tu a encarregada de chorar por mim?!

Baroneza—Não podes assim viver nem mais uma hora, Augusta. Vem para mim, vem para minha casa, de mãos erguidas t'o peço, chama-me tua irmã, se uma amiga não póde merecer-te tanto...

D. Augusta—Eu sou verdadeira, Sophia. Nem o capricho nem o odio, nem o desejo de me fazer lastimar, podem obrigar-me a mentir. Acredita que, nas minhas circumstancias, não posso estar melhor. Em tudo isto que vês ha um reflexo da minha alma. Se me violentassem a deixar esta casa, assim como ella está, com o meu filho, e a minha boa Margarida, vertiam-me fel nas chagas do coração. Aqui não se chora, nem se falla do passado, filha... Estás a analysar as alfaias da minha sala? Foram escolhidas e compradas por Margarida. Queres ver uma coisa muito engraçada? Olha! uma banqueta almofadada para os pés, n'uma sala em que é difficil tocar na mobilia sem sujar as mãos. Esta Margarida tem lembranças!

Baroneza—Esse teu sorriso é cheio de lagrimas, minha pobre Augusta! Foje d'aqui, por piedade! A gente sente aqui terror, n'esta miseria!

D. Augusta—A mão da desventura não quebrou ainda o prisma da vida. Olha, minha amiga, se o crime tivesse entrado commigo aquella porta, isto devia ser horrivel; mas o soffrimento immerecido dá ao espirito uma docilidade, um não sei quê de suave penitencia, que o faz conformar-se com tudo que afflige as pessoas

felizes. Deus queira que nunca experimentes a doçura que começa no extremo da amargura.

Baroneza—E Jorge?! Que terá elle feito?

D. Augusta—Que vens tu fallar-me de Jorge? Isso é crueldade! Que posso eu dizer-te de Jorge?... E' feliz... Que mais queres que te diga?... Feliz! Aqui tens aquella mulher que elle adorava! Que bello explendor de alegria lhe illuminava os olhos, quando eu lhe dava uma esperança de o ligar á minha vida! Que apaixonadas pinturas elle me fazia da felicidade, atravez da infinita união de nossas almas! A felicidade! é isto, era isto o que a phantasia de Jorge entrevia quatro annos depois das suas chimeras!.. *(chora)*.

Baroneza—Filha! tem piedade de ti propria... A Providencia não é uma mentira...

D. Augusta—Não é, não. A Providencia é meu filho, é Margarida, és tu, é a minha resignação, é o poder chorar sem me achar culpada, é a certeza de que não estou expiando uma falta. Que mais quero eu da Providencia? *(Pancada na porta)* Vê quem é, Margarida?

Margarida—Quem é?

Voz de homem—Faz favor de abrir. (*Margarida consulta D. Augusta por um gesto*).

D. Augusta—Abre.

A voz—Mandaram-me aqui entregar este caixãosinho á sr.ª Margarida.

Margarida—Uma caixinha para mim!? Vom.ce não responde? Ouça lá... quem é que manda isto? (*Voltando-se para a scena)* O homem desceu, sem responder! Vejo o que é, senhora?

D. Augusta—Porque não has de ver!

Margarida, *abrindo*—Ah! que vejo! é o meu cordão, e os meus dois pares de brincos, e a minha pul-

seira, e os tres alfinetes, e os anneis, e estas coisas. (*Vae tirando os objectos que menciona*).

Baroneza—Isso são notas.

D. Augusta—Este ouro vendeu-o Margarida, sem eu saber, para pagar ó aluguer da casa, e comprar os moveis. Disse-me ella depois que o ourives não a conhecia. Como será isto? Vê se vem alguma carta com as notas!

Baroneza—Seria Jorge que mandou isto?!

Margarida, *folheando as notas*—E' verdade, seria o snr. Jorge?! Ai! esperem... aqui está um papelinho... Ora leia, senhora.

D. Augusta, *lendo*—«Offerecimento de uma pessoa a quem a virtude da boa Margarida impressionou até ás lagrimas». O dinheiro é teu, Margarida; acceita-o sem escrupulo.

Margarida, *muito alegre*—Meu!? é da minha ama! Vou comprar já um sophá para a senhora, e um piano, e umas persianas para as janellas. O melhor é alugar outra casa com jardim, e compra-se um carrinho para o menino, e vestidos para a senhora, e...

D. Augusta—O que ahi vae, o que ahi vae! Ficas outra vez pobre, minha louca!

Margarida—Pobre! isso sim! A sr.ª baroneza sabe quanto é isto? Veja lá... (*mostrando-lhe as notas*).

SCENA IV

AS MESMAS *e* RAPHAEL

Raphael—V. Exc.ª dá licença ao Raphael?

D. Augusta—Ai! o Raphael! Vem cá, pobre rapaz! já me tinha lembrado de ti!

Raphael—Eu tanto perguntei que atinei.

D. Augusta—Coitado! estás sem amo, não é assim?

Raphael—Isso lá que tem? Um homem em toda a parte acha um bocado de pão; mas o peior é a senhora, que pelos modos está pobre, segundo me disseram lá por fóra. Valha-me Deus! eu bem não queria dizer ao patrão as mentiras que v. exc.ª mandou. Bacorejava-me o coração que havia grande desordem!... Já agora, não tem remedio... Pois, minha senhora, eu queria dar uma palavrinha em particular a v. exc.ª, com licença da sr.ª baroneza.

D. Augusta—Pois sim, Raphael. Olha, Sophia, vae ver o resto do meu palacete, e dá um beijo no meu Carlos, que ainda está na cama. (*Margarida sahe com a baroneza*).

SCENA V

D. AUGUSTA *e* RAPHAEL

D. Augusta—Podes fallar, rapaz.

Raphael—Pois, minha senhora, eu vinha aqui, sabe Deus com que vergonha, vinha pedir a v. ex.ª um favor.

D. Augusta—Diz, Raphael; se eu puder...

Raphael—Eu trazia o recado de memoria; mas, a fallar a verdade, fiquei assim a modo de... tresnoitado, quando vi a senhora, que já nem sei o que digo...

D. Augusta—Falla sem pejo... que é?

Raphael—Eu digo, minha senhora... sou criado de v. ex.ª ha cinco annos, e tenho ajuntado os meus vintensinhos, porque fazia o meu negocio nos trapos, e nos ossos, e com as soldadas, e mais uns vinte e quatro

mil réis que tive de legitima, pude ajuntar umas vinte moedas. V. ex.ª não ha de levar a mal o meu atrevimento; mas eu não preciso d'este dinheiro, e vinha trazer-lh'o, e v. ex.ª m'o pagará quando tiver recebido o que é seu. V. ex.ª perdoe-me pelo amor de Deus.

D. Augusta, *enxugando as lagrimas*—Raphael, eu acceitaria o teu dinheiro se o precisasse, assim como acceitei esta casa que Margarida me deu.

Raphael—Então a minha ama está em casa da criada?! (*Reparando na mobilia.*) Lá me queria parecer isso... N'esse caso vou emprestar o dinheiro á sr.ª Margarida.

D. Augusta, *sorrindo*—Ella não precisa, Raphael. Mas olha pede-lhe que te receba como criado, e ficas comnosco... O meu filho dá-se bem comtigo...

Raphael, *contente*—Pois sim, minha senhora, eu fico criado da criada, e v. ex.ª... sim... v. ex.ª fica sendo outra vez minha ama; quero dizer, a criada é ama, mas eu sou criado da minha ama. Está dito. Deixa-me ir ver o menino, e dizer á sr.ª Margarida que fico cá?

D. Augusta—Vae, vae, excellente rapaz. (*Raphael corre para a porta da escada.*) Não é por ahi, Raphael...

Raphael—Está aqui o sr. barão de Fanzeres.

D. Augusta—O sr. barão?... póde entrar.

SCENA VI

D. AUGUSTA *e o* BARÃO DE FANZERES

Barão—Com licença.

D. Augusta—Tem a bondade... (*Indicando-lhe uma cadeira.*)

Barão — Minha senhora, estimo que tenha passado bem e cogitado melhor no que lhe convém. E' preciso ter juizo, e respeitar a ordem do mundo. (*A baroneza apparece fazendo da porta um signal de silencio a D. Augusta.*)

D. Augusta — O que me convém, sr. barão, é respeitar muito as suas reflexões; mas por emquanto, não comprehendo a intenção com que se digna fazer-m'as.

Barão — Eu venho aqui porque fui amigo de seu pae, e sou amigo de seu marido, e da senhora, porque tambem foi amiga da minha esposa desde rapariga, e queria que continuasse a ser digna da amizade d'ella.

D. Augusta — Eu creio que me não tornei ainda indigna da amizade das pessoas que me estimavam ha quatro dias.

Barão — Não é tanto assim, e ha de perdoar. Eu vim aqui para dizer o que sinto, e o que diz a opinião publica, que todos devemos respeitar.

D. Augusta — Falla mal de mim a opinião publica?

Barão — Não diz lá muito boas coisas... vamos adiante. Deus me livre que dissesse o mesmo da minha Sophia... Mas já agora, o mal está feito, e o remedio é, minha senhora, entrar n'um convento para dar satisfação á opinião publica que todos devemos respeitar.

D. Augusta — Sr. barão, a sociedade, se v. ex.ª representa a sociedade, é atrozmente injusta commigo. Eu sahi da companhia de meu marido porque já não tinha forças para ser ultrajada, nem forças para o obrigar a soffrer-me. Se tivesse familia iria procurar o abrigo de minha familia. Sou só e meu filho, e acceitei esta casa como esmola de uma das minhas criadas.

Barão — O mundo não diz isso. O que por ahi consta é que seu marido apanhou uma carta de namoro

e que a senhora em vez de entrar n'um convento, viera para aqui, a fim de estar mais á sua vontade. E' o que diz a opinião publica que todos devemos respeitar.

D. Augusta— O mundo engana-se, ou quer esmagar-me com a diffamação. Se se engana, a verdade se saberá—creio em Deus. Se me quer matar, conseguil-o-ha porque sei que a sociedade esmaga, quando quer, as victimas que lhe não podem atirar punhados d'ouro á cara.

Barão—Deixemo-nos de doutorices, sr.ª D. Augusta. (*Ergue-se.*) Aqui é—páo, páo; pedra, pedra.—Eu sou casado, e sei quanto ha de custar ao senhor seu marido este desarranjo. A senhora tem obrigação de soffrer o o seu homem! (*Com solemnidade.*) Antes que cases olha o que fazes. A senhora quiz, agora tenha paciencia, aguente. Nem todos podemos ser bons maridos. A mulher é sujeita ao homem de direito divino e humano! A opinião publica, que todos devemos respeiter, não quer saber se a senhora tinha lá seus dares e tomares com o seu homem, o que nós sabemos cá por fóra é que a senhora, sahindo de casa, não quer estar n'um convento. Portanto, é decidir... E então? não diz nada?

D. Augusta—Ah!... estava abstrahida... não o ouvi... As suas palavras perdem-se; mas eu agradeço e aprecio a boa intenção com que as diz.

Barão—Quer dizer que a respeito de convento nada feito...

D. Augusta—Uma mulher nas minhas circumstancias, quando acceita o convento como castigo, confessa o crime: eu estou innocente, e não me envergonho da sociedade.

Barão—Se está innocente não o parece.

D. Augusta—Venha tudo, meu Deus!

Barão—Eu d'aqui estou arrumado. Vou-me embora, e fique a senhora sabendo que minha mulher se cá não tem vindo é porque eu não consinto, nem consentirei que ella cá venha mais. Passe muito bem...

SCENA VII

OS MESMOS *e* A BARONEZA

Baroneza—Não vás, sem levar a certeza de que eu dou ás tuas ordens e opiniões o valor que ellas merecem.

Barão -Que é? que vem a ser isto? tu aqui? Oh!

Baroneza—Ainda bem que estou aqui para pedir a esta martyr que te perdôe as offensivas brutalidades com que injuriaste a sua nobre dôr. A que vieste aqui? N'esta casa, á presença d'esta infeliz, só póde entrar quem tem coração. Para que me confrontaste com Augusta, se a envergonhada do confronto deve ser ella!?

Barão—Tu estás a abusar da minha bondade, Sophia!... Desculpo-te por agora, porque és amiga d'ella; mas em nome da minha authoridade de marido, mando que venhas para tua casa, já e immediatamente.

D. Augusta—Vae, minha amiga, obedece a teu marido, cuja alma é boa. A sociedade não ha de sempre julgar-me como o sr. barão: elle me julgará melhor, e então serás outra vez a minha amiga. Espero rehabilitar-me diante de v. ex.ª, sem entrar no convento.

Barão—Vamos, Sophia.

D. Augusta, *desabraçando-a de si*—Vae, vae, filha.

SCENA VIII

OS MESMOS *e* CUNHA

Cunha, *no limiar da porta*—A sr.ª D. Augusta dá-me licença? Eu não encontrei o guarda-portão, e fui subindo. Naturalmente não me ouviram, porque os tapetes da escadaria abafam o ruido dos passos... Por aqui o jovialissimo barão de Fanzeres... e a sr.ª baroneza lacrimosa. . *(A D. Augusta)* Como está, minha senhora?

D. Augusta—Boa... saboreando a vida.

Cunha—A vida, amigo barão, é um favo de mel fabricado pelos anjos... V. exc.ª é que sabe sugar as delicias do favo. Vejam que alegria d'alma espirra no rosto do meu folgado barão.

Barão—Vou vivendo, amigo e snr. Cunha.

Cunha—Pois viva, meu amigo, viva, faça a pirraça de viver aos gazeteiros do Porto, que estão anciosos que v. exc.ª morra, para terem ensejo de lhe escreverem o necrologio em que o meu defuncto amigo ha de ser, ainda que não queira—bom cidadão, esposo exemplar, commerciante probo e modelo de caridade.—Eu, se cá ficar, a todos estes titulos hei de accrescentar-lhe o de —uma intelligencia não vulgar. Intelligencia da vida, das coisas, das pessoas, das artes com que se conquista a opinião publica.

Barão—Que todos devemos respeitar.

Cunha—Diz bem; particularmente depois que temos cincoenta contos de réis, por cuja procedencia nunca a opinião publica nos pergunta .. (*A D. Augusta*) Então, minha senhora, temos ou não temos heroina? (*Tomando-lhe a mão*) A pomba que annunciou a bonança

aos que o Senhor salvou do diluvio, há de pousar n'esta mão. Se Deus creasse angustias como as suas, e não désse á virtude o balsamo d'ellas, desacreditava-se. Creia, e será salva. Não o intende assim, snr. barão?

Barão—Eu já disse o que pensava.

Cunha—Ah! sim?... V. exc.ª... pensou, e disse...

Barão—Que o mais acertado era recolher-se ao convento.

Cunha—Un!... ao convento?... porque, entrando n'um convento...

Barão—Dá uma satisfação á opinião publica, que todos devemos respeitar.

Cunha—E rezar por v. exc.ª e por mim, para que Deus nos perdôe uns certos peccadilhos de que a opinião publica nos não pede contas. Intelligencia não vulgar, dizia eu ha pouco... conte com a calumnia no meu elogio, meu caro snr. barão. Snr.ª baroneza...

Barão, *á parte*—Parece que está a mangar commigo! (*Alto*) Vamos, Sophia.

Cunha, *á baroneza*—V. exc.ª tem sobeja influencia no animo de seu marido para pedir-lhe que se demore (*examina o relogio*) n'esta casa sete minutos. Só sete minutos. Só sete minutos, snr. barão, porque a sua presença é apreciavel, quando se vae tratar um assumpto relativo á sr.ª D. Augusta, a quem v. exc.ª de certo não retirou ainda a sua consideração. Conto com a sua condescendencia.

Barão—Estou aqui para o que fôr necessario. Vamos arranjar este negocio do melhor modo, a fim de dar uma satisfação ..

Cunha—A' opinião publica, que todos devemos respeitar. Sim, senhor. Agora peço á sr.ª D. Augusta uma conversação particular de tres minutos.

Baroneza—Nós vamos até lá dentro. Vem, barão.

Barão—O' amigo e snr. Cunha, não me demore muito, que eu tenho de ir á alfandega despachar uma carga de aduela. (*Sahem*).

SCENA IX

D. AUGUSTA *e* CUNHA

Cunha—Tenho meditado no seu destino, minha filha. Vejamos se os nossos pensamentos se combinam. Esta situação não póde continuar. Que tem resolvido?

D. Augusta—Acceitar os dias que vierem iguaes aos quatro que tem passado.

Cunha—Augusta regeitou o dinheiro que lhe enviei. Quem lhe dá os meios de subsistencia?

D. Augusta—Ha de dar-m'os o trabalho. Já foi Margarida a uma florista pedir encommendas. Vou recordar esta minha prenda querida dos quinze annos. Quando estiver mais socegada de espirito, darei lições de piano, se as mães de familia me admittirem na convivencia de suas filhas. Entretanto vivo dos recursos de Margarida, unica pessoa de quem posso acceitar o beneficio sem humilhação.

Cunha—Os recursos de Margarida devem ser pouquissimos.

D. Augusta—Não são.. Ainda agora lhe remetteram o oiro que ella tinha vendido, quando sahimos de casa, e algumas notas.

Cunha—E será airoso a Augusta participar d'essa dadiva, cuja origem póde ser impura? Pense, e responderá que não. Ha uma certa immoralidade, muito festejada entre nós, que á vista da mulher formosa e infeliz,

se embuça na capa da beneficencia e de uma caridade poetica que redunda em tentativa vil.

D. Augusta—O bilhete, que acompanhava o dinheiro, exprimia sentimentos muito honestos. E' uma pessoa que admirou a virtude da minha Margarida, e quer auxilial-a no seu nobre proceder. Se eu regeitasse um quinhão do que tão bem quadra ao caracter de Margarida, seria soberba e indigna do beneficio. Se suspeito maldade em palavras tão puras, finjo uma descrença que não tenho ainda nos corações generosos e bemfazejos. Quem escreve este bilhete, deve ser uma excellente alma. Veja...

Cunha, *á parte*—Estou bem pago! (*Alto*) Isto é innocentissimo na apparencia; todavia, se me consulta, digo-lhe que não toque n'um ceitil d'essa dadiva, em quanto por algum acto posterior se não convencer da candura e caridade que inspirou a boa acção da sua criada. Augusta vae contrahir um emprestimo que ha de pagar com os seus bens, porque v. exc.ª é ainda rica. Seu marido é que não tem oito palmos de terra fóra do cemiterio publico. Seu marido é que está pobre

D. Augusta—Pobre!... mas eu não quero que Jorge seja pobre por minha causa. Seja-o quando tiver dissipado tudo; mas eu empobrecel-o .. que importa isso ao meu coração? Ninguem entende a minha alma, santo Deus!

Cunha, *examinando o relogio* -Queira chamar a sua amiga e o barão. Demorem-se alguns instantes em quanto escrevo aqui um bilhete. *(Mal sahe Augusta, depõe a penna, e corre a abrir a porta, aonde algumas vezes viera escutar disfarçadamente).*

SCENA X

JORGE *e* CUNHA, *a meia voz*

Cunha—Aqui tem a sala de sua criada, em cuja casa é hospeda sua senhora. Sua esposa e seu filho recebem uma esmola aqui. Senta-se n'estas cadeiras aquella gentil menina que v. exc.ª adorava, rodeada, das galas e pompas que não valiam nada em competencia com o coração que o senhor lhe matou. Recorde-se. Foi para a despenharmos até isto, que o senhor m'a solicitou, e eu, senhor do destino d'ella como um pae, lh'a entreguei.

Jorge—Basta, sr. Cunha! Eu quero vêl-a..

Cunha—Ha de primeiro ouvil-a... Esconda-se aqui, depressa, que ella ahi vem...

(Jorge entra para um dos quartos lateraes)

SCENA XI

D. AUGUSTA, BARONEZA, BARÃO, CUNHA *e depois* MARGARIDA *e* O MENINO

Cunha—Falta-nos aqui a nossa boa Margarida.

D. Augusta—Pois quer que ella venha?... está com o menino.

Cunha—(*Chamando para dentro*). Margarida, dê-me o menino. A creança ha de estranhar o variegado destes estofos, e como é travêssa ha de ter arrancado os reposteiros e quebrado as porcelanas... (*Tomando o menino dos braços de Margarida*) Estás lindo, meu pequer-

rucho! Se assim como tens os olhos, tiveres o coração de tua mãe, serás feliz...

D. Augusta—Feliz!...

Cunha—Com as damas contemporaneas delle, queria eu dizer. (*Ao menino*). Quereis ir á mamã? Vae, vae... (*O menino vae para junto da mãe, que o senta nos joelhos* . Ora bem; não quero demorar o sr. barão, que tem de ir á alfandega despachar...

Barão—Uma carregação de aduela.

Cunha—De aduela... bem. Isto é um momento. A sr.ª D. Augusta casou com o sr. Jorge de Lemos, dotada com cincoenta contos de réis. Em cinco annos malbaratou o sr. Jorge o que era seu de herança paterna, e começou a dissipar o dote de sua senhora. Bem podera o sr. Jorge ser um pessimo administrador, sem todavia menospresar as virtudes de sua esposa. A natureza não deu ao marido desta senhora qualidade alguma boa.

D. Augusta—A quem está contando essa historia, sr. Cunha? Eu sei de mais a minha vida.

Cunha—Não sabe tudo o que lhe importa saber. Jorge de Lemos podia prostituir o coração por onde quer que lh'o acceitasse a corrupção dos costumes, e todavia illudir sua mulher com esse affecto mentiroso que os homens cançados costumam denominar serena intimidade. Nem isso! O marido d'esta senhora repellia não só as censuras, mas tambem as supplicas; não só as queixas, que tambem as lagrimas. Era preciso acceitar-lhe a libertinagem e a crueza, com os carinhos da esposa feliz e extremosa. Extremosa foi-o ella sempre. Extremosa até á loucura de tentar uma experiencia no coração em que ella já não tinha sequer por si a corda da piedade. Inventou um affecto, indigno mesmo da sua phantasia atormentada; abrazeou no animo do marido

todos os odios filhos do orgulho, mas no coração nem vislumbre de amor, na consciencia nem um toque do castigo merecido. Evidencia de que sua mulher estava innocente, teve-a Jorge... Não basta. Viu com rosto sereno sahir a innocente com um filho nos braços, deixou passar uma hora, um dia, quatro dias, e não lhe seguiu os passos; não se lembrou á hora do jantar se sua mulher e filho teriam fome...

D. Augusta—Não diga mais, senhor; encarecidamente lhe rogo que termine este transe inutil. Já sei que intende melhor que eu propria a minha dôr.

Cunha—Sr. barão, a opinião, publica cujo orgão v. ex.ª é, que dirá do marido d'esta senhora, quando v. ex.ª hoje na alfandega lhe contar esta historia?

Barão—A fallar a verdade... o marido da sr.ª D. Augusta é um malvado.

Cunha—A sociedade não castiga estes malvados: insulta as mulheres que não tem o heroismo de morrerem abafadas ao segredo da sua agonia. A sociedade não castiga; mas aqui estou eu, em cujas mãos a divina Providencia poz o flagello que os ministros da lei costumam esconder debaixo da toga. O pae d'esta senhora devia-me 50 contos de réis, por escriptura, cujo traslado aqui está. Esta senhora foi-me deixada como esposa ou filha; abstive-me de comprar o coração da esposa, e dei á filha a unica felicidade que podia dar-lhe—a da riqueza. Enganei-me na dadiva, porque o senhor d'ella é o homem que fechou a porta nas costas da esposa que sahiu sem o valor d'um pão. Vou emendar o engano sequestrando os haveres de que indevidamente se acham impossados os herdeiros do meu defunto amigo. Vou vingar esta virtuosa senhora que vive das esmolas de sua criada.

Margarida—Esmolas! pelo amor de Deus não diga isso, sr. Cunha!

Cunha—Vou ser o amparo d'aquelle menino, que ha de pedir contas a sua mãe das dissipações do homem que lhe fez o desgraçado presente da vida. Vou...

D. Augusta, *erguendo-se com impeto*—Não vae, não, senhor, não irá, sr. Cunha; porque eu abomino essa acção indigna de si. Dê-me o coração do meu marido, se póde e tome conta de tudo que é seu. Nunca associe o meu nome a essa mesquinha vingança... A mulher, que ama, não se vinga assim. Não diga que o faz em favor de meu filho, porque eu hei-de ensinal-o a regeitar a esmola de quem forçar seu pae ás vergonhas e ignominias inseparaveis da pobreza... De mãos erguidas lhe rogo que não chame sobre mim o odio de meu marido. Eu tenho ainda esperança de o compadecer. A compaixão ha de trazer o amor... Eu posso ainda ser feliz... Oiça-me, sr. Cunha...

Cunha—Ahi ha demencia ou indignidade, senhora!

D. Augusta—Indignidade, não! Indignidade é ouvil-o, sr. Cunha! Indignidade é louvar uma acção cuja infamia seria toda minha, sua não, que é um credor. Jorge nada tem, eu nada tenho, meu filho ha de abençoar-me. Embolse os seus cincoenta contos, sr. Cunha. Quando eu souber que Jorge desceu á indigencia, irei dizer-lhe que tem um talher na minha pobre mesa. Elle acceitará o honrado pão do trabalho, e aprenderá com migo a merecel-o sem humilhações!

SCENA XII

OS MESMOS, JORGE *e depois* RAPHAEL

(*Jorge entra precipitadamente*)

D. Augusta, *recuando*—Jorge!!

Jorge, *aos pés de D. Augusta*—Martyr, perdôa-me! (*A baroneza e Margarida amparam D. Augusta.*) Augusta, nos teus olhos não haverá mais lagrimas! Vê o nosso filho que me não repelle.

D. Augusta—O' Jorge! Jorge! (*Abraça-o com frenesí.*)

(*Raphael apparece, contemplando o grupo com ares de grande jubilo.*)

Cunha, *Limpando as lagrimas*—Deixem-me exercer a minha tyrannia, segundo o costume. (*Separa-os e colloca-se entre ambos.*) Sou um homem tão invejoso e ambicioso de abraços, que vendo por dois os direitos de credor inexoravel. (*Abraçam-no ambos.*) Meus filhos, se a felicidade não principia aqui para vós, é tudo mentira na vida. ABENÇOADAS LAGRIMAS!

FIM

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — A flôr sêcca, por P. Chagas.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.